55 - esg. Todo

ANNA FACÓ

RAPTO JOCOSO

ROMANCE POPULAR HISTORICO

OBRA POSTHUMA

1937

BIBLIOTECA PUB. G.N.P.
OBRA RARA

OR
B869.3
F137n
t.054872

I

Nas ribeiras do Pirangy via-se, em 1874, um casebre de palha que attrahia agradavelmente a attenção de quem quer que por ahi passasse. Estava situado em bella planicie e dentro da area de um triangulo formado por três grandes arvores: um juazeiro á direita, um umarizeiro á esquerda e uma frondosa oiticica que sombreava quasi todo o terreiro contermino á cozinha. Seu proprietario chamava-se Joaquim da Matta. Naquelle tempo teria quando muito cincoenta annos, e era sadio, robusto e afeito aos trabalhos do sertão. Vivia para a familia e lhe dava exuberantes provas de ser pai dedicado, mas de vontade inflexivel. Sua autoridade não se dobrava nem deante de pedidos affectuosos nem commiserada por lagrimas sentidas. «Sou homem de antes quebrar que torcer»—dizia elle; e todavia, não era mau. Sua consorte, a *sinha* Maria como elle e todos a tratavam, concorreu, de certo, para torna-lo mais imperioso, consagrando-lhe muito amor e cega obediencia. Era boa matrona, sisuda e muito tratavel. Dirigia sua casa com habilidade e promptidão, segundo as luzes que recebera no lar paterno, as quaes, não obstante não serem muitas, lhe pareciam mais que sufficientes no tempo e no meio em que vivia. Sabia coser,

fazer renda, lavar, engommar, cozinhar, cuidar de sua casa, criar seus filhos... que mais lhe poderia faltar? — Dinheiro era a resposta que dava, quando a si mesma fazia aquella interrogação. Tinham seis filhos, typos cearenses bem pronunciados, e que não foram victimas dos caprichos e desasos da natureza. Os mais velhos eram dois rapagões morenos, sadios, musculosos, vermelhos e, comtudo, de feições pouco semelhantes; mas si não eram bonitos, não se podiam chamar feios. Seguiam-se-lhes três moçoilas roliças, coradas e que no seu todo—dizia o vulgo—eram bem parecidas, bonitinhas, differindo pouco uma das outras e conforme opinião de quem as visse. Dir-se-iam três flores campezinas, nascidas da mesma planta, tendo porem entre si ligeiras disparidades que serviam para lhes dar mais realce. A mais nova era uma menina de nove a dez annos, viva, intelligente e linda, a quem *sinha* Maria chamava com meiguice — minha caçula.

Compunha-se pois de oito pessoas a familia de Joaquim da Matta, si bem que o mais novo dos rapazes não residisse na casa paterna. Eram todos unidos pelos mais estreitos laços de amizade e viviam á custa das fadigas de seu trabalho. Si passavam pobremente, desprovidos do superfluo e muitas vezes do necessario, não davam por isso ao parecer, tal a tranquillidade e satisfação que de continuo manifestavam. Eram felizes, porque a felicidade consiste na serenidade e no contentamento que sente cada um pela vida, e elles o sentiam em toda plenitude. Joaquim da Matta era summamente trabalhador e

seus filhos não menos. Sua fortuna consistia sempre em um roçado, três ou quatro cavallos, algumas rezes, cabras, ovelhas, perús, capotes, gallinhas, etc. Reunindo tudo isso ao amor que tinha ao trabalho, quando a necessidade, a fome, sem actuarem calamitosos tempos, lhes poderia bater á porta? Nunca. Admiravam todos a bonhomia e doce união desta ditosa familia. Trabalhavam durante o dia, e á noitinha os velhos rezavam, as raparigas, embalando-se em suas redinhas ou tipoias como chamavam, cantavam quadrinhas populares, taes como:

Si queres a romã doce,
Bota-lhe agua no pé,
Quem procura sempre acha
Si descuidado não é.

Eu descuidado não sou,
Tenho feito diligencia,
Mas, porem como não acho,
O remedio é paciencia.

E os rapazes, que, embora não morassem juntos, a essa hora estavam pela vizinhança ou armavam redes nos galhos da oiticica e deitados cachimbavam, contavam suas proesas e quasi sempre terminavam tocando viola e cantando ao desafio, mais ou menos assim:

—Afina tua viola,
Pesca lá tua sabença;
Vamos ver si ao desafio
Tu és cabra que me vença.

—Que sou cabra que te vença
Já bem o deves saber,
Pois eu nunca entrei em lucta
Que me pudessem vencer.

—Que me pudessem vencer,
Só se podem gabar disso
Os olhos de uma menina
Que me deitara feitiço.

—Que me deitara feitiço
Não dirá nenhum rostinho,
Pois amores no meu peito
São como agua em cestinho.

Assim continuavam até que o somno os convidava ao repouso.

Eis a vida normal dessa pobre mas venturosa familia.

II

Eram mais ou menos três horas da tarde. O calor do sol era moderado por nimbos que, de quando em quando, lhe velavam a luminosa face. O vento soprava brandamente, movendo de leve a folhagem das plantas. As filhas de Joaquim da Matta, sentadas á sombra da frondosa oiticica, trabalhavam alegremente Uma fiava, sentada em grande tóro de pau, e para dar mais ligeireza ao fuso, unia a extremidade superior deste á parte anterior do antebraço esquerdo e com a pal-

ma da mão direita impellia-o com força, fazendo-o girar com grande rapidez. Outra sentada em uma esteira de palhas de carnaúba, com as pernas cruzadas e retrahidas, fazia renda em grande almofada. Trocava os bilros com grande agilidade, tão cadenciadamente e ao mesmo tempo com tal ou qual suavidade, que fazia soffrivel arremedo ao trinado dos canarios. A mais velha das irmãs, sentada tambem na esteira, tinha ao lado um balaio de costuras. Remendava um vestido e dizia quasi pesarosa:

—O pobre do meu vestido já está virando alma.

—Deita-o no cisqueiro; elle não presta mais nem para bater roupa—disse a rendeira.

—Assim mesmo ha de botar o inverno fóra.

—Eu sempre quero ver.

—Pois verás. Já não te lembras do que dizia a vovó?

—Já não me lembro da vovó, quanto mais do que ella dizia.

—Pois eu me lembro. Toda a vez que ella mandava remendar qualquer cousa, dizia: «Remenda teu panno que te dura um anno; torna-o a remendar que te torna a durar; remenda-o outra vez que te dura um mês.»

—Mas o teu já tem mais de cem remendos...

—Não senhora; é este o terceiro remendo que eu boto.

—Já vês que só ha de durar um mês, e não até o fim do inverno.

A que estava fiando, sem ligar importancia á conversação das outras, cantava.

—Bonina, flor da noite,
Não abre senão de tarde;
Pelos olhos eu conheço
Quem me quer bem de verdade.

As nuvens pretas são chuva,
As brancas são ventania;
Não cuidei que era tão falso
Quem tão firme se fazia.

Os olhos de meu bemzinho
São tochas de vagalume,
Encantam, porem não queimam
Nem mordidos de ciume.

Nesse momento se aproximava dellas a mais nova das filhas de Joaquim da Matta. Vinha correndo e muito satisfeita. Trajava vestido de chita encarnada, novo ainda, decotado, de mangas curtas, e comprido a tocar nos tornozelos. Seus cabellos ruivos e crespos caiam-lhe soltos pelos hombros e davam-lhe essa singela, natural e graciosa expressão que têm somente as creanças. Calçava tamancos e trazia ao pescoço um cadarçozinho, medida de S. Sebastião, para livra-la da peste, com uma figa de prata, e uns olhos de S. Luzia, do mesmo metal. Tinha nos labios feiticeiro sorriso e estava corada, como soe estar quem anda áquella hora ao calor do sol. Apertava entre as mãos qualquer cousa que occultava num lenço.

—Quem *adivinhá o qui é* qu'eu tenho aqui, eu dou—dizia ella dirigindo-se ás irmãs e levantando as mãos á altura da fronte.

—E' um beijú—disse uma.

—Era de...*sê*—disse a rir a menina.

—E' um pedaço de queijo—disse outra.

—Ah! si fosse... Ninguem adivinha, ninguem adivinha...

—E' um pedaço de tijolo- fez a que estava fiando.

—*Ocê* bem queria nm tijolo assim.

—Foste ao Riachinho com minha mãe, Lizinha? perguntou Dunamira, a mais velha das irmãs.

—Fui; e foi tão bom!

—Ah! já sei, é rapadura—disseram todas a um tempo.

—E' mesmo, foi o Bidito *qui mi* deu.

—E' minha, que eu adivinhei—dissera uma.

—E eu tambem, e eu tambem exclamaram as outras.

—Pois *sinho*, todas *adivinharo*, eu dou a todas, mas *premeiro* tiro *pra eu* um pedacinho, *non* é?

—Não! não tire, não! você já está cheia, comeu muito no Riachinho.

—Quem disse? Comi só uma isquinha do tamanho da cabeça do meu dedo mindinho.

—Qu'historia!

—E' mentira!

—*Non* é não. *Oie, pur* esta cruz *cumi* é verdade—e, occultando a rapadura debaixo do braço esquerdo, fez uma cruz com seus dedinhos indicadores.

—Dê-me, Luizinha, que eu parto—disse Dunamira.

—*Non* dou não, eu sei *parti,* e parto muito *dereitim, ocê* ha de *vê.*

A rapadura era pequena e de pouca espessura, e a menina com exactidão quasi mathematica dividiu-a em quatro partes e deu uma a cada uma das irmãs, ficando com a outra. Emquanto comia disse alegremente a Dunamira:

—Sabe, Nenen? eu vou *ganhá* um vestido de cassa.

—Quem te dá?

—*Non* digo não. *S'ocê subesse* . . .

—Deixa de asneira, diz logo . . . E' segredo?

—E', só digo a você, Nenen.

—Então vem dizer logo, deixa de rodeio.

—*Non* sou eu tola. E a Marianna e a Caindinha *non tão* ahi?

—Deveras! nós não podemos ouvír? Pois eu não saio, meu bem—disse Marianna.

—Nem eu; era o que faltava!—tornou Caindinha, fazendo girar o fuso com mais rapidez.

—Pois sim, *ocês non sae* nem eu digo.

—E quem s'importa? menina tola!

—Sim, *non* s'importa, mas *non* sae nem a pau.

—Não saio porque não quero, ouviu?

—Póde *non saí,* eu digo sempre . . .

—Diga.

—Digo, digo bem no seu *uvido, non* é, Nenen?

—E', vem dizer logo.

—Mas veja . . . faça eu *ganhá* o vestido *qui* só tenho dois.

—E quem dá o vestido sou eu?

—Não, mas póde *fazê* eu *ganhá* ou *perdê*.

—Como ?

—Dizendo sim ou não.

—Ah! é recado de moço ?

—Ih! D. Luizinha, você está servindo de alcoviteira ?... Vou já contar a sua mãe,—bradou a fiandeira meneando a cabeça.

Póde *í*, o *camin t'aberto*—tornou a menina. E achegando-se de sua Nenen :—*Vamo*, Nenen, vou *dizê* no seu *uvido;* mas eu quero *ganhá* o vestido, *tá uvindo ?*

—Há de ganhar, e por que não ? diga.

Luizinha, cingindo com os braços o pescoço de Dunamira, que por sua vez a cingia pela cintura, murmurou :

—Escute, vou *dizê* bem baixinho *p'ras meninas non uvi, non* é ?

—Sim, sim; mas ande logo com isso.

—Lá vae, ouça—segredou a menina.

—O *ti* Antonio mandou *priguntá s'ocê quê casá cum* elle.

A jovem de risonha que estava, fez-se carrancuda e ao mesmo tempo rubra de colera. Torcendo com impeto, por meio de forte belliscão, o couro da barriga da creancinha, balbuciou rangindo os dentes :

—Está o vestido! está o vestido! muito bonito, hein? Vale bem o recado, pois não? Vae, vae levar a resposta e dizer-lhe que já tiveste o pago.

Luizinha poz as mãos na barriga, esfregando-a como para mitigar a dor, e afastou-se chorando e dizendo :

—Ai! ai! ai! ai!... vou contar á mamãe *qui* a Nenen feriu minha barriguinha... Ai! ai! ai!...—e saiu correndo.

—Bem feito! bem feito! Dá recado, Luizinha... E' bom? é bouito o vestido? Foi barato, muito barato, não foi?—dizia Candida rindo-se, emquanto a menina se afastava.

—Portador não merece pancada—disse Marianna.—Mas por que te zangaste tanto, Namira? Quem te mandou o recado?

—Uma lesma.

—Agora eu bem sei quem foi, não é preciso que ella me diga; foi o arteiro do *ti* Antonio, não foi? Ora, si...

Dunamira não respondeu. Luizinha ao chegar á porta da cozinha, parou, enxugou os olhos voltou-se para ella e fitando-a com olhar de quem protesta, batendo com a destra fechada na palma da mão esquerda, bradou:

—Vou *dizê* ao *ti* Antonio *qui* tu *qué*, vou *dizê*, vou *dizê*...—e entrou correndo.

—Eu não disse?—tornou Candida.

Dunamira levantou-se descontente e silenciosa e seguiu para casa. Marianna e Candida continuaram seus trabalhos ora cantando, ora conversando alegremente.

III

Declinava a tarde.

Aos ultimos clarões do dia precedem os ultimos raios do sol, como ás labaredas multicores

precede o denso fumo azulado. O sol caminhava para o occaso com a lentidão e serenidade daquelle que, tendo cumprido á risca seu dever, volta calmo e satisfeito ao conchego do lar. No occidente o céo coloria-se de tons roseos como as faces de virgens ao calor do pejo; entretanto, o matagal parecia accentuar de mais a mais o verdor de sua folhagem.

Dunamira sentara-se á sombra de frondoso cajazeiro, que ficava algum tanto distante da casa, e, emquanto aguardava as irmãs de volta do rio, onde tinham ido buscar a roupa que haviam lavado, descaroçava algodão, cujos flocos abria em pastas que ia cuidadosamente arrumando num cesto de cipós brancos e vermelhos.

Trabalhava cantando prazenteira, como habitualmente fazem as nossas raparigas da plebe, maxime quando trabalham com agradavel disposição. Cantava suavemente numa toada bonitinha, com estribilho, verdadeiro inigma indecifravel, dos muitos que ha entre o nosso bom povo.

—Quem quizer ser bem querido
Não se mostre affeiçoado,

Um b com a,
Arre lá c—a cá
Das mulatas c—e cé
Nem que leve t—o tó
Calabró t—e té.

Porque o amor conhecido
E' sempre o mais desprezado.

Um b com a,
Arre lá c—a cá
Das mulatas c—e cé
Nem que leve t—o tó
Calabró t—e té.

No momento em que ella trabalhava com maior actividade, indifferente ás bellezas que a cercavam e surda ao gorgeio dos passaros que pousavam nos ramos do cajazeiro, um sexagenario, que parecia bazofiar de moço ainda, se lhe apropinquava pausadamente.

Era um velho corpulento, vigoroso e bem conservado. Muito vermelho, e teso como se estivesse nos seus vinte e poucos annos, tinha uma força muscular não commum e tal firmeza e agilidade nos membros que desmentiam sua idade. Era tão amigo do trabalho, quanto acerrimo inimigo dos preguiçosos. Combatia os calaceiros de sua familia e não perdoava a ociosidade. «A preguiça—dizia elle—induz a todos os vicios e aninha a todos os males.» Era de estatura regular, sadio, forte, bem disposto e, apesar de trabalhar talvez com excesso, fazia ver como o trabalho é util para a saude. Sua physionomia naturalmente desgraciosa não pudera senão perder com o passar dos annos; comtudo, sendo já sexagenario, e viuvo apenas ha dois annos, sentia por Dunamira uma paixão que o fazia estralar de anciedade. Naquella occasião, aproximando-se cautamente da laboriosa rapariga, sentia-se subjugado por duas forças contrarias: uma que o impellia

para ella, outra a difficultar-lhe os passos, como a prohibir-lhe que della se achegasse. Parou um instante, fitou-a com ternura, abafou apaixonado suspiro e pareceu escuta-la attentamente. Passados alguns minutos marchou de novo em direcção á jovem, mas vagarosamente como si temesse assusta-la. Quando dois ou três passos o separavam della, deitou-lhe olhares febris e a custo conseguiu cumprimenta-la com a voz visivelmente tremula:

—*Boas tardes*, Dunamira, como estás?

A moça levantou a cabeça, olhou-o com espanto e, soerguendo-se, estirou para elle o braço direito com a mão aberta e disse seccamente:

—Minha abençâo...

—Abençoada sejas de Deus. Trabalhando a esta hora!...

—Que tem isto? preciso de trabalhar.

—Mas, minha santa, trabalhar de mais faz mal a gente—dizia o velho, esquecido talvez de que se entregava tão voluntaria e aferradamente a grandes labores quotidianos.

—Nunca senti mal que o trabalho me fizesse, graças a Deus.

—Mas pódes sentir ainda; pódes emmagrecer... e até... ficar velha antes de tempo.

—Dessa velhice não tenho medo.

Dunamira falava com enfado; e Antonio, pois era elle, não desejando contraria-la, julgou prudente não continuar no mesmo sentido. Guardou silencio por um segundo; depois baixando os olhos, corando até á raiz dos cabellos e movendo perturbadamente um botão, seu leal companheiro, perguntou hesitante:

—A Luizinha te deu o recado ?

—Não sei de nada não!...—respondeu ella arrebatadamente, franzindo os sobrolhos e deitando ás pressas todo o algodão no balaio.

—Ainda insistes, Dunamira ? ...

—Insiste em que ?

—Em não querer ser minha mulher ?

—Insisto, sim senhor; insisto hoje e amanhã e sempre.

—Pois tu me engeitas, creatura ? ...

—E por que não? Mais devia admirar-se de querer ainda casar-se tornou ella, levantando-se com presteza e buscando ensejo de safar-se.

—E por que me engeitas—perguntou o velho admirado,

—Porque sim.

—Porque sim, não; porque sim não é resposta.

—Dá licença? Minha mãe está me esperando.

E fez menção de sair. O velho, porem, pondo-se deante della, supplicou-lhe com brandura:

—Espera, espera... é um instantinho, só um instantinho, Namira!...

—Para que me quer? Tenho muito que fazer.

—Quero que me digas por que não devo mais querer casar-me.

—Oh gentes! e não sabe ?

—Não, não sei não; mas peço-te que sejas franca, que m'o digas.

—Sim, posso dizer, mas depois...

—Depois o que?

—*Gente* não se zangue commigo.

—Zangar-me comtigo?!... eu?!... eu mesmo zangar-me comtigo?... Era mais facil o mar seccar.

—Pois então lá vae.

—Venha, venha seja o que for.

—Pois bem, não tenho lingua de trapos: quantos janeiros já tem?

—Ah!!...—fez elle com intonação tal de admiração e despeito, que si Dunamira não estivesse ali tão constrangida, haveria soltado gostosa gargalhada. Aquella pergunta inesperada produziu no pobre velho maiores horripilações, do que poderia produzir um balde dagua gelada, lançada, ás seis horas da manhã, nas espaduas núas de um friorento. Espalhou-se-lhe nas faces excessiva pallidez, ligeiro tremor agítou-lhe os membros e irritou-lhe a garganta pigarro inopino. Mordeu os labios e continuou com azedume, mau grado seu:

—Achas-me velho? Pois sabe—na secca de 45 eu era rapazote.

—Não sei quando foi, nem quando não foi a secca de 45; só sei é que meu tio ja está no calçado velho.

—Só tu é que me achas velho assim.

—Só não acha quem é cego.

—Têm-se casado milhares e milhares mais velhos do que eu, e não tendo de seu senão a noite e o dia. E com quem? Com mocinhas de cheirar e guardar.

—Que tenho eu com isso! Não sigo pisadas de ninguem. Procure uma dessas.

—Já procurei: és tu.

—Eu? Só me casarei com o senhor quando as gallinhas criarem dentes.

—Não digas tal asneira. Lembras-te que, si te casares commigo, terás tudo o que precisares; terás mais: tudo quanto quizeres.

—Estou satisfeita com o que tenho.

—Si te casares commigo, não has de trabalhar como trabalhas agora.

—Ave Maria! viver sem trabalhar? Não eu.

—Si te casares commigo, serás a maior da terra.

—Já cheguei ao tamanho que devo ter, e não quero crescer mais. Mulher muito grande é quartau de pobre.

—Não sejas ingrata! Si te casares commigo, não terás um marido, mas um escravo que te ha de obedecer sempre, que viverá somente para ti, que fará somente o que quizeres.

—Não faço empenho de escravos, e muito menos de um a quem devo obedecer.

—Tu me obedeceres, Namira? Não! tu mandas, eu obedeço; tua vontade é a minha.

—Minha vontade é que não se lembre mais de casar commigo e deixe eu passar.

—Não sejas ingrata!... Não quero mais viver, si não chegar a ser teu marido.

—Pois não viva; meu marido não ha de ser.

—Hei de ser, hei de ser...

—Longe vá o agoiro...

—Tu has de ser senhora de mim e dona de todo meu possuido, si Deus quizer.

—Deus não ha de querer tal. Cuida que desejo ser rica? Está muito enganado.

—Eu bem sei qual é o teu desinteresse; fazes tudo isso porque tens *um* de olhos.

—Deus me livre de ficar na *peça*; hei de ser tia, mas é tendo sobrinhos. Deixe eu passar...

—Não sejas cruel, Dunamira! tem pena deste infeliz!... Eu te amo, te adoro... tu és a minha ambição. O meu pensamento, a minha vida, tudo é teu. No trabalho, no descanso, a toda hora, dormindo ou acordado, só penso em ti... Si não me caso comtigo, enlouqueço. Tem piedade de mim! paga-me este amor que me consome, me desespera, me mata!... Supplico-te—tem piedade de quem tanto te quer!...

O sexagenario falava com voz tremula, quasi chorosa Estava febril. Grande anciedade dominava-o naquelle momento. Uma idéa fixa—levar a virgem comsigo—fazia-o sobremodo agitado. Seu olhar tinha para Dunamira um brilho desconhecido, e parecia tentar magnetiza-la como a serpente á pobre avezinha. Dá um pulo o apaixonado velho, achega-se agilmente da timida rapariga, e, antes que ella se possa desviar, agarra-a por um braço, attrai-a com sofreguidão e diz-lhe tremente de prazer:

—Agora sim, Namira, tu és minha! só minha! Levo-te para nossa casa, e teus pais não ficarão zangados, eu te afirmo. Anda, vamos, vamos menina de meus olhos!...

—Ai! ai! me solte pelo amor de Deus... me solte! não vou! não vou!. . Meu pai! meu pai me acuda!...—dizia Dunamira tremendo de medo e a chorar, emquanto forcejava por libertar-se de tão molesta cadeia.

Neste momento acercava-se delles Anastacio, o filho mais velho de Joaquim da Matta.

—Que é isso?—disse elle simplesmente; mas

foi bastante para que o velho, em vista daquella inesperada testemunha, soltasse a pobre Dunamira, embora o fizesse fulo de raiva.

Ao ver-se livre daquellas garras que lhe deixaram vincos sanguineos no braço, Dunamira desappareceu correndo. Anastacio, como todos os seus, desejava muito o casamento de Dunamira com Antonio, casamento que tanto convinha a sua pobre familia; não satisfeito, portanto, de sua involuntaria intervenção, tambem desappareceu. Antonio ficou só.

IV

O que experimentou o apaixonado velho ao ver mallograda sua tentativa, fugir-lhe mais uma esperança e sua bonita presa escapar-se tão facilmente de seus grilhões, deixara-o em verdadeiro estado de desespero. Por minuto fixou o olhar desvairado na direcção que tomara a jovem. Dir-se-ia que seus olhos vomitavam fogo, emquanto tremor de colera lhe convulsionava os membros. Suspirava, mordia os labios, e de vez em vez, levava as mãos á fronte como a impedi-la de fender-se pelo excesso da furia. Ia e vinha a passos agitados gesticulando e murmurando imprecações. Sua voz elevou-se a pouco e pouco, e, ou porque não pudesse tomar vingança naquelle momento, ou porque não pudesse conter

a multidão de pensamentos freneticos que em seu cerebro se amontuavam, desabafou explodindo em lenga-lenga irrisoria contra tudo, e contra todos.

—Diabos te levem, rapaz estonteado, Anastacio de bôrra! Quem te mandou cá, filho de uma mãe? Tiraste-me o peixe da rede; mas deixa estar que cedo ou tarde me has de pagar juros e capital; tão certo como dois e três são cinco.

Fez breve pausa e depois continuou:

—E a *sinha* Dunamira, aquella sonsinha que me parecia tão santa, não botou as manguinhas de fóra? não teve o atrevimento de dizer nas minhas barbas, a mim mesmo, que não devo querer mais casar-me, que não casa commigo porque sou velho?!... Vêem-se cousas da gente benzer-se três vezes!... E' verdade que já não sou menino; mas não sou velhaças, nem me troco ainda por nenhum desses creançolas dagora que são todos uns marmanjões de força. Está dito, não me troco por nenhum. Bem diz o compadre Zeferino que já se foi o tempo em que os homens tinham juizo. De primeiro estava na vontade dos pais a escolha das filhas. Hoje, que dizem elles? Si ella quizer... Isto é ser bom? isto é querer bem a filho? Miseraveis! nem se lembram que nem sempre, ou antes que nunca se devem fiar no querer dessas tontas que escolhem sempre o que não presta. Si apparece um bandalho que dá no goto da filhinha, lá vae um casorio, sem o bom do pai se lembrar como irá a filha viver amanhã, nem indagar siquer (vae lá quebrar a cabeça com isso!) que casta de ho-

memzinho é o tal genro. Seja bom ou seja mau, trabalhador ou preguiçoso, vicioso ou sem vicios, pouco se lhe dá. Basta que ella queira. Vejam que modo de proceder! E' que tanto juizo tem o pai quanto a filha. Si o compadre Joaquim é um desses que posso eu esperar? Um não redondo todas as vezes que lhe falar nisso. E que hei de fazer? Arrastar a mala e chorar na cama que é lugar quente, porque não tive o geitinho de cair nas graças da filha daquelle mollengo. Já lhe falei nas minhas intenções, já lhe pedi a filha em casamento, e que me respondeu elle? "Compadre, era muito do meu gosto, mas a menina não quer por meio algum... não sei o que lhe faça." Isso é resposta que dê um pai que se dá a respeito?! Agora eu que morra de paixão, pois a quero mais do que a mim mesmo. Si a diacho da não sei que diga é uma tentação, e tem faceirice de matar a gente! Mas juizo tem tanto como uma gallinha. Ah! tratante, não queres casar commigo porque dizes que sou velho! Velho! Velho! Eu queria ver o moço que se atrevesse a medir as forças commigo.

Ah! creaturinha desmiolada, mal sabes o que perdes... Não, não perderás eu te darei as voltas, pois «agua molle em pedra dura, tanto dá até que a fura». Mas... ai! aquella resistencia me faz suar o topete!...

Enxuga uma lagrima e prosegue:

—Eu bem sei quem me vem entornar o caldo; é aquelle Reinaldão, jogador, pai da preguiça, que anda com derriços a fazer-lhe zumbaias.

Ella é como todas as outras; vae lá ter a pachorra de se lembrar como viverá amanhã?

Qualquer dellas vae a um samba, onde se encontra com um taful que não teme pai nem mãe, que não respeita ninguem; mas canta, dança, toca pandeiro, viola, conta lérias para enganar aos tolos, e que emfim é um vadio, um bebado, um amofina mulheres. E que succede? Sae perdida por elle, porque dançou com elle um baião, um côco, um diabo! porque ouviu delle cantiguinhas em seu louvor; porque recebeu delle um cravo, um lenço de dois tostões, um frasco de macassar e... (o que é peor) um beliscão!... Dahi!... pensa nelle, sonha com elle, até que chega a maldita hora de com elle casar. Pouco tempo depois lá está se lamentando, chorando de arrependida, maldizendo o seu destino, porque ora vê o tal marido consumir no jogo tudo quanto faz; ora o vê chegar em casa aos tombos, cheio de quanta aguardente ha no mundo, e então maltrata-la, esmurra-la, despreza-la e traze-la núa, faminta, magra de fazer dó, amarella como uma defunta. Mas, «pancadinhas de amor não doem...» não faz mal não, bem feito! Escolhe o homem pela presença e não pelo valor? quer marido mocinho, bonitinho, engraçadinho? Pois bem, aguente-o. Assim quer, assim o tenha. É meu gosto.

E' o que *sinha* Dunamira quer que lhe aconteça; não ha, porem, de acontecer, porque eu serei seu anjo da guarda.

Oh! mas não me posso esquecer de ter aquella ingrata tido a coragem de me dizer que já estou no calçado velho!... Ah! minha tontinha, si soubesses como ainda me sinto moço e robusto... si soubesses o que se passa em mim quando

penso em ti... si soubesses como meu coração dá pulos de contente quando te vê... si soubesses como o sangue me ferve nas veias, quando me olhas e me falas... si soubesses como meu rosto arde, meus passos vacillam e eu todo tremo quando chego perto de ti... talvez outro gallo me cantasse. Comtudo, nada de recuar, Antonio. "Deus ajuda a quem trabalha". Has de lutar, mas has de vence-la, porque Deus é servido. "Quem porfia, mata caça".

Neste solilóquio continuou até a casa de Joaquim da Matta.

V

Dunamira caminhava a passos rapidos. Viam-se ainda na sua physionomia vestigios de rancor e susto. E ao mesmo tempo lhe transparecia nos olhos, através das lagrimas, essa indescriptivel satisfação que experimenta quem se vê descarregado de peso enorme que o fazia succumbir.

Dir-se-ia que milagrosamente acabava de escapar aos mortiferos dentes de uma cascavel; entretanto chorava. E de que chorava? De iracundia? de temor? de contentamento? Nem a si mesmo o saberia dizer. Sua alma sentia-se dominada por muitas sensações diversas, casando-se com o crepusculo vespertino, que actuava na-

quelle momento. Na perturbação em que estava, não dava pela falta do balaio do algodão que havia esquecido ao pé do cajazeiro; nem notava que seus longos e ruivos cabellos, que ha meia hora se achavam enrodilhados sobre a nuca, se viam agora soltos pelos hombros e livres do pente que os prendia e que provavelmente ficara em companhia do cesto. Continuava no seu apressado caminhar, quando uma voz, a cantar distante, a fez estremecer. Era uma voz melodiosa e agradavel que mais e mais se aproximava. Sem duvida não lhe era desconhecida e tão pouco indifferente, por isso que sua perturbação augmentava á proporção que a distancia diminuia. A voz já estava tão perto, que Dunamira poude ouvir distinctamente algumas quadras que mais augmentavam seu enleio, e todavia costumava canta-las sempre, taes eram:

E' com a luz de teus olhos
Que meus olhos podem ver;
Si te ausentas fico cego,
Cego não quero viver

Abrindo os olhos te vejo,
Fechando-os vejo tambem;
Tua imagem está commigo
Em toda parte, meu bem.

A menina de teus olhos
Nos meus olhos se retrata;
Eu prefiro ver-te morta
A que me sejas ingrata.

Esta ultima quadra foi cantada quasi ao pé de Dunamira que de subito parou vacillante, com o rosto ardente e as mãos geladas. Quem assim cantava conturbando-a tanto? Um rapaz de pouco mais de vinte annos, alto, moreno e menos gordo que magro. Cobria-lhe a cabeça um chapéu de couro de abas largas.

De calças arregaçadas até ao joelho, de enxada ao hombro e cachimbo na mão, revelava no olhar, no riso, no andar despreocupado essa paz de espirito, esse contentamento intimo de quem se satisfaz com aquillo que é e com os bens que possue. Era filho unico e gosava ainda a companhia de seus pais, já velhos, para quem trabalhava com prazer. Rasgar as entranhas da terra quanto preciso fosse, para tirar della meios de subsistencia era para elle, em vez de tarefa espinhosa, salutar occupação. Banhar todos os dias o rosto em suor, tê-lo tostado pelo sol e as mãos calejadas, erguer-se antes da aurora e deixar seus labores ao cair da noite fôra a traça que seguira desde seus mais tenros annos. E julgava-se feliz, porque tinha a convicção de ser necessario e util a seus progenitores e porque lhe dizia a consciencia—és bom filho, cumpres o teu dever. Era bom, morigerado e pouco dado a divertimento; ainda assim Antonio, que era seu padrinho, não corava de tacha-lo de bebado, jogador, pai da preguiça. Mas o mundo é isto mesmo. Fala a paixão? emmudece a razão. Ajuizam todos segundo as paixões de que se acham possuidos; dahi a discrepancia de opiniões, notando-se muitas vezes que a mesma pessoa, a mesma cousa tem para uns valor inestimavel e para ou-

tros deméritos risiveis. Que via Antonio no rapaz, no Reinaldão como elle chamava? Um rival que lhe fazia sombra e desta sombra nascia o seu despeito. E Reinaldo entretanto, si bem que visse na paixão do velho uma nuvem negra que se levantava no horisonte de suas aspirações, não se preoccupava com ella, olhava-a desassombrado, ao modo de quem está no alto a contemplar o touro que embaixo escarva o chão furiosamente. Teria razão? O tempo dirá.

Naquella hora regressava de seu trabalho diurno, e tão prazenteiro que se absorvia inteiramente no canto, de modo que só deu com os olhos em Dunamira, quando já podia sentir-lhe o calor das faces. Deteve-se immediatamente e vendo-a chorar, assustou-se e perguntou:

—Que é isso? está chorando? por que?

Gracioso tremor espalhou-se no todo da lacrimosa rapariga. Que significava elle? Amor? Tão somente, não. Amava-o; seu amor, porem, era calmo, não illimitado nem muito extremoso; tinha affectos, mas não excessivos; era sincero mas commum; nem sua natureza pouco ardente poderia senti-lo de outra forma. Que denotava, pois, tamanho enleio? Amor, prazer, timidez, confusão, tudo ao mesmo tempo, mas o que mais a commovia era ver bem encaminhado para a realização um designio que tivera, quando se viu livre das mãos de Antonio—casar-se quanto antes. Encontrando-se portanto inesperadamente com aquelle a quem amava e a quem desejava ligar-se pelos laços do matrimonio, bemdisse a Providencia que parecia tão de prompto soccorre-la, sentindo-se todavia summamente sensibili-

zada. Ali se lhe apresentava o mais favoravel ensejo de se entender com o rapaz, o seu escolhido; era comtudo mistér falar. Teria animo para tanto? Não o sabia. Tentava serenar-se, reter as lagrimas, vencer a hesitação, e todo o seu esforço se anniquilava pelo tumultuar de sensações diversas. Estava convencida de que perder aquella opportunidade seria loucura, e continuava todavia irresoluta, bem a seu pesar.

Reinaldo sentindo-se mais inquieto perguntou de novo:

—Por que está chorando, Namira? Que lhe aconteceu? Diga, diga!... não me faça desesperar!...

Dunamira deitou-lhe um olhar tão terno e supplice, que o fez estremecer como si um fluido electrico lhe penetrasse até a medula. Corou, baixou os olhos e ficou estatico. Seguiram-se minutos de oneroso silencio. A jovem conseguiu finalmente dominar-se, enxugou o pranto, olhou o rapaz, e perguntou-lhe de chofre:

—Sabe que *ti* Antonio anda a perseguir-me para casar com elle?

—Sei-o.

—E sabe que meu pai quer muito, quer demais tal casamento?

—Sei-o.

—Sabe tambem que meu pai prefere que eu me case com elle, a que eu me case...

—Commigo? Sei tambem. Meu padrinho é rico e eu sou pobre.

—Mas não sabe de quanto o bom do seu paprinho, aquelle *cururú* velho, é capaz.

—Ora si sei... elle é capaz de fazer o que o diabo não fez.

—Ind'agora quiz levar-me á força. Si o Nastacio não tivesse chegado...

—Que está dizendo?! Elle quiz leva-la á força?

—Agarrou-me por este braço, olhe como ainda está vermelho—disse Dunamira levantando a manga do vestido e mostrando o braço direito.

Reinaldo mirou-a com ternura e bradou:

—Que atrevido!... Ah! eu aqui!...—e adoçando a voz:—Era por isso que você estava chorando, não era?

—Era; só a lembrança me faz arrepiar os cabellos.

—Assim mesmo ainda não quererá fazer o que lhe propuz, Namira?

—Eu queria que meu pai consentisse.

—Mas elle não consente, você bem sabe.

—Não consente agora por causa daquelle *miguel;* mas queria muito.

—Bem sei disso; mas agora não consente, porque está cego pelo interesse, portanto, façamos aquillo que está em nossas mãos. Decida-se... Foge?

—Fugir é tão feio!

—E feio, sim senhora; mas é um feio que muita gente bôa tem feito.

—Bem sei disso. A *sinha* D. Rufina, mulher do capitão da villa... não casou fugida?

—Casou; e era moça rica. E deixou por isso de ser a *sinha* D. Rufina? Não deixou, não. Quando ella fugiu, os pais fizeram barulhão, botaram mattos abaixo... e depois? Beberam a agua que

enlamearam: vivem hoje na casa da filha e dizem que a pessoa melhor do mundo é o genro. Faça o que ella fez e verá como lhe ha de succeder o mesmo.

—Faço, porque não ha outro remedio e porque o diabo do velho tem artes do cão.

—Tem mesmo. Venho espera-la hoje logo que a lua sair.

—Já hoje?

—E então?! Não devemos perder tempo, meu coração.

—Mas eu ainda não estou prompta.

—Que prompta!... "quem vae para casa não se molha".

—Mas...

—Mas o que? Não tem medo que o velho faça amanhã o que quiz fazer ind'agora?

Dunamira mui difficilmente podia vencer o escrupulo que tinha de acceitar a proposta de Reinaldo; lembrando-se, porém, de que desta ou daquella fórma poderia ser obrigada a desposar Antonio, disse:

—Hoje, não, porque não é mais possivel, mas amanhã...

—Pois bem, seja amanhã; Deus permitta que já não seja tarde

—Tarde? por que?

—Porque meu padrinho quando quer alguma cousa, emquanto não a consegue, não esquenta lugar.

—Mas eu lhe juro que elle tão cedo não porá os olhos em mim.

—Deus queira.

—Ha de querer. Onde vem você... Calou-se de subito, vendo suas irmãs se aproximarem. Estas, de certo, não poderiam ouvir o que dissesse Dunamira; ella, porém, tomada de susto, não continuou. Reinaldo estava algum tanto desviado do caminho e meio occulto pelo matto, de modo que mal chegaria a ser visto pelas irmãs de Dunamira; mas esta receosa, instou com elle para que se retirasse. O rapaz não se oppoz á sua vontade, e, apertando-lhe estreitamente a mão, disse-lhe quasi ao ouvido:

—Amanhã á noite, atraz do umarizeiro, ouviu?—e desappareceu no matto.

Dunamira foi reunir-se ás suas irmãs que voltavam do rio, trazendo cada uma dellas uma trouxinha de roupa na cabeça. Notaram ellas immediatamente vestigios de lagrimas nos olhos da irmã e lhe perguntaram inquietas:

—Choraste, Dunamira? Por que?

—Óra, porque!—tornou Dunamira—Para descanso dos moços. Deus devia tirar deste mundo todos os velhos viuvos que andam a persegui-los.

As irmãs comprehenderam-na e riram. Tinham visto um homem com Dunamira, mas pela posição em que elle se achava, não poderam reconhece-lo, julgaram ser Antonio.

VI

Na mesma occasião em que Dunamira se entendia com Reinaldo, Antonio, que não perdia tempo, chegara á casa de Joaquim da Matta. Este

e sua mulher achavam-se no copiar, sentados no chão, cachimbando e debulhando um pouco de feijão verde. A' proporção que trabalhavam, iam calculando quantos alqueires de milho e feijão secco poderiam apanhar no fim do inverno. A colheita havia de ser bôa, pois o roçado estava muito bonito. Ao verem Antonio, se levantaram prestemente e correram a recebe-lo com muita affabilidade. Depois dos cumprimentos habituaes, Antonio, instado pelos donos da casa, se sentou em uma rêde que estava armada no meio da sala, e soltou um ai sonante e prolongado, talvez com o intuito de incitar compaixão. Joaquim da Matta pediu-lhe o chapéu e o bordão e foi deita-los delicadamente sobre um banco pesado e rugoso que descansava ao pé de uma das paredes lateraes; em seguida, offereceu-lhe o cachimbo e fogo, essencial agrado do camponez ás suas visitas.

Antonio acceitou-os, dizendo tomar somente duas ou três fumaradas; não podia demorar-se muito. Tinha aproveitado aquella occasião, porque tivera certeza de encontra-los sós e precisava falar-lhes em particular. Então os pais de Dunamira se sentaram muito achegados á rêde: Joaquim numas cangalhas velhas, primeiro movel que á pressa lhe deparou, e a mulher no chão, tendo ao regaço o cesto do feijão, que ia debulhando distrahida e vagarosamente. Fumavam todos três. Antonio começou dizendo—que era cabeçudo, não cedia assim por "dá cá aquella palha", e, portanto, ia pedir-lhes mais uma vez a mão de Dunamira; que delles esperava a felicidade, e vissem que tambem ganhariam muito

com o negocio. Fez-lhes então a relação enorme dos bens que possuia: três roçados, cada qual maior e mais bonito; quatro fazendas com muito gado; uma cavallaria immensa, tendo quatro cavallos de sella dos melhores; algumas leguas de terra; aviamentos para safra de mandioca e mais isso, mais aquillo. Onde encontrariam elles partido mais vantajoso para a filha? Joaquim e Maria, cheios de cubiça, em tudo concordavam, mas temiam a tenacidade da filha. Antonio para mais inclina-los a seu favor continuou lastimando-se, queixando-se da ingratidão da rapariga, que lhe fugia sempre e até parecia aborrece-lo, quando elle daria os proprios olhos para possui-la! E proseguiu:

—Sei, compadre, que si não me casar com ella, em breve deixarei de viver. Olhe, será feitiço, será loucura, será tentação do maldito, mas eu queria casar com a Namira, embora me casasse num dia e morresse no outro.

—Ave Maria, compadre!... eu queria que você se casasse, mas para viver muitos annos ainda.

—Si você deseja isso quanto mais eu, comadre; disse aquillo para lhes mostrar quanto bem quero a ella. Mas respondam: posso ou não contar com o consentimento de vocês?

—Por mim, compadre—fez Joaquim—desde a primeira vez que você me falou nisso, teria consentido com o maior gosto; mas a menina é renitente! Tenho lhe dado conselhos; tenho lhe mostrado as vantagens deste casamento; tenho lhe dito que não seja creança, se lembre que si casar com você é um achado, é sair do purga-

T-054872

torio e entrar no céo... E tudo tem sido «malhar em ferro frio», a menina está com a cabeça virada.

—Desvira-se, compadre, desvira-se!...

—Desvira-se como?

—Obrigando-a. Pois você é pai que não póde com os filhos?

—Posso, e já falei em obriga-la, mas a *sinha* Maria fez logo um berreiro enorme: que não, que não fizesse isso; era uma crueldade, uma *judiação* que eu queria fazer com a filha della... e eu afrouxei.

—E' verdade que eu fiz isso, mas fiz porque não gosto de cousas obrigadas. Para mim—"o que é de gosto regala o peito", e portanto é melhor ir tirando-a pelo brando—tornou Maria com mansidão.

—Si é melhor, porque ainda não o fez, comadre?

—Porque gente moça não cede assim com duas risadas.

—Aquella não ha de ceder nem com cem nem com mil. Si você esperar que ella se dobre ao seu desejo, está bem aviada.

—Não é tanto assim não, compadre; "de gota em gota o mar se exgota", quanto mais birras de mulher.

—Sim, fie-se na virgem e não corra... você ha de esgotar, mas é a sua paciencia--replicou Antonio com enfado.

Tinha razão. E' mui difficil convencer a uma virgem, que está no maior brilho da adolescencia, das grandes vantagens que lhe póde trazer o seu consorcio com um sexagenario,

sobretudo quando ella o recusa obstinadamente. Podera! O homem que tem já festejado seu anniversario natalicio pelo menos cincoenta e nove vezes; que tem já o craneo quasi nú, orlando-o apenas na parte posterior um semi-circulo de cans alvissimas; que tem o rosto bastante sulcado, parecendo cada sulco indicar um decenio; que traz os labios retrahidos sobre as gengivas, procurando occultar a falta dos trinta e dois dentes; que anda inclinado para a frente, vacillante e vagaroso, receando a cada passo tropeçar na sepultura, póde inspirar respeito, commiseração, porém não amor. Póde, si tem fortuna, despertar a cubiça de um pai, mas de moça, não. E Antonio, posto que estivesse ainda bem conservado, não tinha menos de sessenta annos. Não é caso extranho casar-se uma mulher na primavera da vida, com um homem de mais de meio seculo; não deixa, porém, de ser uma deformidade, donde se tira esta illação: si a mulher é impellida a isso pelo amor—é exotica; si arrastada pelo interessse—uma insensata; si obrigada pela cubiça dos pais—uma infeliz.

Esta asserção tem comtudo suas quebras, porque neste velho mundo tudo é enganoso. Quantas vezes aquellas que suppomos se criarem num delicioso mar de flores, se extorcem no pruriente seio da desventura? Si as regras se afastam por vezes de seu natural caminho para cede-lo a anormalidades que nem sempre são desastrosas, não é raro o enlace conjugal de pessoas mui distanciadas na idade que tenha surtido bem.

Antonio e Joaquim, depois de muito parafu-

sarem, suggerindo um ao outro expedientes que pudessem, como diziam elles, fazer a menina chegar-se á razão, tiveram de ceder a confiança á certeza de que a desinteressada rapariga não se deixaria embair por nenhum delles

Joaquim mostrava-se desgostoso; mas Antonio, que não desanimava, embora convencido de que Dunamira não o acceitaria voluntariamente, levantou-se dizendo:

—Vocês querem ou não querem?

—Queremos, fizeram ambos.

—Pois bem, deixem tudo por minha conta...

—Está dito, deixamos—disse Joaquim.

—Bom era que ella quizesse por gosto—aventou Maria, olhando timidamente para o marido, que atalhou logo:

—Era, era muito bom, mas não quer...

—Que vae fazer, compadre?—perguntou a mãe algum tanto receosa.

—Não se assuste, comadre; você bem sabe que eu quero muito a Dunamira e portanto, não lhe hei de offender nem com a ponta de um alfinete.

—Assim o espero.

—Podem ter certeza que farei tudo da melhor fórma, e que si não me casar com ella.. nem sei, nem sei!...

—Ella podia poupar-nos tudo isso, mas não tem juizo e alem disso é mulher... teimou, acabou-se.

—Não é por isso não; eu bem sei porque é —observou Antonio tomando o chapéu e o bastão.

—Por que é, compadre?

—Pois vocês não sabem ?! Admiro ! Bem dizem que os pais têm os olhos vendados.

—Não diga isso, compadre... para meus filhos eu tenho os olhos muito abertos.

—Que abertos, compadre!... tão abertos que não vêem um rapaz que é morto e vivo aqui em sua casa, que está prompto para o que vocês quizerem, e presentes mais presentes, agradinhos mais agradinhos... E' por você ? E' pela comadre que elle faz tudo isso ?... Tanto quanto por mim, que é meu afilhado e foge do padrinho como o diabo da cruz.

—Ai gente ! é o Reinaldo ?—perguntou Maria como si fôra a primeira vez que em tal ouvisse falar.

—E' elle mesmo. É por aquella bôa peça qua sua filha me enjeita. Veja o que são as mulheres.

—Mas elle está enganado, vem remar contra a maré, porque não ha de casar com a Dunamira nem que se vire em santo—bradou Joaquim muito arrogante.

—Você foi o culpado; si não lhe tivesse dado entrada...

—E' verdade que lhe dei entrada; mas logo que você se apresentou com pretenções á menina, me fiz esquerdo com elle. E agora, dou-lhe minha palavra de homem, vou manda-lo pôr-se na perna.

—Não faça isto, compadre; basta não falar mais nas minhas intenções a ninguem e principalmente á Namira : "Quem quer apanhar gallinha não diz—xô." Roguem a Deus por ella e por

mim que eu vou fazer da nossa parte. No mais passem bem a noite.

—Com Deus amanheça—responderam marido e mulher.

Antonio saiu acompanhado de Joaquim até o terreiro, onde confidenciaram ainda alguns minutos; depois se separaram. Já era noite fechada. Joaquim entrou e deitou-se na rêde; pouco depois entraram Dunamira e as irmãs. Maria olhou a filha mais velha com expressão simultaneamente triste e affectuosa. E, voltando-se para o marido, disse-lhe em voz baixa:

—Fale á Namira no pedido do compadre Antonio, *seu* Joaquim...

—Eu não!-respondeu elle com enfado.

—Por que?... Talvez...

—Talvez o que?! Ella fazia era chorar como uma perdida e não cear; eu bem a conheço.

—Quem sabe?

—Oh! *home!* tu não negas que és mulher!... O compadre não pediu que não falassemos nisto a ella?

—Mas...

—Mas acabou-se, mulher, acabou-se... nem mais um pio.

Maria não replicou. Meia hora depois Candida estendia uma esteira junto ao fogo, sobre a qual puzera uma cuia de farinha e alguns pratos.

Maria sentou-se em um dos extremos da esteira, deitando nelle a perna esquerda dobrada a meio e com o pé voltado para a frente, ao tempo que sentava no chão o pé direito, levantando o joelho e formando com a perna um angulo quasi recto, cujo vertice lhe servia para apoiar

o braço. Tirou do fogo uma grande panella de barro, donde, com uma quenga de cabo de pau, tirava caldo com feijão e deitava nos pratos, lançando-lhe tanta farinha quanto fosse preciso para obter pirão escaldado e consistente, sobre o qual botava pedaços de carne e mais feijão. Tantas pessoas quantos pratos preparados.

—Venha, minha gente, a ceia está prompta —disse Maria.

Sentaram-se todos e comeram com invejavel appetite. E' que seus estomagos seguiam o exemplo de seus corações: satisfaziam as necessidades conforme podiam e ficavam contentes. Ao terminarem a refeição, todos, pais e filhos, se puzeram de pé e rezaram o *bemdito do comer;* em seguida levantaram os olhos e a mão direita aberta em direcção ao tecto, dizendo em voz um pouco menos baixa do que tinham rezado: —Abenção, meu Pai do céo, minha Mãe Maria Santissima. Concluida a pequena oração, abençoaram os pais aos filhos e se recolheram todos para dormir, inclusive Anastacio

Desconheciam os preceitos da hygiene, e, portanto, depois da tão abundante e substancial comida, em vez de fazerem moderados exercicios physicos, se entregaram tranquillamente ao somno. E assim faziam quotidianamente. Já estavam tão afeitos a esse regime, que se lhes dissessem que elle lhes poderia damnificar a saúde, protestariam decididos—que não, quem dorme com o estomago vasio tem pesadelo.

Já resonavam todos e Maria rezava ainda. Os cuidados duplicaram, nessa noite, sua devoção. Sentada na rêde passava e repassava entre

os dedos as contas de seu rosario, e logo que concluiu, ajoelhou-se deante de uma caixa de papelão que estava presa verticalmente a uma das paredes. Esta caixa figurava de santuário; havia nella uma imagem do Senhor, uma da Virgem e uma muito pequena de S. Antonio. A mãe de Dunamira offereceu a Deus quanto havia rezado em tenção da filha e de Antonio. Que iria este fazer com aquella? Não sabia. Si pudesse adivinha-lo! Não tinha esse dom, e, portanto, punha tudo nas mãos da Providencia.

Que ha de mais salutar, de mais consolador que essa crença verdadeira, essa confiança illimitada que tem o piedoso christão em Jesus Christo? Acceita conformado qualquer contratempo, não se lastima, não maldiz a sorte, e no maior infortunio diz ainda com submissão:—Seja feita a vossa vontade, meu Deus; tudo que fazeis é para nosso bem. Maria era sinceramente devota. Depois da oração, serenou e dormiu.

VII

Começava o despontar do dia.

Seus primeiros alvores apagavam as estrellas á semelhança de quem apaga a luz artificial de que já não precisa. A propria estrella d'alva tornava-se pouco visivel. Os vapores da atmosphera iam se desfazendo como se desfazem as golfadas de fumo lançadas pela chaminé. A abo-

bada celeste, onde de longe em longe fluctuavam ligeiras nuvens, coloría-se de azul-claro, docemente limpido. A frescura da manhã convidava a passeio ao ar livre. Não parecia manhã invernosa de abril. A natureza sorria Os vegetaes viçosos e floridos, respirando fragrancia, mostravam-se como espectadores mudos do universo. A viração era como que o resfolegar subtil de corpos aereos A vida exuberava em tudo. Aqui trilavam os passaros, ali ondeavam as aguas; aqui o zumbir de mil insectos, ali o ciciar das plantas bafejadas pela aragem. E' que tudo fazia saudações ao romper d'alva.

Na casa de Joaquim da Matta ouvia-se tambem o alvoroço do amanhecer. Cabras, ovelhas e vaccas, encurraladas ainda, berregavam pelos filhos que lhes respondiam indo e vindo junto á cerca do curral, procurando impacientes uma brecha que lhes désse passagem As aves domesticas desciam dos poleiros, sacudiam-se e esgaravatavam o sólo, procurando alimento. Uma graúna, que se achava presa em gaiola, soltava agudos trinos, acompanhando outras que gorgeavam nas palmeiras proximas. Joaquim e a familia, que estavam habituados a saudar o romper do sol com o manejo do trabalho, despertavam tambem. Anastacio, que dormia na sala, depois de se ter espreguiçado para desentorpecer os robustos membros, se levantara engrunhido e se dirigiu á cozinha para se aquecer ao fogo. Estava este quasi apagado, mas o rapaz atiçara-o logo, deitando-lhe palhas, gravetos e soprando-o com força.

Aquentou-se alguns minutos, accendeu o ca-

chimbo, donde lançava grandes baforadas de fumo, poz o chapéu na cabeça, uma enxada ao hombro e saiu a trabalhar no seu roçado, que ficava pouco distante. Joaquim e Maria, seguidos de Luizinha, encaminhavam-se para o curral do gado. Iam tirar o leite de duas vaccas e de algumas cabras e ovelhas. Joaquim levava uma corda e um pote e Maria uma cuia. Com esse leite faziam elles diariamente um queijinho, que mais tarde era vendido no litoral.

A casa de Joaquim dividia-se em 4 compartimentos: a sala, voltada para o sul e abrangendo toda a largura do casebre; a cozinha no lado opposto, tendo igual extensão e servindo tambem de sala de jantar; e, no centro, dois quartos. Em um dormiam os velhos e Luizinha, no outro as moças. O destas era um pequeno quadrado de terra, guardado por quatro paredes de palha já muito estragadas pelo tempo, sobretudo a do lado do nascente a qual se via esturrada pelo sol e moida pela chuva. Havia so uma porta que dava para o quarto dos velhos. No interior, estavam três rêdes, sem varanda, armadas com cordas de tecum nas forquilhas que sustentavam o tecto. Uma no meio e as outras em dois cantos que podiam ser ligados por uma diagonal, de forma que a direcção tomada pelas rêdes representava um Z. Eram os leitos das raparigas. Junto á parede voltada para o norte, havia um bahu de cedro, coberto de couro crú e levantado do chão por meio de dois rolos de pau; no lado opposto, outro bahu tambem de cedro, mas em completa nudez, sem dobradiças, nem fechadura. Em um dos cantos, a cento e vinte centimetros mais

ou menos de altura, havia um *caritó*, isto é, uma taboa com a forma de triangulo rectangulo ou metade de um quadrado cortado transversalmente, suspensa em sentido horizontal e unindo o angulo recto ao angulo formado pelas paredes. Sobre elle viam-se pentes, latinhas de banha, velas de carnaúba e outras bagatellas.

Noutro canto, uma corda presa pelos extremos ás varas das paredes e formando um arco ligeiramente concavo, da qual pendiam algumas peças de roupa dobradas ao meio. Havia mais duas canastras de algodão, dois balaios de costura, uma almofada e um banquinho de cedro.

Dunamira despertou e despertou sorrindo, talvez no prazer de um sonho feliz, ou, quem sabe ? talvez na perspectiva de ventura proxima. Sentou-se na rêde, fez uma breve oração, levantou-se e chamou as irmãs:

—Marianna!

—Que é ? estou acordada.

— Caindinha ! Caindinha !

—Hum ?...—respondeu Candida estirando-se preguiçosamente na rêde.

—Acorda ! é meio dia.

—Meio dia ? e tudo escuro assim ?

—Está escuro aqui dentro.

—Não senhora, si lá fóra estivesse claro, estava aqui tambem, pois ha mais buracos naquella parede do que em uma urupema.

Tinha razão a menina: havia tantas grêtas na parede do lado do nascente que parecia toscamente rendada.

—Levanta-te ! vamos buscar agua ! — disse

Dunamira com enfado, dando-lhe solavancos na rêde.

—Já vou... Está hoje tão vexada! Estará *adivinhando passarinho verde?*

—Si estiver não é da tua conta.

—Oh! Namira, si soubesses o que eu estava sonhando...— disse Candida sem se levantar e dando estalos na lingua.

—Que era? que tinhas achado noivo?

—Não; que tu ias casar.

—Com quem?

—Não adivinhas? Com meu *ti* Antonio! E cada qual estava mais contente!

—Que nenen engraçada! Só destes sonhos tu sonhas, preguiçosa!

—Que mais queres, Namira?... Ser noiva de meu *ti* Antonio é uma fortuna.

—Pois casa com elle...

—Ah! minhas almas! si elle me quizesse! Mas não! só quer a Namira, é só a quem acha bonita... Gosta dessas cadeiras largas, desse andar de rôla...

—E' ser muito tola—disse Dunamira abespinhada, e saiu do quarto.

Marianna, que se vestia em silencio ou talvez rezando em voz baixa, disse então:

—A Caindinha sabe que a Namira não gosta desta caçoada e assim mesmo...

—Que m'importa? terei medo da Namira?

—Mas, si fosse comtigo, não havias de querer que ella fizesse.

—Quem? eu? *na terra!* eu até gostava. Mas era bom que o velho quizesse era comtigo Marianna.

—Tambem, moça? Está tão engraçada hoje!...

E, assim dizendo, imitou a Dunamira.

Candida ficou só. Era ella a terceira filha de Joaquim da Matta. Muito jovial e de uma indole rara. Com a facilidade que ria, chorava; gostava do somno, mas não fugia ao trabalho; e si rezava pouco, em compensação comia soffrivelmente. Não era magra, nem gorda em excesso, e tinha as formas arredondadas apesar de não ser baixinha. Não era belleza; possuia, porém, innumeros attractivos para seduzir a attenção do mais exigente pintor. Penteava-se duas vezes por dia e lhe aprazia tanto banhar-se que parecia amphibio. Chamava—papai e mamãe—e gosava a tranquillidade das creancinhas. Com as raparigas da vizinhança tratava com lisura e até confidenciava mui discretamente; e com as creanças jogava o *anel de salto*, a *cabra cega* e outros brinquedos iguaes. Não denegava favor algum que lhe fosse pedido; e a quem lhe dispensava amabilidades, prestava-se com inteiro gosto. Respeitava aos velhos e tratava-os com brandura, achava graça nos feios e se compadecia dos aleijados; ria-se, porém, dos preguiçosos e desdenhava dos inimigos do asseio. Impressionava-se facilmente com a dor de outrem, mas aconselhava a todos que se conformassem com a vontade de Deus, accrescentando sempre—o chorar não dá remedio. E não lhe era difficil num desses momentos soltar uma gargalhada pelo menor facto risivel. Não sympathizava com os presumpçosos e egoistas, gostava grandemente dos joviaes. Nada a contentava mais do que um frasquinho de macassar e

um galhinho de mangericão de santa cruz. Dava muito apreço aos homens e se aprazia assaz de ser mulher, tal era a ingenuidade dessa creancinha de quinze annos. Seu nome exhibia perfeitamente o seu caracter, cuja amabilidade a tornava justamente querida.

VIII

Quando Candida saiu do quarto, Dunamira e Marianna estavam já promptas para ir buscar agua, tendo cada uma dellas uma toalhinha nos hombros e uma cabaça na mão. Candida poz, ás pressas, um chale velho no pescoço, tomou tambem uma cabaça e batendo jovialmente no hombro de Dunamira, disse:

—Estou aviada, Namira, vamos...

A esta simples manifestação de carinho cedeu de todo o agastamento de Dunamira. Podera não? O coração mais insensivel curva-se deante das almas sinceramente affectuosas. As blandicias desfazem a colera, como o sol da manhã desfaz o rocio da noite. Que ha de mais attrahente que um sorriso meigo? Que ha de mais captivante que uma palavra blandiciosa? Que ha de mals seductor que um olhar cordial? E' de amor que se alimentam nossos corações. E não haveria amor si não houvesse afagos. Quem quer que se vir privado de caricias, tornar-se-á apathico. E cair na apathia é perder a alma.

Dunamira, como em geral quasi todas as mulheres, não conservava resentimento por muito tempo; sua irritação decrescia á proporção que o tempo augmentava. Si facilmente passava do contentamento á irascibilidade, com identica presteza tornava desta á sua natural complacencia. Voltando-se para Candida, disse sorrindo:

—Vamos.

Sairam em direcção á fonte, que demorava a alguma distancia da casa. O caminho, sinuosa vereda marginada de hervas e arbustos, estava humedecido pelo orvalho que havia caido com abundancia.

A manhãzinha estava fresca e o céo bordado aqui e ali de esbranquiçadas nuvens. Vinha, após a alva, surgindo a aurora corada e risonha como a flor da mocidade. Candida marchava na frente e Dunamira e Marianna um pouco atraz e ao lado uma da outra. Candida, semelhante á avezinha que saltita de ramo em ramo, alegre e vivaz, ora colhia mimosas flores campestes com que ia adornando o collo e os cabellos, ora corria atraz de borboletinhas variegadas e bellas, que nem sempre conseguiam desviar-se de seus engenhosos laços, e cautelosamente as prendia pelas asas que lhe deixavam nos dedos grande parte de suas brilhantes e finissimas escamas. Dunamira e Marianna seguiam a passo moderado, confidenciando em voz muito baixa, cautella desnecessaria, pois, para abafar-lhes a voz bastava o toque-toque ruidoso de seus tamancos, cujas pegadas ficavam distinctamente impressas no chão argilloso e humido. Falavam dos sonhos forjados pela imaginação, daquillo que mais lhes delicia-

va o peito, do futuro venturoso que aguardavam, e até das hyperbólicas promessas que lhes fazia a esperança, que illude sempre e é sempre acreditada.

Candida, que ia muito adeante, cançada finalmente de suas travessuras, poz-se a cantar:

Tudo, tudo neste mundo
Tem a sua utilidade,
Pois o bem não era bem,
Si não houvesse maldade.

Quando nasci, a um anjo
Da guarda Deus me entregou;
Si pequei elle é o culpado,
Que do mal não me afastou.

Deus querendo ser lembrado
Das humanas creaturas,
Ao riso juntara as lagrimas,
Ao prazer as amarguras.

Continuou cantando até chegar á fonte onde iam buscar agua. Era um poço cavado no chão, de exigua profundidade, ao qual chamavam *cacimba de beber*. Candida desceu a pequena ladeira da fonte e acocorou-se sobre a pontezinha de ripas de carnaubeira, a qual ficava pouco acima do nivel da agua. A immobilidade e transparencia da lympha naquelle momento era tal, que a menina poude nella contemplar-se como em um espelho. Mirava-se com desvanecimento, sor-

ria para sua propria imagem com a singeleza graciosa da creança que se vê pela primeira vez deante de um espelho grande. Levantava o cabello da fronte, entreabria os labios, voltava os olhos para um e outro lado como si estivesse a estudar maneiras para se apresentar a quem quer que desejasse agradar. E com esses ademanes tão ingenuos e tão desculpaveis na sua idade, patenteava a inteira satisfação que sentia pelos dotes physicos que lhe dera a natureza. E' essa satisfação uma das condições essenciaes da felicidade.

Dunamira e Marianna chegaram á fonte. Candida ao vê-las, tomou a cuia que estava sobre a ponte e que era destinada a deitar agua da cacimba na vasilha dos carregadores, encheu apressadamente a cabaça que levava e levantou-se cedendo o lugar ás irmãs que, sem demora, encheram as suas. Estavam de volta.

—E' preciso voltarmos ainda, Namira ?—perguntou Candida.

—E então !... os potes estão todos seccos. Vamos depressa senão acabamos ao meio dia.

Candida, como de costume, seguiu na frente e disse:

—Vou depressa, façam como eu.

—Não é preciso correr não, Caindinha ! — advertiu Dunamira em tom de quem dá ordens.

—Que é aquillo ? ... — perguntou Marianna algum tanto assustada e indicando um vulto branco alapardado ao pé de uma carnaubeirinha nova, á margem direita do caminho que iam seguindo. Dunamira e Candida voltaram a vista para o vulto indicado e fitaram-no muito attentas, procuran-

do conhecer o que era, mas a distancia e o matto não lhes permittiam que o vissem bem. As duas mais velhas não podiam desviar a vista do vulto e mostravam-se bastante desassocegadas; Candida, pelo contrario, continuava impavida e disse com ar zombeteiro:

Aquillo, si não é um sacco de algodão, é uma trouxa de roupa.

—Não é não; olhe... está se movendo...

—Então é o carneiro Mimoso do papai.

—Que asneira!... Já viste carneiro daquelle tamanho?

—Pois si não é elle, é o poldro do Nastaço...

—Um poldro encolhido daquella forma? na verdade!...

—Pois seja o que for, vamos embora. Estão com medo?

Marianna e Dunamira sentiam-se realmente atemorizadas, e esta mais ainda. O vulto ia, a seus olhos, tomando proporções enormes e um aspecto medonho. Temia encotra-lo e murmurou quasi tremendo:

—Vamos pelo outro caminho?...

—Vamos—volveu Marianna—eu já estava pensando nisso.

—Aquelle é tão ruim, tem tanto matto!... Tambem vocês têm medo de tudo; são *mesminho* o velho Mané Cabo-molle, o homem mais medroso que o sol já cobriu; ouve a raposa gritar muito longe e corre ás leguas, dizendo:—Corre, corre, Manézinho, raposa come gallo, tambem póde comer homem...

—Pois tu, que és valentona, vae por este caminho, nós vamos pelo outro—disse Dunamira.

—Não senhora, eu lhes faço companhia; póde ser que vocês morram de medo e eu quero contar da historia. Só tenho pena é de não ficar sabendo si aquillo é lobishomem ou alma d'outro mundo, mas...

As outras responderam com muxôxos, e sem mais preambulos se dirigiram para o outro caminho que, em razão de ser um continuo ziguezague, era mais longo, muito cerrado e, portanto, menos seguido.

IX

Tecer um romance é formar uma espiral de factos cujo polo deve ser a cohesão, é ir adeante e voltar atraz, alternadamente. Voltemos pois ao dia antecedente, sigamos ao velho Antonio quando ao cair da noite saiu da casa dos pais de Dunamira. Temendo elle encontrar-se com as raparigas e contrariado ainda pelo mau successo de sua tão recente tentativa, marchava a passos largos e ia jurando a seus botões vingar-se da querida ingrata, querendo-a cada vez mais, e conseguir fosse por que meios fosse a realização de seus desejos. E tanto mais caminhava quanto mais se emmaranhava num turbilhão de pensamentos, buscando entre elles um que lhe servisse de bussola no rumo, que lhe fos-

se mais favoravel. Os alvitres surgiam-lhe de pancada e atropelavam-se-lhe na imaginação febril: que induzisse Joaquim da Matta a obrigar Dunamira a ter juizo, mostrando-lhe que sua tia Calistrata, mulher extremosa para o marido, se casara obrigada, trajando na occasião um vestido de chita já velho, e tendo na cabeça um lenço em vez de véo; que tentasse elle proprio engodar a rapariga com presentes de valor, como as joias de ouro e o chale de sêda encarnada de sua defunta Maria Rosa; que se valesse de um S. Antonio pequenino e de S. Francisco de Canindé, que attendiam a todo mundo e, portanto, haviam de attendê-lo tambem; que pagasse bem a velha Damiana feiticeira para, por meio de seus sortilegios, abrandar o coração de Dunamira, de modo que ella o desposasse voluntariamente, e outros muitos que lhe fervilhavam no cerebro em verdadeira confusão. Na sua physionomia transparecia o tumultuar das idéas em sua mente exaltada: ora distendia os labios mediante um sorriso; ora enxotava uma lembrança importuna, fazendo as mais risiveis carantonhas; ora abanava tristemente a cabeça como desesperado, soltando em voz alta fragmentos de phrases incomprehensiveis.

—Isso não .. podia ser que... Era melhor..! talvez sortisse bem, mas... quem sabe?... Não. não! seria entornar o caldo. E' preferivel... o diabo é que... Ah! filha do *capiroto!*... Deus do céo!... será possivel...

E gesticulava, entristecia, batia com o bastão nos mattos, como si quizesse desabafar a iracundia que, de vez em vez, o assaltava.

A lua, que se achava no segundo dia de sua phase plenilunar, se erguia no oriente bella e majestosa. Antonio fitou-a demoradamente. E como si um raio daquella doce luz lhe aclarasse o cerebro, deu dois ou três pulos, parou de subito, se abriu em risos, tregeitou com os braços e bradou alviçareiro:

—Bravos, Antonio! achaste, achaste o que procuravas!... Amanhã, ao romper do dia... Oh! e eu ainda não me tinha lembrado disso?!... Que maluquinho estou eu! Mas a culpada é ella, eu não era assim. Ninguem póde avaliar as cócegas que faz aquella rapariguinha no meu coração: uma cousa é sentir e outra dizer.

E jurava possui-la, custasse-lhe o que custasse. Apressou novamente o passo, precisava chegar em casa, dormir logo e acordar cêdo, muito cêdo, e repetia:

—Amanhã... amanhã... Ah! Namira, menina de meus olhos, tu me obrigas a fazer violencias. Eu não gosto dellas, não tenho genio para isso; mas caprichas... eu tambem capricho. Vamos ver quem vence. Si não fosses uma cabecinha de vento, estarias saltando de contente por seres a minha preferida, porque bem me conheces, bem sabes que marido como eu, só eu. E a *sinha* Maria Rosa, que Deus a tenha em sua graça, que o diga. Fui-lhe sempre um marido de *papôco*, trazendo-a sempre nas palminhas e pimpona como uma *praciana*.

Demos, porém, o seu a seu dono: ella o merecia, era uma mulher de encher o ôlho e uma santa, no dizer de todos. Não tivemos nunca um péga-péga. Entre nós tudo era um. E viviamos

tão unidos que o povo nos chamava—*parzinho de colchetes*. Assim mesmo aquella tontinha não quer casar commigo! Mas ha de casar, porque protestei fazê-la feliz e não sou homem de duas palavras. Amanhã... amanhã...

E todo entregue a esses pensamentos entrou em casa, onde o esperava Benedicto seu filho adoptivo e filho legitimo de Joaquim da Matta. Não quiz cear, estava cheio, tinha jantado muito, bastava-lhe uma *chicrinha* de café sem doce. Tomou o café e deitou-se na rêde, fumando em um cachimbo muito grande. Terminada a cachimbada, preparou-se para dormir, não o conseguindo, porém, porque o fervor de suas idéas lhe fazia barreira ao somno. Encheu de novo o cachimbo, accendeu-o, levantou-se para consultar o céo, que era o seu relogio, e voltara resmoneando: —Noite comprida! noite sem fim!... E succediam-se as cachimbadas, as consultas a seu *relogio*, á medida que augmentava sua impaciencia. Finalmente, ás quatro horas ou talvez antes, poz o chapéu na cabeça, tomou o bastão e saiu. Caminhava apressado. Dir-se-ia que o apaixonado velho havia recuperado as forças, a agilidade de sua juventude—remoçava. Fará milagres o amor? Talvez. Parou diante de uma taipa, coberta de telha, com portas de cedro e fechadas á chave. Profundo silencio.

—Estão dormindo ainda!—disse a meia voz, fazendo gestos de enfado e esquecido de que, não obstante sua esperteza, costumava, nos dias ordinarios, áquella hora, estar dormindo tambem. Com a parte posterior das articulações dos dedos medio e indicador deu na porta de entrada

duas ou três pancadas. Segundos depois deu novas e disse impaciente:

—Estão dormindo a somno solto... parece que só vivem para dormir!... E bateu de novo.

Já se dispunha a bater pela quarta vez e com o bordão, quando a porta se abriu e no seu limiar se apresentou, em mangas de camisa, um homem alto, claro, musculoso e de boa apparencia. Trazia na mão uma vela accesa, e contrahia as feições, esfregava os olhos, que não podiam então fitar a luz, de somnolentos que estavam ainda.

—Para que esta luz, José? Pensas que é meia noite? O sol não tarda a nascer—disse Antonio.

—Oh! é meu pai! Bote-me sua abenção...

—Abençoado sejas de Deus. Dormias a esta hora?

—Dormia, sim senhor; acordei quando meu pai bateu.

—Estás muito dorminhoco! Estou vendo que daqui a pouco emendas a noite com o dia.

—Nem tanto, meu pai...—tornou José sorrindo pallidamente.

—A julgar pelo que estou vendo... Mas não foi isso que me trouxe aqui. Passei para te prevenir que não saias sem que eu volte.

—Sim senhor. Aonde vae meu pai?

—Vou dar um girozinho e volto logo.

José conformou-se com a resposta. Costumava obedecer, sem replicar, ás ordens de seu pai; e ainda quando suspeitava nellas algum mysterio que não lhe fosse revelado, não tinha a cu-

riosidade de prescruta-lo nem mesmo de si para si. Tornou com submissão:

—Aqui estarei até quando meu pai quizer.

—Bem, até á volta, não me demoro — disse Antonio e saiu a marchas forçadas. José entrou e fechou a porta.

X

A distancia da casa de José até a *cacimba de beber* media mais ou menos três kilometros. Era um caminho cheio de altos e baixos. Aqui, largo e desnudado; ali, estreito, cerrado de grandes arbustos, cujas ramadas se entrelaçavam acima formando arcadas. Antonio seguia por elle e com passos tão accelerados que parecia recear não chegar a tempo Por vezes o orvalho das plantas lhe humedecia a roupa, lhe banhava o rosto; elle, porém, tão concentrado se achava em seus pensamentos, que não dava por isso. Chegando ao sitio desejado, perscrutou-o minuciosamente com a vista, como si o visse pela primeira vez. Que procurava? Um latibulo onde se pudesse occultar aos olhos de quem quer que por ali passasse Depois de muitas pesquisas, de maldizer a vegetação que lhe parecia muito desbastada, soltou um suspiro de satisfação: tinha encontrado o lugar desejado. Agachou-se cautelosamente, dizendo a si mesmo:

—Aqui não me poderão ver.

Era ridicula sua posição. Semelhante ao caçador que, de espingarda em punho, esperava, attento e taciturno, veado, cutia, jaçanã, perdiz ou qualquer animal com que matar a fome, Antonio, acocorado e ancioso, aguardava o momento opportuno para realizar o que lhe alvitrava sua imaginação. Fazendo contraste com o tiquetaque de seu coração, se conservava immovel e tão silencioso que procurava abafar a respiração, temendo que seu proprio halito fosse denuncia-lo. Si pulga, formiga ou maribondo lhe désse, naquella occasião, alguns dos *delicados beijos* que nos costuma dar, elle, de certo, não os sentiria, e si os sentisse havia de coçar-se com tal subtileza, que bem difficil lhe seria matar a comichão. Não foi breve o tempo que teve de esperar. De vez em vez se soerguia para esquadrinhar em todas as direcções quem ia, quem vinha, mas tão cautelosamente que lembrava a lentidão com que, vivificada pelo calor do sol, se levanta uma ramada abatida pela chuva. De pedaço a pedaço, passava um aguadeiro, um trabalhador, e Antonio encolhia-se no seu esconderijo, receoso de que o avistassem e murmurando:—Nada! nada!...

Começava o despontar do dia. A natureza, envolta ainda no véo crepusculino, apresentava esses tons de claro-escuro que agradam tanto áquelles que se entregam a passeios matinaes. Os vegetaes pareciam vestidos de verde-negro e as flores de côr duvidosa, a ponto de se confundirem as amarellas com as brancas. Subtil, mas deliciosa fragrancia se exalava do seio rociado da terra e se unificava com o suave aroma da

florejante vegetação da varzea. O frescor da manhã penetrava agradavelmente a epiderme, semelhando a deliciosa titillação de um afago. Antonio, que, ha boa meia hora, ali se achava, guardando a mesma posição, já se mostrava desanimado, ia lhe faltando a paciencia. E' que estava esperando... e quem espera mede o tempo pela vehemencia do esperar: os segundos tomam a extensão dos minutos, os minutos a das horas, e o momento anhelado tarda, tarda... faz-se irrealizavel. O pobre velho tinha chegado a seu latibulo antes das cinco horas, quando devia ter se lembrado que, chegando ás seis, talvez ainda esperasse algum tempo. Sentou-se sobre os calcanhares e inclinou tristemente a cabeça. Previa o desabamento de seus castellos mentaes, tornarem-se negros os seus sonhos côr de rosa. Maldizia a esperança que o tinha illudido, roubando-lhe o somno com promessas falsas. Já tencionava retirar-se, quando ouviu longinquos sons e reconheceu nelles a voz de uma mulher a cantar.

—São ellas! são ellas!—disse sobresaltado. E para certificar-se, soergueu-se de novo, mas devagarinho, devagarinho como si quizesse empolgar um passaro que estivesse pousado no coronal de sua cabeça. Não conseguiu ver, porque a distancia, os mattos e as curvas do caminho baldavam todo o esforço. Estes obstaculos, porém, iam diminuindo á proporção que a voz se aproximava. Antonio já ouvia palavras do canto, mas estava impaciente, queria ver logo, queria ver a todo custo. E sempre de cócoras, porque não desejava ser visto, e olhando sempre na mesma direcção, fazia brechas nas moitas que o cercavam,

e por ellas olhava com sofreguidão. Finalmente, soltou um oh! de alegria, um oh! intenso, prolongado, partido do intimo d'alma. E sorria dansando sobre os calcanhares, esfregando as mãos, unindo-as ao peito, sentindo o coração bater desordenadamente, o rosto febril e vermelho como brasa e o sangue accelerado como prestes a abandonar-lhe o corpo. E repetia:

—São ellas! São ellas!...

Eram as filhas de Joaquim da Matta, eram ellas que lhe causavam tanto prazer. Candida continuava cantando e Antonio ouviu bem estas quadras:

A mulher é disfarçada,
Finge querer não querendo;
Mas si de um fugir, ai, ai!...
Já por elle está morrendo.

Muitas vezes são as lagrimas
A chave de chrystal fino
Com que o anjo da ventura
Abre a porta do destino.

—Bonito, Caiudinha! bonito!... cantas que nem uma sereia—disse Antonio em voz baixa—Ah! si fosse verdade o que dizes, si falasses pela bocca de um anjo!... Oh! lá vem Dunamira. Como está bonita! Aquillo é uma tentação, tira-me o juizo. Si vê-la me alvoroça tanto, quanto mais possui-la!... E' uma fada, um demoniozinho que me encanta, me embriaga, me accelera todo. Mulher! mulher! por que és tão ingrata?... por

que me obrigas a arrancar-te lagrimas, a usar de força para te possuir quando eu só desejo cobrir-te de carinhos?...

Bastava dizeres uma palavra de consentimento e tudo se arrunjava da melhor fórma; não queres, porém, dizê-la, és cabeçuda... pois vamos ver quem tem a cabeça maior, si sou eu ou si és tu.

Nesse momento passavam ellas roçando nas moitas que o occultavam. Antonio estremeceu e suspirou de contente porque não fôra visto. Acompanhou-as com a vista, viu-as chegarem á cacimba, encherem as cabaças, pôrem-se de volta e murmurou:

—Lá vem a Namirinha com a cabaça no hombro, coitadinha! tão bonitinha e fazendo esses trabalhos!... Mas eu te prometto, menina de meus olhos, que será esta a ultima vez. Não nasceste para isso e eu vou dar-te o estado que mereces... Pararam?!... que diabo!... Olhe, estão olhando para cá... Teriam me visto? De certo, estão se consultando...

Suspirou tristemente e procurou escuta-las. Vão, porém, era seu desejo, pois não era pequena a distancia que os separava. Atormentava-o grande impaciencia. De repente dera um pulo, sentindo violentas pancadas no coração e tartamudeando com amargura:

—Eu não disse?... viram-me! viram-me!... isto só pelo diabo!... Eu tambem sou o mais burro dos burros! pois não via que neste lugar não podia deixar de ser descoberto?... Tanto que escolhi... mas, bem diz o ditado: "Quem muito escolhe a ruim se apega."

E fazendo gesto de maior descontentamento, continuou a espreita-las. Estava deveras afflicto, quasi chorava.

—Têm mêdo... pensam talvez que sou alma de algum defunto ou o demonio em pessoa... Lá mudaram de caminho, vão pelo outro... Pai de misericordia!... tantas passadas tão mal logradas!... Será possivel que ellas passem e eu não as veja na volta? Parece que o maldito me está deitando azeite no fogo... Ah! não! não! Deus vem em meu auxilio: quando ellas forem dobrando a curva que fica por traz daquelles marmeleiros, eu dou uma carreirinha e vou me esconder naquella moita, de modo que ellas não me vejam.

E assim fez. Logo que as viu occultas pelos marmeleiros, soergueu-se cauteloso e, correndo quasi de gatinhas para não ser visto, atravessou a faixa de terra que separava os dois caminhos, e se emboscara na moita que havia escolhido e que ficava justamente na orla do caminho que as raparigas iam seguindo. Graças á espessura de seu novo latibulo, podia continuar a observa-las sem temor de que ellas tornassem a descobri-lo. Com que cuidado, com que ancia, aguardava elle a passagem de Dunamira! Tanto mais a via se aproximar quanto maior era a sua agitação.

—Anda, menina de meus olhos—dizia elle com estremecimento de prazer—depressa, depressa... passa adeante desta moitinha, roçando nella, quero ver-te perto, muito perto de mim...

Mudando de tom:

—Paciencia, Antonio, paciencia. Quem muito se apressa, tropeça.

E nesse alvoroço continuava a espreita-las com a maior attenção.

XI

Dunamira e Marianna, posto que tivessem mudado de caminho, não estavam mais tranquillas. Marchavam com passo ligeiro, mas pouco seguro. Iam com o rosto sempre voltado para o lado do avejão: aqui, os claros do caminho lhes permittiam verem-no perfeitamente; ali, os arbustos espessos e altos encobriam-no de todo. E então, si um passaro voava, si surgia do matto qualquer animal, si viam nas moitas algum movimento, tudo se lhes afigurava o phantasma. Soltavam, espavoridas, um —ui!—e sentiam estremeções lhes percorrerem o corpo. Quando passaram dos marmeleiros e viram deserto o lugar do vulto, tiveram grande sensação de alegria, mas esta foi rapida como o scintillar do relampago. Esquadrinhavam logo com a vista a varzea toda, todos os lugares e não encontravam do phantasma nem vestigio. Dahi lhes nasceu a desconfiança de que o avejão tinha mudado de encoberta, e a convicção de que não era para fazer boas cousas que se occultava assim; porque não era possivel que elle fosse um engano da vista, pois todas o tinham visto da mesma fór-

ma, da mesma côr e no mesmo lugar. Teria ido embora? Não voltaria mais?—Ah! que felicidade! mas o coração lhes dizia que não. Quem seria elle? Um malfeitor? um abantesma? a figura do maldito? uma alma do outro mundo? Talvez tudo englobadamente. Ainda nos apparecerá?—perguntava uma a outra, e ficavam perplexas entre a esperança de não o tornarem a ver e o receio de o verem surgir a cada passo.

Seu inesperado apparecimento e quasi immediato desapparecimento lhes causaram tal medo, tal perturbação, que não tinham consciencia de si, não sabiam o que fizessem: ora queriam chorar, ora queriam gritar pedindo soccorro, e logo se cohibiam, para que não lhes chamassem medrosas e não caçoassem dellas. Candida, entretanto, continuava imperturbavel, sem mesmo prestar attenção ao medo das outras.

—Minhas pernas estão cambaleando como si eu estivesse embriagada—disse Marianna.

—E as minhas? Parece que eu estou de maleitas—tornou Dunamira.

—E eu não tenho nem um tico de medo fez Candida. —Si o *bicho* se aproximar de mim, quebro-lhe esta cabaça na cabeça, tão certo como sou filha de meu pai, e elle ha de fugir pingando agua como roupa que se tira do rio.

Tinham já vencido alguns decametros do caminho e de mais a mais apressavam o passo. Dunamira voltava, de minuto a minuto, os olhos para o lugar em que estivera o espectro, mas de modo que não detinha a marcha nem a moderava siquer. Ia passando junto de espessa moita, quando disse para as irmãs:

Quasi não posso andar!... Si alguem quizesse levar esta cabaça, era uma es...

Sussurros de folhas, estalido de galhos que se quebram na precipitada passagem de um corpo enorme, fizeram gelar-se-lhe o sangue nas veias, sentindo-se immediatamente agarrada pela cintura, emquanto lhe regougaram aos ouvidos estas palavras:

—Quero eu, menina de meus olhos, não levar tua cabaça, mas levar-te nos braços como si levasse uma santa.

Dunamira soltou um grito estridente e doloroso. A cabaça desprendeu-se de suas mãos e baqueou no chão, partindo-se em muitos pedaços.

—*Virge!* que é isso, Namira?!... perguntaram Marianna e Candida, voltando-se para ella; pararam, porém, de subito e ficaram estaticas, boquiabertas, espavoridas, sem poder proferir uma só palavra. Que viam? Antonio levantar Dunamira por baixo dos braços, colloca-la no hombro sestro, e em seguida prender-lhe vigorosamente as pernas com o braço esquerdo e com a destra unir e segurar, por traz de seu taurino pescoço, as mãos da pobre rapariga, que em vão entesava o corpo, fazia relutancias, forcejando por se desvincilhar de tão terriveis grilhões. Vendo-se impossibilitada de fazer a menor resistencia, chorava, clamando exasperadamente:

—Ai! meu tio! me solte! me solte!... Eu não sou macaquinha que se leve nas costas!... eu não quero casar com *mincê!* Faça o que fizer, é trabalho perdido... não quero, não quero!... já disse e torno a dizer, não quero!... Ai! não me fira os braços, não me quebre as pernas!...

não me leve, que eu não me caso! morro e não me caso!... Ai! me solte! Marianna! Caindinha! minhas irmãzinhas, me acudam! pelo amor de Deus, me acudam!...

Antonio, surdo aos gritos de Dunamira, simulando não ver as outras e parecendo não dar pela falta do chapéu e do bordão que seus movimentos accelerados haviam sacudido ao pé da moita, retrocedeu e tomou a passos rapidos o caminho opposto ao das raparigas, seguindo pelo descampado da varzea, para que nenhuma ramada imprudente ousasse beijar o rosto ou destrançar o cabello da *menina de seus olhos*.

Marianna e Candida, immoveis, estupefactas, viam quanto fazia o açodado velho, ouviam os clamores da irmã e não se animavam a dar um passo, uma palavra em defesa della. Antonio se afastava diligentemente com seu precioso fardo, a *menina de seus olhos*, que se debatia inutilmente, chorando, gritando, chamando por Deus, por N. Senhora, pelos pais, pelos irmãos, e ninguem lhe acudia. Marianna chorava, acompanhava-os com a vista, mas não se movia, parecendo ter os pés arraigados no chão. A Candida, porém, succedia o contrario. Embora se conservasse queda e silenciosa, não estava commovida. Sua estupefacção passara com a rapidez com que se desfazem as trevas de um quarto onde se accende uma lamparina. Aquelle rapto, que a principio lhe pareceu original e monstruoso, ia a galope tomando todas as côres da jocosidade. Ver Antonio levar Dunamira nos hombros, como faz o pastor á sua ovelhinha predilecta, ouvir os protestos da irmã, o seu—não sou macaquinho, não me caso

com *mincê*—tudo se lhe afigurava divertida comedia. Então um riso expansivo e caracteristico de creança deu fim á serie de seus pensamentos. Voltou-se para Marianna e chalaceou:

—*Home!* o diabo da *visage* não era o *ti* Antonio? ... Aquelle velho faz cada uma!..Nem nos valeu a troca do caminho!

E ria, ria gostosamente. Marianna censurou-a, com enfado:

—Credo! que coragem a tua!... A Namira chorando daquella fórma e tu nestas risadas tão doidas?!...

—Pois não hei de achar graça, vendo furtar-se uma moça daquelle geito?

—Mas a moça é tua irmã e vae contra vontade...

—Vae lá nada! aquillo são cafangas...

—Cafangas?!... «O bom ou mal julgador julga os outros por si».

—Si não é cafanga, é molleza. A Namira foi sempre uma molleirona...

—Molleirona?!... Que póde ella fazer, si vae presa de pés e mãos daquella fórma?

—Ora! eu no caso della fazia o velho *tossir*: arrancava-lhe uma orelha com os dentes, batia-lhe com os pés na barriga e dava-lhe tantas cabeçadas no toutiço que o remedio que elle tinha era me soltar.

—Si fazias tantos e quantos, vamos toma-la.

—Estás doida? isso é cousa differente! Um pontapé do *ti* Antonio nos deitava no chão de uma vez só.

—Oh! não és tão valentona?...

—Sou, mas só quando tenho raiva.

—E não tens agora?

—Eu, não. Raiva de que? De ver o *ti* Antonio furtar a Namira? E' bom que ella case com elle... Papai quer, mamãe quer, nós todos queremos...

—Mas a Namira não quer, e portanto...

—Ha de vir a querer... e si não quizer, casa obrigada, não faz mal não.

—Na verdade, és bôa irmã!... E' este o amor que lhe tens.

—Será querer-lhe mal, desejar que ella se case com o *ti* Antonio? Então, o papai e a mamãe não lhe querem bem.

—Não falo disso não. Admiro é achares tanta graça naquelle demonio que teve o atrevimento de furtar a Namira deante de nós e leva-la no hombro, como si fosse um surrão de queijo.

—Que surrão de queijo! Já viste surrão de queijo gritar daquella fórma? Parece é um bacorinho.

—Está, é disso que eu falo; é de veres tudo aquillo (e apontava para Antonio que não obstante levar Dunamira nos hombros, marchava apressado como si não lhe sentisse o peso) e não teres raiva, zombares, te desmanchares em riso... Parece que tens o coração de pedra. Coitada da Namira...

Candida principiava a commover-se. Marianna continuava:

—Olha, já vae tão longe e ainda chama por nós... coitadinha!... nós, pobres mulheres, que nada lhe podemos fazer... Si eu fosse um cabra homem dava um ensino áquelle demo velho, havia de mostrar-lhe que elle já só presta para

morrer. Ah! si eu lhe pudesse quebrar os ossos!... Não vês como a Namira está olhando para cá? As lagrimas lhe vão caindo de quatro em quatro... pobre irmã!... Vamos embora, não quero mais ver aquillo, não!...

Ao dizer as ultimas palavras, soluçava. Candida já chorava tambem; vendo, porém, o bastão e o chapéu de Antonio, correu a busca-los e esqueceu as lagrimas que, talvez, por desnecessarias, voassem de prompto nas asas da briza. A travessa menina poz na cabeça o chapéu que era de palha, ainda novo e desabado, e saiu faceiramente com o bordão na mão.

—Credo! tens coragem de pegar nisso? — perguntou Marianna com gestos de aversão.

—Ora si... O cacete serve para defender-me si nos apparecer outra *visage;* e o chapéu, alem de tapar o sol, vae servir de rodilha, estás vendo?

E accommodou a cabaça sobre o chapéu. Dir-se-ia graciosa pastorinha de cajádo na mão, a carregar agua para suas ovelhas. Seguiram para casa, onde chegaram momento depois.

Sinha Maria, não vendo a filha mais velha e notando lagrimas nos olhos de Marianna, pareceu adivinhar o que se havia passado e perguntou inquieta:

—De que choras, Marianna? Onde está a Namira?

—Nos hombros do *ti* Antonio e já bem longe daqui—respondeu Candida, emquanto deitava no pote a agua da cabaça.—Sem dizer *agua vae*, agarrou a Namira, botou-a no hombro e *quebrou*...

Dizendo a palavra *quebrou*, deu uma casta-

nheta para indicar a préssa com que Antonio seguiu seu caminho. Joaquim da Matta, que estava occupado em fazer peias, ao ouvir o que dissera Candida, sentiu intimo contentamento e disse meio severo a Marianna:

—E' preciso chorares por isso? Morreu tua irmã? Succedeu-lhe algum mal?... Não sejas creança e pede a Deus que mande outro Antonio fazer o mesmo comtigo.

—Nossa Senhora me defenda! antes a morte —murmurou Marianna.

—Donde tiraste esse chapéu e esse cacete, Candida?—perguntou-lhe o pai.

—Foi o *ti* Antonio que os deixou em troca de Namira—respondeu a menina.

Joaquim sorriu. Candida era das filhas suas a que lhe falava com mais liberdade. No seu primeiro lustro fôra considerada a caçula e tratada com muito carinho, sobretudo por elle. Nasceu depois Luizinha, tomou-lhe o lugar de mais nova, porém não a dilecção no coração paterno. Quando as outras queriam obter qualquer cousa do pai, diziam:

—Vae pedir, Caindinha—e tinham certo o consentimento. Candida, vendo, pois, a satisfação do pai, disse-lhe fazendo momices:

—Está contente, hein, seu papai? Mas quando souber do resto...

—Que resto, menina?

—Que a sua cabaça de pescocinho, aquella nova de que o papai tinha tanto ciume, nunca mais ha de carregar agua. A Namira levou-a, e a pobre da cabaça, não aguentou os *repuxos* do

ti Antonio, fez—*pá!*... e lá se ficou espedaçada. E' só do que eu tenho pena...

Joaquim deu estalos com a lingua para indicar impaciencia, que estava longe de sentir, e tornou franzindo os sobrolhos:

—Vae crear juizo, menina, e guardar esses objectos para entregar ao dono...

—Hum! nem se zangou... mas, si fosse uma de nós que tivesse quebrado a cabaça, haviamos de ver o *estrubão*—disse Candida á meia voz para ser ouvida pelo pai. Este sorriu de novo. Entretanto, *sinha* Maria, silenciosa e suspirando, fazia comsigo esta deprecação:

—Meu bom Jesus, minha Mãe Santissima, protegei nossa filha, abrandae-lhe o coração e perdoae-nos.

XII

Antonio sentia-se grandemente satisfeito e marchava apressado como si temesse fosse alguem ao seu encalço a tomar-lhe a querida presa. Aos soluços, gritos e clamores de Dunamira ou não refutava ou lhe ministrava este *calmante:*

—Cala a boquinha, *menina de meus olhos*, santinha de minh'alma... não sejas ingrata, flor de meu coração... Para que tamanho choro? E choras por que?... Porque vaes ter um maridinho de mão cheia, um escravinho que te ha de

lavar os pés? ... Não faças tal, bemzinho, pensa no dia d'amanhã!... Não vês o bem que te quero? Tem paciencia, e verás em breve que faço tudo isso para tua felicidade.

Essas amabilidades mais exasperavam a chorosa Dunamira. Chegando novamente á casa do filho, Antonio parou no limiar da porta, sem visos de cançado e gritou:

—José!

—Senhor?—respondeu José apresentando-se immediatamente. Dando com os olhos em Dunamira, comprehendeu qual tinha sido o *girozinho* do velho pai.

—Tua mulher está em casa?

—Está, sim senhor.

—Pois bem, aqui está esta moça, vim deposita-la em tua casa, no teu quarto de dormir, para que vocês velem por ella. Façam de conta que sou eu. Joanna deve estar sempre a seu lado, vigiando-a, dando-lhe o que for preciso, agradando-a, conversando com ella e vendo que não lhe falte nada. Quero que seja tratada como uma princezinha e, olha lá—si, sem a minha ordem, ella desaparecer de tua casa, tu me has de pagar e bem pago... Bem sabes que eu não sou *bonito*.

—E' um monstro! um monstro! um monstro!—pensou Dunamira.

Antonio entrou e se dirigiu para o quarto de dormir de José Antonio, o qual tinha somente uma porta. Sentou Dunamira em uma das rêdes que estavam armadas, e disse-lhe em voz baixa:

—Queres casar commigo? Si disseres que

sim, vaes agora mesmo para a casa de teu pai.

—Deus me livre! Deus me livre!... balbuciou Dunamira, soluçando e escondendo o rosto nas dobras da rêde.

O velho se afastou tartamudeando:

—E' preciso paciencia de Job! Tê-la-ei, meu Deus.

Examinou a fechadura da porta, viu que funccionava bem; tirou a chave do lado de dentro, passou-a para o de fóra e volveu-a na fechadura, muitas vezes, para a direita e para a esquerda, dizendo comsigo:—Está bôa, não ha risco.

Em quanto o sexagenario estava nesse trabalho, José e Joanna procuravam com as mais carinhosas palavras acalentar Dunamira que parecia não as ouvir siquer. Ella e Joanna davam-se muito, mas em outras occasiões que não aquella. Vendo que tudo era baldado, Antonio, abafando sua contrariedade e como temendo ver fugir-lhe mais uma vez a querida presa, saiu do quarto, empurrando deante de si o filho e a nora, e disse com secura:

—Tranquemos a porta, logo se ha de calar... —e accrescentou comsigo:—Nunca vi tanta dureza! parece que não tem alma...—e trancou a porta.

Dunamira não fez obstaculo, não disse uma palavra, chorava apenas.

—Esta porta se conservará sempre trancada—ordenou o velho—e, quando houver necessidade de abri-la para levar alimento ou qualquer cousa áquella dengosa, deve um de vocês ficar de sentinella. Tomem o exemplo de formiga senão, senão... hão de chorar depois.

As ordens de Antonio não eram contrariadas por nenhum dos que tinham direito de obedecê-las. E Dunamira conhecia muito bem essa submissão. Nada, pois, tinha a esperar dahi, senão a certeza de que lhe era impossivel evadir-se de tal prisão. Não podia esperar clemencia de seu raptor. E, Deus do céo! si seu pai e sua mãe fossem tambem inexoraveis, não cedessem a seus rogos, estava perdida, e então só havia duas saidas: ou casar voluntariamente com Antonio, ou deixar-se morrer de desespero no aljube em que se achava. Via-se entre a *cruz e a caldeirinha* e, portanto, inconsolavel a pobre rapariga. Reinaldo não lhe saia do pensamento Oh! por que não tinha acceitado a proposta do rapaz! por que não quizera fugir na noite antecedente? Foi uma loucura, a maior das loucuras. Está, o medo de fugir em que deu. Si tivesse adivinhado... E chorava, confessando-se a maior culpada de tudo que estava soffrendo. — Si eu soubesse...—dizia soluçando de arrependimento. E Reinaldo? que não diria elle quando soubesse de seu infortunio? Desesperava com certeza e não deixaria de lançar toda a culpa sobre ella. Era justo que o fizesse, ella bem o merecia. Não! não! o culpado de tudo era o insolente velho, aquelle desalmado, que devia ser moido a pau. Ah! si Reinaldo, não fosse afilhado daquelle maldito, si pudesse dar-lhe um ensino mestre que o fizesse conhecer-se e trocar os sonhos de casamento pelas contas de um rosario!... Mas isso não era cousa realizavel, e Dunamira voltou-se

para o unico recurso que lhe podia valer—implorar misericordia aos santos de sua devoção. E, para que saisse em paz e com saude daquella prisão, prometteu a Santa Rita dos Impossiveis—fazer uma novena; a S. Antonio—rezar um responso todas as noites, durante nm mês; e a S. Francisco das Chagas—ir a Canindé, a pé e descalça, rezar na igreja, e de joelhos, um rosario e levar-lhe uma duzia de velas brancas. Feitas as promessas, serenou um pouquinho, confiada na protecção dos santos. Oh! doce religião de Christo, quantos beneficios não fazeis áquelles que têm em vós verdadeira confiança! Bem dizia S. Thiago: «Está triste algum de vós? Ore.» E os que oram com fé se reanimam.

Antonio, depois de ter feito duzias de recommendações a respeito de Dunamira, pediu a José um chapéu, tinha perdido o seu, não sabia onde. E, pondo o chapéu na cabeça, deu de marcha, dizendo ainda:

—Não se incommodem muito com a menina, deixem-na socegada, logo ha de ceder. Vou em casa mandar Benedicto fazer-lhe companhia. Elle e ella são muito unidos e, quem sabe? talvez Benedicto faça alguma cousa por mim.

—Talvez—repetiu José.

Antonio saiu. José e Joanna procuram de momento a momento saber si Dunamira queria alguma cousa; rara vez, porém, obtinham resposta e esta, negativa. Nada queria, nada acceitava e chorava sempre. Joanna se affligia bastante, porque, alem de gostar muito da rapariga, desejava agradar seu velho sogro, que era tão bom.

XIII

Uma hora depois da saida de Antonio da casa de José, entrava Benedicto muito prazenteiro. Era um rapaz de vinte annos, de boa estatura, moreno, corado, quasi bonito e menos gordo que magro. Ligeiro buço lhe enfeitava o beiço. Com desvelo raro no meio em qne vivia tratava de seus cabellos, que eram pretos e anelados, e, quando alguem o tachava de faceiro ou lhe dizia: «Tua alma se prende nos teus cabellos», respondia sempre: «Não me bote quebranto nos cachos, são elles que me dão graça.» Muito alegre e sympathico, sabia agradar as mocinhas da terra sem se deixar captivar por nenhuma. Gostava de divertir-se: tocava, cantava, dansava. Abstinha-se, porém, dos desvarios dos prazeres. Tinha somente um vicio—fumar. Trabalhava com a mesma satisfação com que attendia aos reclamos do estomago. Desde seus mais tenros annos fôra criado por Antonio de quem era afilhado e a quem dedicava grande e sincero amor filial, não obstante amar igualmente a seus pais legitimos. Não vivia, pois, na casa paterna; mas, graças a pouca distancia que della o separava, pudera conviver com seus irmãos e ama-los com muito affecto, particularmente a Dunamira.

Antonio amava-o tanto quanto a seus proprios filhos ou mais ainda, e fizera-o seu confidente, chamando-o—caixa de meus segredos. Benedicto conhecia, portanto, todos os negocios, todos os desejos, todas as intenções do sexagena-

rio, servindo-lhe por vez já de auxiliar, já de conselheiro. Estava a par de toda a paixão delle por Dunamira; e desde que lhe foi revelada, manifestou muito desejo de vê-los unidos pelos laços matrimoniaes. A primeira vez que falara nisso á irmã, a quem amava extremosamente, respondeu-lhe ella com firmeza: «Nem te lembres!... prefiro ficar na *peça*.» Esta resposta, comtudo, não lhe fechou a bocca. E toda vez que palestravam sozinhos, com intimidade, voltava elle ao delicado assumpto, mostrando-lhe as conveniencias para ella e para a familia; patenteando-lhe o grande prazer que sentiria si visse realizada tal alliança; convencendo-a de que Antonio era a flôr dos homens... «Flôr de *cordão de frade*» replicava Dunamira. O rapaz não se dava por achado e continuava desenrolando vantagens, mais vantagens, instando, instando... Mas a irmã refutava sempre seus argumentos com palavras seccas e de verdadeiro desengano, succedendo, não raro, terminárem arrufados ou mal por dois ou três dias. Isso, todavia, não era razão para que Benedicto no primeiro ensejo não voltasse á carga.

—Onde está a Namira?—perguntou elle apenas acabava de dar os *bons dias*.

—Está ali na camarinha — respondeu José, indicando o quarto.

Benedicto não esperou que o levassem aonde estava sua irmã. Sem pedir licença, abriu a porta, entrou desembaraçado e marchou direito a ella. Dunamira estava meio sentada e meio deitada, isto é, com o tronco deitado sobre o lado direito, occultando o rosto nas dobras da rêde,

e com as pernas descidas para fóra, mostrando, assim, soffrimento moral. O rapaz tocou-lhe no hombro esquerdo e disse-lhe com affecto:

—*Bons dias,* Namira .. Que tens? estás doente?

Teve em resposta soluços abafados.

—Não respondes? Que estás sentindo?

—Nada!—respondeu ella com voz de enfado.

—Estás zangada commigo? Por que me falas assim? Que te fiz eu?

—Nada!

Benedicto sentou-se a seu lado.

—Por que estás chorando?

—Por nada!

—Ora, que tanto nada!... Fala direito, Namira, desta forma não te posso entender. Queres ir para a casa de meu pai?

—Quero, quero!—volveu ella sentando-se e abraçando o irmão.—Leva-me, Bedicto de minh'alma!... leva-me, por Deus, irmãozinho de meu coração! peço-te pelos teus cabellos!...

—Mas só te posso levar si prometteres casar com o meu padrinho. Promettes?

Dunamira escondeu novamente o rosto na rêde e respondeu chorando, mas com arrogancia:

—Ave Maria! Deus me livre! antes uma bôa morte.

—Não digas isto, Namira; tem juizo; lembra-te do dia d'amanhã.

—E' me lembrando delle que não quero.

—Oh! e por que?

—Porque não quero lidar amanhã com um menino mais velho do que o padre-nosso.

—Não sejas tola; daqui a cincoenta annos

meu padrinho póde ainda carregar-te no hombro, como fez inda agora.

—De bruto! de bruto!

—Não senhora, fez pelo bem que te quer.

—Pois é de bruto que me quer bem. Não sabe que eu não o quero?

—Mas devias querer.

—Sae daqui! vae-te embora!...

—Estás correndo commigo, quando eu vim consolar-te?...

—Diabo leve o consolo!...

—Parece que não me tens mais amizade!...

—E's tu que não me tens.

—Tenho tanta, que apesar de estares falando tão arrebitada, de me teres mandado sair, não me vou embora nem estou zangado comtigo.

—Será por amor de mim que estás aqui?

—E por que ha de ser?

—Por amor do bom do teu padrinho.

—Não senhora; vim para te consolar, para te fazer companhia e até disposto a levar-te para casa de meu pai.

—E por que não me levas?

—Porque só tenho ordem de levar-te como noiva de meu padrinho.

—Noiva do diabo!

—Pois bem, seja elle o diabo e tu a sua noiva, queres assim?

—Sae daqui! vae com aquelle *miserave* para as profundas!...

—Não vou, não; é preciso que eu esteja a teu lado, que te dê conselhos.

—Arrenego dos teus conselhos!...

—Mas tens precisão delles; tu és ainda muito creança.

—E assim mesmo queres que eu me case com um sujeito que tem idade de ser meu *tratavô*...

—Elle não é tão velho e ha de fazer a tua felicidade, e portanto quero e quero muito.

—Mas eu não quero! não quero! não quero!... estás ouvindo?... Só Deus me fará mudar.

Dunamira estava tão agastada quanto chorosa. Falava sem levantar a cabeça nem siquer descobrir o rosto, mas em voz alta e decidida. Benedicto desanimava deante daquella pertinaz relutancia; sentia-se contrariado, vendo que trabalhava debalde em favor de seu padrinho, lamentando não ter palavras tocantes e sufficientes para persuadir a irmã a annuir áquelle casamento que elle e todos os seus tanto desejavam. Continuava, todavia, mostrando-se prudente e carinhoso. Para não mortifica-la, guardou silencio um instante e depois lhe perguntou com desvelo:

—Já comeste hoje?

—Não, nem quero.

—Mas é preciso comeres alguma cousa.

—Não quero nada.

—Toma um cafézinho com leite ou um leitinho com cuscús...

—Não quero nada, já disse.

—Nem um mingauzinho de carimã?

—Nada, nada! *oh senhor!*...

—Então, queres morrer de fome?

—Ah!... si eu morresse agora mesmo!...

Benedicto sentiu-se commovido. A accentuação dorida com que dissera Dunamira aquellas

palavras penetrou-lhe no amago do coração. Convenceu-se de que só um milagre poderia fazê-la ceder; e, entretanto, estava certo de que ninguem poderia tira-la dali, porque a isso se oppunham, pertinazmente, seu pai e seu padrinho. Coitada de sua irmã! Quando desejava morrer, estando na flor dos annos, na idade dos prazeres, das esperanças, dos sonhos... era porque estava soffrendo muito. E quem tinha a culpa disso? Seu padrinho, seus pais, elle proprio. Inclinou a fronte pensativo e triste. Surgiu-lhe á mente um turbilhão de idéas contradictorias: ora se encolerizava contra si, contra todos os que queriam á fina força obrigar Dunamira a casar-se com Antonio, porque, não obstante ser este casamento de grande vantagem para sua familia, não deixava de ser um acto de violencia que podia arruinar a saúde de sua irmã e até roubar-lhe a vida, deixando-os cheios de remorso; ora acreditava que, si tivessem procurado capta-la com boas palavras e razões poderosas, si seu padrinho houvesse primeiro tratado de se fazer querido, de conquistar com geito e amabilidade o coração da menina, para depois cuidar de fazê-la sua mulher, talvez corresse tudo *de vento em pôpa*, segundo a vontade de todos; ora se persuadia de que era necessario fazer o que estavam fazendo, porque Dunamira não cederia de outra forma. Tinha certeza de lhe estarem fazendo um grande beneficio, pelo qual mais tarde se lhes mostraria ella summamente agradecida. Deviam, portanto, ir avante; trepidar seria fraqueza, e a fraqueza muitas vezes cerra as portas á ventura. As mulheres—pensava elle—são como as crean-

ças, se satisfazem com o presente, sem cogitarem do futuro. E a confirmação disso está na bagatela da razão por que escolhem os maridos. E a Namira que elle julgava tão ajuizada! E' que nesse tanto nenhuma tem juizo, todas são iguaes, é *fechar o olho e pegar uma.*

Estava elle todo engolfado nessa confusão de pensamentos, quando entraram seus pais e suas manas que iam visitar Dunamira.

Ao vê-los, Benedicto se levantara lesto, prevenira a irmã da presença de tão agradavel visita, recebeu affavelmente a saudação de todos e afastou-se com respeito.

XIV

O quarto em que se achava Dunamira era apenas illuminado por tenues fitas de luz, que entravam pelas costuras do telhado, e por uma faixa de claridade esmorecida, que entrava pela porta entreaberta, vindo já de uma sala frouxamente clara; permanecia, portanto, em quasi completa escuridão. Quem saisse da claridade solar e entrasse logo nelle se presumia internado no coração das trevas. Era preciso affazer-se primeiro á penumbra daquelle improvisado carcere, para distinguir imperfeitamente o que havia nelle.

Joaquim da Matta, *sinha* Maria, Marianna e Candida entraram tacteando e, apesar de Bene-

dicto se apressar a recebe-los, pararam irresolutos, sentindo-se totalmente cegos pela escuridão. Dunamira ergueu-se prestemente, marchou em soluços e lançou-se nos braços de sua querida mãe.

—Minha mãe! minha mãezinha, não me abandone! não desampare sua filha!...– dizia ella com a voz entrecortada pelo pranto e de tal modo commovente, que o porprio Joaquim da Matta não poude reprimir duas lagrimas indiscretas que lhe saltaram dos olhos. Fazia dó o desespero da pobre rapariga. O pai achegou-se tambem da chorosa filha, abençoou-a e perguntou-lhe:

—Então? continúas ainda na tua teimosia ou ja queres fazer a nossa vontade?

Dunamira não teve animo de responder. Sentiu nas palavras do pai um misto de brandura e severidade ao mesmo tempo.

—Fala, responde... já queres casar com o compadre Antonio?

—Não senhor, respondeu ella temerosamente.

—Tem juizo, menina! olha para deante! já não és creancinha... Fecha os ouvidos ao coração e abre-os á razão... Si quizeres satisfazer o nosso desejo, levamo-te agora mesmo para casa. Queres ou não queres?...

—Não quero não, senhor.

Joaquim da Matta contraiu o rosto, dirigiu á mulher um olhar firme e significativo de quem diz–olha o que fazes!—ergueu os hombros, rangiu os dentes e saiu resmungando:

—E' dura!.... é dura!... não parece minha filha!...

E a si mesmo protestava ser inexoravel, fazer o casamento, embora se visse forçado a impellir a filha até aos pés do sacerdote, e ahi obriga-la a dar o *sim* indispensavel, o *sim* que é a consolidação do laço conjugal. Na sala se encontrou com Antonio, com quem viera de casa, onde fôra elle pessoalmente communicar-lhes haver raptado Dunamira. Sentavam-se ao lado um do outro, conversando confidencialmente e em voz muito baixa.

Marianna e Candida abraçaram tambem a irmã e sentaram-se depois em uma cama coberta de coiro. Caia sobre ellas a debil claridade que entrava pela porta. Não podendo dar livremente á lingua, davam vista ao quarto que estavam considerando aposento de fazendeiro abastado, si bem que fosse de taipa, com as paredes emboçadas e rebocadas de barro quasi branco e tão superficialmente, que muitas ripas e varas, si não estavam de todo descobertas, se salientavam como as nervuras das folhas olhadas pela face inferior do limbo. O ladrilho era de tijolo de consistencia pétrea, de cor baça, com a forma de um quadrado cujos lados mediam cerca de dois decimetros. Havia no seu interior duas rêdes armadas no meio e muito proximas; um santuariozinho de cedro sobre mesinha de pinho, ao pé da parede opposta á da cama; dois baús de pregaria, postos em linha e sobre toros de pau, junto á parede do fundo; uma corda de roupa; uma esteira enrolada, pousando obliquamente um dos extremos no chão e o outro no canto atraz da porta, e mais ninharias. Sobre a

cama se viam um balaio e uma mochila de couro propria para viagem.

Emquanto Marianna e Candida observavam minuciosamente tudo, *sinha* Maria, sentada na rêde ao lado de Dunamira, tentava dobra-la dando-lhe conselhos. Condoia-se muito do estado da filha, desejava grandemente remedia-lo ou mitiga-lo ao menos. Como, porem, fazê-lo? Seu marido era inabalavel, não consentiria jamais levar a filha para casa sem que ella promettesse casar com Antonio; e para que ella fizesse tal promessa não foram bastantes nem as amabilidades de Benedicto, nem a seriedade paterna, nem as instancias affectuosas da mãe. Sujeitava-se a tudo, tudo, menos a assentir o tal casamento. Não, não daria esse gosto ao velhaças, ficassem certos. E pensava: *antes morte que tal sorte.* Posto que não dedicasse a Reinaldo um desses amores que o tempo não destroe, não podia resolver-se troca-lo por Antonio. Quem chegaria a obter-lhe consentimento para essa troca? Não o previa nem podia prevê-lo.

Sinha Maria continuava a dar-lhe conselhos insinuativos, mostrando-lhe que não devia ir de encontro á vontade do pai, que os filhos desobedientes não podiam ser felizes, e accrescentou com brandura:

—O melhor partido é cederes logo, é dares o sim que tanto desejamos. Bem conheces teu pai; elle quebra, mas não torce. No caminho me disse e agora me repetiu com os olhos, que só sairás daqui se acceitares a mão do compadre ou em uma rêde para seres enterrada. Soffro muito com isso, mas nada posso fazer. Não tenho forças

nem modo para convencê-lo de que não devemos obrigar-te, nem posso comprehender ou adivinhar por que rejeitas tão bom casamento. O compadre Antonio não é tão velho como dizes e parece até moço; e demais tem muitos haveres. Quasi toda esta ribeira lhe pertence; tem quatro fazendas, cada uma com grande porção de cabeças de gado; três roçados muito bonitos e cheios, dos quaes ha de fazer bom dinheiro, muita prata e, ninguem me disse, mas penso eu, tem o seu *ourinho* tambem.

E o microscopio de sua imaginação mostrava-lhe os bens de Antonio centuplicados de valor.

—Deves tomar os conselhos de tua mãe, só tens a ganhar com isso, não enxotes a fortuna que está a teus pés... Tomas?

—Não senhora—respondeu Dunamira sempre a chorar.

—Minha filha, humildade é contra a soberba. Si tivesses mais amor aos teus e menos a ti, havias de ceder. A tua teimosia torna teu pai mais rigoroso .. Que é isso? estás chorando mais?... Não sejas nenen, não chores assim. E' por isso, filha, que dizem que as mulheres têm *olhos de tarracha*. Devias ter mais juizo, pensar melhor nas cousas e ver quanto este casamento convem a todos nós e a ti principalmente. Na casa de teu pai, és de todo serviço: bates roupa, botas lenha, carregas agua... na casa de teu tio, serás *senhóra dona*, terás a quem mandes, sem te ser preciso fazer senão renda, costura e dar ordens em casa. Que vidão não vaes passar!... Queres, minha filha?

—Não senhora—repetiu Dunamira.

Sinha Maria começava a impacientar-se:

—Dunamira, já estás na casa dos dezenove annos e, comtudo, ainda não sabes o que é o mundo, nem sabes o que é o ter e o não ter. Vou abrir-te os olhos. Ha neste mundo um rei que manda todos os reis, que é senhor de todos os homens, que domina tudo; todos se curvam a elle, desde o trabalhador de enxada até ao mais poderoso da terra; todos lhe têm mais amor que á propria vida; é por elle que ha demandas, que ha inimizades, que ha guerras, onde morre tanta gente que precisava viver. Sabes qual é este mandão, este rei sem igual? E' o dinheiro.

—Eu bem sei que é o dinheiro, bem sei que é por elle que me querem casar á força...

—Quem diz que não? E', mas com isso só temos em vista fazer a tua felicidade.

—Minha desgraça—pensou Dunamira.

—Não sabes que ter dinheiro é ser maioral, é ter o gostinho de dizer—*faço porque quero, mando porque posso?* Quem tem dinheiro é grande, é bom, é querido, tem todas as virtudes e nenhum defeito. Não cantas todos os dias a cantiga que diz:

«Cada um guardar procure
Na bolsa gordo vintem,
Para o céo vae quem merece,
Na terra vale quem tem?»

Pois é uma verdade. Si um negro tem, é grande e manda; si um branco não tem, é pequeno e obedece. Eu não tenho pejo de confessar que gira em minhas veias um *sanguezinho*

de mulato, muito pouquinho, só do lado de minha avó, mãe de minha mãe, todos os outros meus avós e bisavós eram brancos. Nas mesmas condições está teu pai. E por que nada somos? Porque nada temos. O Nicandrinho, o mais rico ou um dos mais ricos negociantes da cidade... é meu primo carnal, nascemos debaixo das mesmas telhas e fomos criados juntos; mas hoje está *grande*, anda emproado... não me conhece mais. Si um dos filhos delle—nem é bom pensar nisto—quizesse casar com uma de minhas filhas, que não são tortas nem aleijadas, graças a Deus, nem das mais feias, havias de ver o barulho que elle fazia, havia de dizer que o filho queria enxovalhar-se, queria envergonha-lo, casando-se com uma moça do *povo*, uma canalha *de pé no chão*. Donde vem tanta grandeza para elle e tanta baixeza para nós? Da riqueza delle e da pobreza nossa, minha filha. Nossos bisavós foram ricos, nossos avós, *arranjados*, nossos pais, pobres, e nós, mais pobres ainda. As demandas, as questões de *partidos* dos nossos maiores foram as principaes causas de ficarmos quasi todos reduzidos ao que estamos. Alem disso, as cousas se têm tornado mais difficeis, e mais uma doença d'aqui, um prejuizo d'ali, uma divida d'acolá... de modo que vamos caminhando para traz á moda de carangueijo, quero dizer—vamos de mal a peor. E' no casamento de nossas filhas que se firmam nossas esperanças, d'ahi somente nos póde vir um desafogozinho de que tanto carecemos; dellas, portanto, dependem as nossas melhoras. E assim mesmo, minha filha, enjeitas o compadre Antonio, um homem famoso *daquel-*

les?!... Não faças isso, *chega-te logo ao rego*, porque teu pai já protestou que has de casar com o compadre, por gosto ou contra a vontade. E tu bem sabes que elle, quando promette, não *róe a corda...* Eu falo, falo e tu choras!... De que servem essas lagrimas? De nada; é *chorar no molhado*, pois quanto mais chorares, mais teu pai *ficará de nariz torcido*. Abranda essa natureza, minha filha, ouve os conselhos de tua mãe, dá teu consentimento e voltarás para casa em nossa companhia e ficaremos todos contentes. Dás, minha filha?

—Não, minha mãe— repetiu ainda a chorosa rapariga.

—Pois bem, visto seres tão endurecida, não quereres mudar a tua sorte nem tambem a nossa, desobedeceres ás ordens de teu pai, não ouvires tua mãe, que te pede a chorar, deixo-te, vou m'embora e aqui só voltarei quando deres o sim, ou quando estiveres no leito de morte. E' esta a ordem que tenho e não posso deixar de cumpri-la.

Levantou-se e, abraçando a filha, tartamudeou:

—Adeus, minha...

Não poude continuar, os soluços lhe embargaram a voz. Tentou usar de severidade, suas palavras eram, porém, abrandadas pela entoação melliflua do amor materno. Partia-lhe o coração o estado em que via sua filha. Si estivesse em suas mãos, seria feito a vontade de Dunamira e o tal casamento rolaria ao montão dos desejos perdidos. Julgava, porém, dever seu obedecer conformada a qualquer que fosse a ordem do

marido, e por isso, dissimulando como podia sua illimitada submissão, se fingia dominada de uma cobiça que estava longe de sentir. Forcejou por se mostrar desapiedada, o seu coração se patenteava bom e compassivo. Podera! o coração de mãe nem forçado tem rigor. Que ha de mais terno, de mais carinhoso, de mais santo que o amor materno?

A filha, abraçando-a, supplicava em soluços:

—Minha mãe! minha mãezinha, não me deixe, não me abandone aqui!... tenha pena de mim, eu não quero ficar!...

Sinha Maria, mal podendo reprimir as dores de sua alma e temendo não poder resistir ás instancias da filha, se desembaraçou brandamente de seus braços e saiu do quarto pressurosamente.

Dunamira caiu desalentada na rêde.

Candida, embora se condoesse algum tanto das lagrimas da irmã, não podia, graças a seu genio brincalhão, mostrar-se nem séria nem triste. E' que ao desejo de ver realizado o casamento juntava-se o quê de comico e de extravagante que encontrava no meio empregado por Antonio para consegui-lo. Dando á irmã o abraço de despedida, deu-lhe este conselho:

—Tu sempre has de vir a querer, Namira, por que não dizes logo que sim?...

Dunamira repelliu-a, desgostosa:

—Vae-te embora, importuna!... *praga de urubú não mata cavallo!...*

—Mas passarinho preso não bate asas, meu bem, e o *geitinho* é este mesmo.

Ia sair; vendo, porém, Marianna de braços abertos e olhos empanados pelo pranto, dirigir-

se ás palpadelas para Dunamira, não poude esquivar-se ás instigações de seu genio folgazão, acercou-se della, deu-lhe duas palmadinhas na cabeça e perguntou-lhe:

—Cabra cega, cabra cega que vem?...

Marianna empurrou-a com tanta força que lhe cortara o resto da phrase, e si a endemoninhada menina não se firmasse de prompto a um dos punhos da rêde em que estava Dunamira, teria caido redondamente. Emquanto se equilibrava, ia chalreando:

—Arre! si tivesses dado um empurrão destes no *ti* Antonio, a Namira não estava nesta gaiola...

E safou-se, abafando o riso. Marianna sentara-se um momento ao lado de Dunamira para lhe dizer:—Por meu gosto ficava em tua companhia, mas não posso... Pedi a meu pai e elle me respondeu, muito carrancudo, que estavas bem acompanhada. Si fosse a Caindinha que tivesse pedido...

—Ave Maria! era mais um *aperreio*—tornou Dunamira, e permutaram affectuoso amplexo.

Marianna, acudindo ao chamado do pai, saiu tambem do quarto. Logo que se retirou a familia de Dunamira, Benedicto voltou a sentar-se a seu lado. A rapariga continuava inconsolavel. Passara todo o dia sem tomar alimento algum, a despeito das instancias carinhosas do irmão e dos amaveis donos da casa, os quaes não se podiam conformar com tão prolongada abstinencia. Á noite conseguiram finalmente que ella tomasse um pouquinho de leite.

XV

Ia alta a manhã. Reinaldo almoçava tranquillamente com seus pais, quando foram surprehendidos pela visita não usual de um vizinho.

—*Bons dias, vossemincês* — disse o recem-chegado.

—*Bons dias,* Manézinho—responderam todos á uma.

—Por aqui a esta hora? —perguntou Reinaldo.

—E' verdade. *Cuma tem* passado?

—Assim, assim, Deus louvado — respondeu Luiza, a mãe de Reinaldo.—E a sua obrigação?

—Vae rolando *cuma* Deus é servido. O meu *fiinho* mais *véio é qui está c'umas gafeira... non seio* donde veio aquillo... o *bichinho chega tá* todo esfolado. Uns *diz qui é* sarna, outros *qui é pur mode* o sarampo *qui* elle teve... e eu *non seio* quem é *qui sabe.*

—Já o lavaram no fato do boi? Para a sarna e tudo quanto é ferida é santo remedio.

– *Mas porém non* foi santo *pra* elle, *sinha* Luzia; a *muié* já lavou o *bichinho*, no fato do boi... nem me *alembro*, mas *pés qui* foi duas *vez* e foi *mermo qui* nada.

—Pois então, si é sarna, só tem agora um remedio—é sangra-lo; oito ou dez dias depois está bomzinho.

—*Pés qui* é sarampo *mermo, sinha* Luzia, *pruque* o menino *se coça-se cum* unhas e *dente... pobe* do meu *caboquinho, tava qui* era uma

bola e esperto *qui* nem cabrito; já ia *mais eu* ao roçado!...

—Venha almoçar—convidou Reinaldo.

—Deus *li* pague, póde *anmoçar* a seu gosto.

—Então, se abanque por ahi.

—*Non* quero *mim assentá* não, a demora é pouquinha. Já *subéro* do *qui assucedeu* hoje *dimenhasinha*, lá na *outra banda*?

—Não. Que foi? — inqueriu Reinaldo algum tanto inquieto, pois era na *outra banda*, isto é, nas proximidades da outra margem do rio, que morava Dunamira.

—Foi o *influluido* do seu padrinho *qui* furtou moça.

Reinaldo sentiu pancadas no coração e tornou-se excessivamente pallido.

—Que está dizendo, Manezinho? o compadre Antonio furtou moça?! — perguntou Nicolau, muito admirado.

—*Inhô* sim, *é cuma li* estou dizendo. E *qui* moça!

—Quem foi ella?

—Foi a *fia* mais *véia* do *seu Joaquinho* da Matta, aquella moça tão famosa, *qui non* era *pru* beiço delle.

Reinaldo afastou o prato em que estava comendo, deixou cair a colher com que se servia, levantou-se de chofre e perguntou tremendo:

—E ella fugiu por gosto?

—*Pur* gosto o que, meu camarada! foi carregada nos *hombro* e gritando *cuma* um menino que se arranca dos *braço* da mãe. D'ahi póde *vê qui* ella teve aquelle *gostinho qui* tem a rola *qui* é agarrada *pur* um gavião.

—*Minha gente!* pois foi assim? crédo em cruz!—exclamou Luzia.

—Eu mesmo *non* vi, *mas porém vossemincê* póde *acreditá cuma* si eu tivesse visto, *pru* que quem me contou foi *seu* Zé Antonio, e é na casa delle *qui* a moça *tá dispusitada.* E o tempo *qui* o *véio* anda *secco pra casá cum* ella!... eu acho *qui* a defunta *muié* delle inda *non* tinha fechado os *óio*!

—Velho sem vergonha! bradou Reinaldo.

—Meu filho! Ave Maria! dizes isso com teu padrinho?—admoestou Luzia.

Reinaldo! é assim que respeitas aquelle que te levou á pia?—reprehendeu Nicolau.

—*Fazer o que me fazem não é peccado.* Elle não é meu padrinho e não me fez o que fez? *Pago-lhe na mesma moeda.*

—Então, pensas que todo mundo sabia das tuas tenções?

—Todo o mundo sabia, meu pai. Elle mesmo, muitas, vezes me disse que eu andasse mais depressa com isso.

—Pois eu não sabia; soube hontem á noite...

—Quando eu lhe pedi licença para fazer o que pretendo fazer ainda.

—Que é, Reinaldo?! Si és filho de pai, vae tirar Dunamira donde o compadre a depositou.

—Nem tenha susto, *seu* Nicolau; nem *qui* elle se virasse *im* dez *non podia fazê* isso. A moça *tá* debaixo de sete *chave* e vigiada *cuma* si fosse criminosa. *Seu* Zé Antonio me disse *qui* ella inda *non* tinha seccado os *óio*. Não *hai* quem a faça *dizê qui qué casá cum* o *véio*, mas elle

non se dá *pur* achado e diz:—*Non qué hoje, qué amanhã.*

—Misericordia! coitadinha della!—disse Luzia.—Nunca pensei que o compadre Antonio fosse capaz disso.

—O *véio mode qui* já *tá girando.*

—Que *girando!*—atalhou Nicolau—elle é da minha idade e parece mais moço; e eu, com a mercê de Deus, não caduco ainda.

—*Antonce* é de quente.

—Será.

—*Vossemincês dê* licença *qui* eu vou saindo; *inté amenhã...*

—Já se vae? inda é cêdo

—Mas a *Ulaia* só *anmoça condo* eu *chegá.* Só passei *pur* aqui *pra dizê* a Reinaldo o *assuccedido.*

—Deus lhe pague, Manezinho—fez Luzia.

Manezinho saiu; Reinaldo suspirou e disse tristemente:

—Si fosse por gosto, vá; mas assim, tirada a força!...

—Seja como for, meu filho, nada tens a fazer. O compadre Antonio é teu padrinho, e, alem disso, eu lhe devo mais favores do que tenho cabellos na cabeça.

Reinaldo curvou humildemente a fronte. A palavra *favores* era uma avalanche de empecilhos que vinha cair sobre seus planos e destruilos totalmente. Tinha razão. Para o coração bem formado e judiciosamente grato, a maior, mais delicada e mais sagrada de todas as dividas é a de favores, para a qual não ha excesso de juro. A ingratidão é indicio de almas vis, e esquecer

favores é desagradecer. Reinaldo era rapaz sensato e bom, não podia, portanto, ser ingrato. Por si proprio, não estava melindrosamente onerado, porque, si recebera alguns favores de seu padrinho, tinha consciencia de havê-los retribuido com usura; estava-o, porém, por seus pais, que foram largamente patrocinados pelo caridoso velho. De uma vez, deu a seu pai terra para plantar e o fez seu vaqueiro, dedicando-lhe sempre muita amizade.

De outra vez, foi para elle verdadeiro pai: Nicolau passara seis ou oito mêses paralytico da perna e do braço direito, e foi no meio dessa temporada que Reinaldo veio á luz do mundo. Que seria da pobre familia, si não a soccorresse a generosidade de Antonio? Quando Nicolau se levantou da cama, devia a Antonio, alem de uma gratidão para não ser apagada nem mesmo diminuida pelo passar do tempo, uma grande somma de dinheiro que muito difficil lhe seria satisfazer. Acabrunhado por isso, offereceu a Antonio, como penhor da divida, a casa em que morava e duas rezes, unicos bens que possuia, e seu beneficente credor lhe respondeu: "Nada me deves." Como poderia Nicolau esquecer tantos beneficios e deixar de ser nimiamente grato a seu bemfeitor? Reinaldo era tambem, tanto por amor dos pais como porque até ali estimara sempre muito ao padrinho. Como pois reagir contra elle?

Nicolau continuou:

—Não é só Dunamira que é moça não, meu filho. Aqui mesmo ha muito outras com quem pódes fazer casamento igual.

—Mas eu não quero outra...

—Não queres hoje, quererás amanhã.

—Nem hoje, nem amanhã, nem nunca... o mundo morreu para mim.

—Não digas semelhante asneira, homem!... Eu, que já estou velho, acabado e sem forças, que já não posso trabalhar nem me divertir, não digo isso, e o dizes tu que ainda não acabaste de crescer? Então, porque não casas com a mulher de quem gostas, queres dizer adeus á vida? Não te prezes tão pouco... Eu tambem fui moço, e não dos mais feios, fiz cocegas no coração de muitas moças, mas nem por isso escapei de ser engeitado por uma duzia dellas.

—Mas eu não fui enjeitado...

—E' já um consolo.

—Não para mim, porque si eu tivesse sido enjeitado, não me importava: o que me faz desesperar é lembrar-me que ella me queria tanto quanto eu a ella, e agora...

—Está tudo acabado, e amanhã não te lembrarás mais della nem ella de ti.

—E' o que diz meu pai

—E' o que digo eu e o que diz quem tem experiencia do mundo. O amor—falo por mim—é uma dansa em que o maior gosto para os dansadores está na troca do par. Antes de me casar com tua mãe, tinha querido bem a umas vinte e tantas mulheres; muitas vezes estive *casa, não casa,* ora com uma, ora com outra e, sem mais nem mais, lá se ia o casamento de agua abaixo. Quando me succedia roubarem o coração daquella que eu queria, pensas que eu chorava por isso? *Ai! ai!* ia era tratar de novo *arranjo.*

—E' porque meu pai não queria bem deveras.

—Qual bem deveras *nem meio deveras!* Estou nesta idade e até hoje não quiz desses bens que não deixasse com a mesma facilidade com que troco um chapéu velho por um novo. Não era o amor que eu tivesse a uma mulher que me fizesse andar mudo ou *bem commigo e mal com todos*, que me tirasse a vontade de comer e de dormir, que me privasse de folgar e de tocar todos os dias minha vióla. E não me casei?

—Cada um tem a sua natureza: meu pai era assim, já eu não sou.

—E' porque tu *puxas* a mim, eu tambem só quiz a teu pai—disse Luzia.

—E como havias de querer a outro si fui eu o primeiro que achaste?

—E' o que tu pensas. Antes de ti, já muitos me tinham arrastado a asa.

—Deixa de *pabulagem*, minha velha! Déste graças a Deus encontrares o tolo de mim; estavas madurinha, pegando-te com Deus e os santos para te livrarem do *tiro da macaca.*

—Deixa de invencionice!... morres de velho e não perdes a moda...

Reinaldo já não os ouvia. Todo entregue á dor que lhe golpeara o coração, não via nem ouvia o que se passava em torno de si, como si aquelle inesperado golpe lhe houvesse de todo apagado a luz dos ollhos e obstruido o orgão de audição. Desandava-lhe a roda: sua estrella, que lhe parecia propicia, se tornara funesta; cairam de chofre todos os castellos que na vespera levantara, cheio da maior satisfação; desfizeram-

se, uma a uma, todas as esperanças que o tinham acalentado com promessas altaneiras; apagava-se para sempre o pharol que pouco antes imaginava conduzi-lo á ventura ambicionada; para maior infortunio, o usurpador de sua felicidade era seu padrinho e bemfeitor de seu pai! Não podia, pois, levantar-se contra elle, porque seria *levantar com o santo e com a esmola.* E agora que lhe restava? Chorar de desespero; e, para fazê-lo livremente, seguiu para o roçado. Seus progenitores continuavam revolvendo os escaninhos de sua memoria, tirando cada um dahi as minudencias mais lisongeiras a si proprio, e beliscando-se reciprocamente, fomentando, assim, aquella amizade de vinte e tantos annos, para que não arrefecesse de vez no gelo da idade. Esses beliscões eram caricias disfarçadas em chalaças.

XVI

Reinaldo estava febricitante de desespero. Na irregularidade de seus passos, ora mais apressados, ora mais vagarosos, nas convulsões de seus movimentos, na turvação de sua phisionomia patenteava-se o abatimento, quasi prostração de sua alma. Tinha por vezes excitações nervosas; agitava os braços, olhava á direita e á esquerda, como se procurasse ali o adversario, e soltava queixas amargas de envolta com imprecações terriveis. Irritava-o poderosamente aquel-

la decepção, aquella fatalidade. Quando já estava prestes a ficar de posse da mulher amada, a entrar com ella no sonhado paraiso, vem um desalmado rapta-la e transformar-lhe o paraiso em inferno! Já não era uma difficuldade que se lhe apresentava, mas um obstaculo indestructivel. Sentia-se desalentado, porque, si desanimar diante de uma difficuldade é fraqueza, levantar-se contra um obstaculo, na verdadeira acepção da palavra, é loucura. Não, não podia, não devia luctar contra elle, porque seria rebellar-se contra seu padrinho e—o que é peor—contra seu proprio pai. E, no caso de que assim não fosse, valeria a pena luctar? Não, porque a lucta seria infructuosa. Maldição das maldições! Quem póde ter confiança nas cousas da vida? De um momento para outro tudo se muda, tudo se transtorna; e então infeliz daquelle que vê seu dia transformar-se em noite e seu riso transformar-se em pranto, como succedera ao pobre Reinaldo. Parecia um louco. Seguindo para o roçado, descalço e sem chapéu, não sentia nem escaldar-lhe os pés a areia quente do caminho, nem dardejar-lhe sobre a cabeça o sol de dez horas, ardente como sóe ser naquellas paragens, porque as afflicções do seu coração lhe absorviam toda a sensibilidade. Chegando ao roçado, parou diante da porteira, que era feita de três moirões fincados a pino e com igual distancia, nos quaes se entrelaçavam, desde o solo até a altura da sébe, varas grossas descascadas e tão proximas umas das outras, que não poderia passar entre ellas um cordeirinho siquer. Firmando Reinaldo as mãos nas varas superiores, forcejou nos bra-

ços e de um pulo galgou a porteira e saltou em pé dentro do roçado. Era assim que nelle entrava e delle saia, porque a porteira fôra feita de proposito para ser aberta somente no tempo da safra da mandioca. O roçado era fechado com quatro lanços de cerca de ramos, pararellos dois a dois, sendo os do norte a sul muito menores do que os de nascente a poente. Quem quer que parasse diante da porteira se sentiria grandemente maravilhado, contemplando aquelle mar de verdura. Quanto viço! quanta belleza! Como se pasciam os olhos naquella diversidade de tons de verdura, naquella disposição das plantas, alinhadas de leste a oeste, alternando-se convenientemente mandióca e milho, mandióca e feijão de um lado a outro do roçado! A mandióca, si bem que não houvesse ainda attingido a seu completo desenvolvimento, estava bastante viçosa, copada e de um verde escuro lindissimo. Os feijoeiros, formando moitas densas, pouco elevadas, que se prendiam umas ás outras, como para se ampararem mutuamente, figuravam bellas correntes de um verde fresco e suave, nas quaes se via fluctuar uma immensidade de vagens e de flores brancas ou de um roxo-claro. O milho, cuja haste erecta, longa, terminada em panicula e mal vestida com suas folhas invaginantes, muito compridas, parecendo fitas agitadas pelo vento, continha quatro ou cinco espigas, representava a elegancia daquella vegetação soberba e lembrava fileiras de soldados garridamente embandeiradas para um dia de festa. Nas proximidades da cerca, viam-se melancieiras aqui, gerimunzeiros ali, cabaceiros acolá, parecendo desafiarem

uns aos outros a ver qual mais viçava, qual mais produzia.

Naquelle roçado tinha Reinaldo seguro para si e os seus o pão de muitos e muitos dias. Sempre que nelle entrava dirigia-lhe de ponta a ponta olhares cariciosos, cheios de satisfação, como o pai extremoso e desvanecido contempla aos filhos bonitos, sadios e vigorosos. Naquelle dia, porém, não lhe dispensou nem um olhar, nem uma triste saudação, tal era seu estado de abatimento. Encaminhou-se em direitura á latada que fizera para se abrigar do sol quando quizesse descansar alguns momentos e para vigiar opportunamente a plantação, afim de que as aves não desenterrassem as sementes nem estragassem as plantinhas recem-nascidas. Para que a cerca servisse de parede á latada, foi esta construida em um dos cantos do roçado, no que ficava voltado para o nordeste. Era feita sobre quatro forquilhas, muito pequena e coberta de palhas de carnaúbeira. Ahi chegando, sentou-se Reinaldo em um grosso tronco de arvore que lhe servia de assento, cruzou os braços sobre os joelhos e nelles escondeu o rosto. Carpia seu infortunio. Lembrava-se do passado, das visitas que fazia a Dunamira, das bellas noitinhas de luar que passara em casa della contando historias, perguntando adivinhações, jogando o anel, trocando com ella palavras affectivas; lembrava-se dos pequenos favores que ella pedia e que elle procurava satisfazer da melhor vontade, sentindo-se orgulhoso de lhe prestar serviços; recordava-se da ultima noite de Natal em que fôra

com ella e a familia á povoação... assistir á *missa do gallo*.

Nessa noite lhe declarara que ia pedi-la em casamento, ao que ella se oppoz:—o pai não consentiria porque estava esperando que ella se resolvesse a casar com Antonio, e então elle—Reinaldo—contrariado com a recusa, cessaria de visita-la e... adeus amores. Pela primeira vez instou com ella, nessa noite, para que fugisse. Recusou tambem:—não, não faria isso de modo algum, era contra seu genio; tivesse paciencia, esperasse, esperasse .. que seu pai, desenganado de que ella não aceitaria o velho e não a querendo para *tia*, havia de dar-lhe o consentimento. Instou mais uma vez, mais outra, mais outra e nada. Finalmente na noite antecedente se resolvera a fugir, mas não querendo fazê-lo logo, não estava prompta, esperasse para a noite seguinte. Está a espera em que deu: ella encerrada em uma prisão — e que prisão! e para que! para casar com um diabo velho e rabugento!— e elle, escondido naquelle canto, desesperado, a chuchar no dedo!... Velho cruel! velho desalmado!...

E de mistura com seus lamentos, corriam-lhe dos olhos lagrimas em abundancia.

Por que o demonio daquelle velho não se apaixonara por Marianna ou pela Caindinha, em quem achava tanta graça? ou então pela Ignez, filha dos Euzebio, um moção, gorda, bonita, com seus trinta annos, e, portanto, muito melhor para casar com elle do que a Dunamira que era uma menina?... De ruim, de malvado! Devia consi-

derar Dunamira como afilhada, pois era quasi noiva de seu afilhado...

Levanta subito a fronte, passa as mãos pela cabeça e exclama desgostoso:

—Meu Deus! meu Deus! ser aquelle homem, aquelle velho atrevido meu padrinho!... preferia não ser baptisado... Não é isso, comtudo, que me detem, não é a falta de sua benção que me assusta, e diabos me levem si eu a procurar mais; só temo uma cousa—o rancor de meu pai. Si elle não se mettesse nisso, não tomasse as dores por um tal compadre, que não vale um pé de gallinha, eu havia de mostrar para que Deus me deu estas duas mãos—levanta as mãos abertas—e haviam de ver de que era capaz este Reinaldo Puzessem-na debaixo de sete chaves, guardada por toda a laia daquelle *tungão*, eu teria coragem e força bastante para fazer voar a prisão em mil pedaços e tirar a prisioneira sem lhe maguar um dente.

Um vem-vem pousado na coberta da latada cantava pausadamente:—vem-vem... vem-vem...

Reinaldo a principio não deu por elle, mas a avezinha continuava a cantar com a mesma pausa, com a mesma constancia. O rapaz ouviu-a finalmente, primeiro sem prestar attenção áquelle canto que parecia chamar instantemente... talvez a companheira; depois começou a escuta-lo com certa impaciencia, e a impaciencia crescia á proporção que o mimoso passaro ia soltando o seu—vem-vem... E aquelle som triste já parecia uma gargalhada sarcastica, estridente, cortante. Levantou-se com impeto, apanhou uma pedra e com ella afugentou a pobre avezinha:

—Vae cantar no inferno! bem dizem que tu és agoireiro... a primeira voz que ouvi hoje foi a tua...

E voltou a seu lugar, parecendo arrependido do que fizera e murmurando:

—Mas... ai! quem sabe? talvez fosse um aviso, talvez o pobre do vem-vem me viesse chamar para arrancar Dunamira das garras do *bruto* velho; estava no caminho da casa della... Si eu tivesse ido, as cousas teriam mudado de face; mas não fui... agora está tudo acabado, minha Namira, tudo, tudo... Por que não quizeste fugir hontem? tanto que eu instei!... Eu estava adivinhando... meu coração é leal, não me engana. Tua mãe diz todos os dias: *não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje*—deixaste! e deixaste!... Mas a desgraça é para mim, quem perde sou eu; amanhã te casas e eu fico no *oraveja*... e te casas com quem! com quem!... Mil vezes te visse morta, mil vezes...

Ao dizer as ultimas palavras, escondeu de novo o rosto entre os braços e chorou amargamente. Momentos depois, suspendeu o pranto e proseguiu nos seus vãos e dolorosos queixumes, que foram, dentro em pouco, embargados por nova abundancia de lagrimas. Nessas continuadas alternativas de queixumes e pranto, passou o desventurado rapaz até quasi ao pôr do sol; e, de certo, iria mais longe, si não fosse despertado da sua angustia por uma voz de homem que passara cantando junto á cerca do roçado:

Fui ao mar e perguntei
Si meu bem firme seria,

E as ondas responderam
Que amor firme não havia.

Maré enche e quando vasa
Deixa a praia descoberta;
Vae-se um amor e outro vem,
Não se dá cousa mais certa.

Reinaldo ergueu-se com presteza, deixou a latada, olhou para o sol e disse deveras admirado, encaminhando-se para a porteira:

—Credo! já é quasi o sol posto!... faz tanto tempo que estou aqui sem fazer nada?...

Fazia realmente muito tempo que lá estava e nada fizera, não obstante ser um *moiro de trabalho* no dizer dos seus. Como porém entregar-se aos labores materiaes, quando sua alma lanceada pela dor se estorcia desesperadamente como si estivesse em um leito de brasas? Quem ousaria censura-lo por isso? Quem não se rende á vehemencia de um transe cruel? Elle, coitado, que via entre as garras ferinas, que lhe raptaram seu primeiro amor, o punhal que lhe dilacerara o coração, que via para sempre sepultados nas ruinas de seus castellos no ar—seu formoso ideal, seus sonhos, suas esperanças e tudo que lhe amenizava o pensamento, não podia num tal estado de abatimento, ter animo para cousa alguma. Nessas longas horas, tudo lhe passava na mente como phantasmas horrendos em dansa vertiginosa. Concorriam muitas cousas para torna-lo febricitante: suas vinte primaveras, seu temperamento impetuoso, a impossibilidade de luctar contra o inimigo e, por cumulo das decep-

ções, ver lhe arrebatarem o thesouro anhelado quasi no mesmo ponto em que ia possui-lo. Pobre rapaz!

—E' preciso voltar—disse—meus pais me esperam e, sem duvida, já estão inquietos com a minha demora.

Saltou a porteira e seguiu para casa.

XVII

Luzia, logo que avistou Reinaldo, correu para elle, dizendo-lhe com voz affectuosa:

—Oh! meu filho, tardaste tanto! eu já estava com cuidado... Que é do milho que trouxeste para a ceia?

—Ai!! me esqueci... mas, si é preciso, vou busca-lo, é um pé lá e outro cá.

—Não, deixa estar, o jantar servirá de ceia, tambem já é de noite...

—E' verdade, já é de noite, e *vossemincês* até esta hora sem jantar por minha causa...

—Que tem isso? sabiamos que estavas trabalhando, e como do teu trabalho é que vivemos, não nos impacientamos de esperar por ti.

Reinaldo suspirou e guardou silencio. Nada havia feito durante todo o dia, embora se tivesse demorado no roçado muito mais tempo que de costume. Para que, porém, dizê-lo a sua mãe? Não era a primeira vez que tal lhe succedia? E, demais, dizê-lo seria fazê-la tomar parte nas suas

amarguras, causar-lhe dissabores, não o faria, portanto, preferia soffrer calado. Fôra fraco, rendera-se ao peso de sua desventura que o desviara por momentos da trilha do dever, que o fizera conceber loucuras; mas ainda não era tarde, o amor de seus pais servir-lhe-ia de salvaguarda e arranca-lo-ia da borda do despenhadeiro em que se lançam os filhos rebeldes. Sentia que sua razão despedia aos poucos pequenas fagulhas que lhe iam desbastando lentamente a tenebrosidade do espirito; que o grande interesse que tomava pela tranquillidade de seus progenitores, começava a diminuir algum tanto as dores de seu coração; e que, embora muito difficil lhe parecesse resignar-se com a brusca transformação de seu destino, não era de todo desgraçado, porque era extremosamente amado por aquelles que lhe deram o sêr.

Si Luzia já não estivesse com a vista muito enfraquecida, teria, sem duvida, notado vestigios de lagrimas nos olhos, ainda vermelhos, de seu pobre filho, mas notou apenas que estava taciturno e triste, o que era tão contrario á sua natural tagarelice e jovialidade.

—Que tens, meu filho?—perguntou-lhe.

—Nada, minha mãe.

—Estás tão calado!

—Não tenho o que dizer...

—Ai! ia esquecendo... teu pai estava *num pé e noutro* esperando que chegasses.

—Para que?

—Para tirares um *espinho de bananeira* que elle tem no pé. Tu bem sabes que elle basta sentir uma pulguinha, para pensar que tem uma pes-

te no corpo. Foi sempre assim; e hoje, coitado, que não enxerga mais para fazer uns tantos serviços... Eu tambem já estou com a vista muito ruim; e portanto, meu filho, o remedio que ha é teres paciencia.

—Já me impacientei alguma vez, minha mãe?

—Não, graças a Deus. Mas trabalhas no roçado, e chegas aqui, fazes isso, fazes aquillo, fazes aquillo outro... que não sei em quantos te viras.

—E' de meu gosto. Por mais que eu faça, não pagarei nunca o que meus pais fizeram por mim.

—Louvado seja Deus que te fez tão bom. Que seria de nós, si não fosses tu? Nossa Senhora do Amparo te proteja, te faça muito feliz.

Reinaldo sentiu correrem-lhe dos olhos, ainda humidos, duas lagrimas de gratidão e ufania. As ultimas palavras de sua mãe lhe calaram no coração como luz providencial a despertar-lhe a consciencia; e então, recordando-se de um pensamento máu, um designio ignominioso que seu desespero lhe havia suggerido, chorou de arrependimento e increpou a si proprio de filho desamoroso, ingrato e perverso, semelhante ás féras. Que havia pensado?

Sair pelo mundo, deixar o theatro de seus soffrimentos e, por conseguinte, abandonar seus pais, já velhos, cansados e doentes! Que seria delles? Deus! nem era bom pensar. E elle, o filho bom, o filho exemplar, como diziam todos, tinha concebido aquelle projecto nefando! E' certo que fôra rapido, passara ligeiro como nuvem

de fumo açoitado pelo vento; mas o remorso que lhe deixara não se esvaeceria com a mesma brevidade. Lembrou-se de confessa-lo aos pais, pedir-lhes perdão; essa lembrança não passou, porém, de uma instigação momentanea do remorso e se esvaira ao calor da verecundia, com a rapidez com que se evapora a gotinha dagua que rue sobre o ferro quente. Não, não tinha animo de confessar tamanha falta; mas protestava, jurava repara-la peremptoriamente, não se separando jamais dos autores de seus dias, amparando-os, tratando-os sempre com muito amor, solicitude e carinho. Succedesse o que succedesse, não havia de pagar-lhes o amor que lhe tinham com tão fero desamor, não havia de concorrer para que o resto de seus dias lhes fosse um martyrio, nem dar motivos a que um momento podessem elles maldizer a hora em que o tinham visto vir á luz do mundo. Ali nascera, ali fôra creado, ali havia de morrer, presenceando embora a felicidade do velho egoista que lhe despedaçara o coração.

—Reinaldo !—gritou Nicolau que se embalava em uma rêde armada no copiar.

—Senhor? — respondeu Reinaldo, encaminhando-se para lá.

—Vem cá, meu filho, vem tirar este malvado que não me deixa socegar...

O rapaz acocorando-se junto da rêde:

—Onde está elle ?

—No dedo mindinho deste pé.

E collocou o pé esquerdo sobre um dos joelhos do filho. Este, á luz de uma candeia e com a ponta finissima de uma faca muito pequena,

extraiu o verme (tunga) que tanto incommodava a seu pai.

—Já o tiraste?

—Já, e muito bem.

—Bota um bocadinho de cera de ouvido no lugar.

—Não é preciso, saiu inteirinho.

—Mas bota, homem, bota; a cera priva de apostemar e mata a coceira.

Reinaldo arrancou da parede uma palhinha, torceu-lhe a ponta que introduziu no ouvido, fazendo-a girar, retirou-a logo depois e passou delicadamente a parte untada de cerume no lugar do verme.

Luzia chamou-os para o jantar. Sentaram-se todos em roda da esteira que lhes servia de mesa. O jantar compunha-se de trahiras frescas e gordas, cozidas, como diz o vulgo, nagua e sal, isto é, sem adubos, e de feijão.

Asseverar que Nicolau era *um bom* garfo, seria sujeitar-se quem o fizesse a que alguns dos mais desabusados contemporaneos do velho lhe dessem um desmentido como fizera um tal Roberto, a quem lhe disse que um tal Filogonio, que não calçara jamais senão alpercatas, tendo-se levantado alta noite, no escuro, ao metter os pés nas chinelas, fôra picado por uma cascavel que se achava dentro de uma dellas e disso morrera.

«E' mentira! é mentira!—replicou Roberto —Filogonio não possuiu nunca um par de chinelas, logo não podia morrer dessa maneira.» Como pois dizer que Nicolau era *um bom* garfo si jamais se serviu elle de garfo? Pois bem, ponha-se a nú a verdade, diga-se pura e simples-

mente que o bom do velho não era dos maiores inimigos do quinto peccado mortal. Emquanto elle comia a fartar, Reinaldo estava a debicar no prato para illudir a vista materna. Trabalho perdido, porque sua mãe o observava cuidadosamente.

—Por que não comes, Reinaldo? Estás doente? ou estás achando o peixe ruim?

—Não estou doente não, minha mãe; o peixe está bom e eu tenho comido muito.

—Não tens comido nada!... o prato, bem estou vendo, está cheio da mesma fórma...

—Cuida de ti, minha velha... teu filho é moço, vae para deante e tu vaes para traz...

—Mas fico sempre assustada quando o vejo com fastio, já penso que elle está doente...

—Sustos sem razão. Quem passa o dia num roçado, onde ha muito milho e melancia, bem póde ter fastio ao jantar, estando *vendendo saude.*

Reinaldo sorriu tristemente e não disse cousa alguma. Que mal fazia seu pai juga-lo farto de milho e melancia? Ao menos não suspeitava do que lhe ia pelo coração. Estava satisfeito com isso, porque não queria que seus pais se affligissem por sua causa.

—Bota caldo aqui, minha velha—disse Nicolau deitando na bocca a ultima colherada de pirão.

—Assim, assim, meu velho, gosto disso... por isso é que vives ainda—disse Luzia, provendo de caldo o prato do marido.

—Caldo com farinha é a sopa da plebe, e é sempre o ultimo prato de refeição, quando não

ha, como diz ella—um bocadinho doce para beber agua.

Terminando o jantar que, em razão de já ser noite, servia tambem de ceia, deixaram a mesa depois da oração do costume. Nicolau encheu o cachimbo e accendeu-o e sentando-se em um banco junto á parede, recostou-se nesta e poz-se a fumar, emquanto a mulher lavava os pratos e as panellas para depois emborca-los sobre um girau de ripas de carnaúba. Reinaldo tinha saido para o terreiro. Luzia disse em voz baixa ao marido:

—O Reinaldo está triste!... é só por causa *daquillo*... Não esperava, coitado... Nos outros dias, quando não está passeando, está cantando e tocando viola; e hoje o pobre do meu filho nem ao menos comeu...

—Não te vexes por isso...são macacôas de moço, passam logo.

—Passarão...

—E por que não hão de passar? *Crê em Deus que é santo velho.* Não parece que já tens cincoenta e sete no casco!...—e ria disfarçadamente.

—Cincoenta e sete não, meu bem; tenho cincoenta e um, sabes muito disso.

—Está bom! está bom! queres ainda ser moça, negando a idade...

—Nunca neguei em tempo de solteira como negarei hoje que não preciso mais enganar. Estou é inquieta por causa de meu filho; tão alegre que estava hontem!

—Amanhã estará alegre outra vez.

—Está o que!... é bem difficil elle se esquecer de Dunamira.

—Difficil? é a cousa mais facil do mundo. Si tirares o azeite daquella candeia, que lhe succede?

—Apaga-se, está bem visto. Mas... que tem uma cousa com a outra?

—Que tem... é que o azeite é para a candeia o que a esperança é para o amor; perdida a esperança, morto o amor, não ha santos que o valham. Teu filho não tem mais esperança de casar com Dunamira, e portanto... ha de esquecê-la por outra, e talvez não custe muito, porque o coração é como o estomago — não póde estar desoccupado.

—Duvido muito.

—Verás; demos tempo ao tempo.

—Nunca vi natureza como a tua, parece que tens *sangue de barata*... não ha nada que te dê cuidado...

—Graças a Deus. Os cuidados, minha velha, matam mais a gente do que as doenças; e eu quero viver muito ainda.

—Mas ninguem os tem por gosto. Eu, por exemplo, estou agora ralada de cuidados, com medo de que meu filho adoeça ou faça alguma asneira.

—Descansa; elle nem adoece nem faz nenhuma asneira, porque si é teu filho, é meu tambem.

—Já começas!

—E' o que estou dizendo: si elle puxa tua cabeça cheia de visagens, puxa tambem a minha

cheia de juizo... e soltou uma risada, ao tempo que batia o cachimbo.

—Cabeça cheia de visagem tinha teu avô torto.

—Foi cousa que eu não possui, minha velha. Mas acaba, acaba, vamo-nos deitar que já estou com somno.

—Vamos—disse Luzia ao terminar suas arrumações. Nicolau pegou na candeia e encaminhou-se com a mulher para o quarto onde dormiam.

XVIII

Reinaldo conservava-se no terreiro, triste, pensativo e sentado em um gamello muito grande, já imprestavel, e que se achava emborcado junto á parede. Eram mais ou menos oito horas da noite. O céo, devido a estiada que ha dias faziam as chuvas, mostrava-se limpido, rematadamente limpido. A lua proseguia seu curso, soberba e vagarosa, como formosa rainha que se reconhece util e grandemente festejada. Brilhavam as estrellas, mas pallidamente e lembrando pequeninos brilhantes engastados no azul. E em baixo, sob aquelle céo esplendido, que paisagem encantadora se descortinava! No meio da varzea, que se estendia até se perder de vista, demorava o Pirangy, e naquelle momento ondeava lentamente, num rumorejo brando, como para

não desfigurar a imagem da abobada celeste, que se mirava ridente no espelho de suas aguas prateadas. A vegetação luxuosa, offerecendo á vista diversidade de forma, de altura e de espessura, dir-se-ia vestida de negro, mas de negro loução, delicioso, que amenisa a alma, que a extasia, fazendo-a curvar-se reverente e bemdizer as maravilhas que a natureza a cada passo nos depara. Dentre os vegetaes se destacavam as carnaubeiras, cuja haste esguia, elegante e geralmente erecta, terminava em linda fronde de palmas abertas em leque; e algumas eram tão altas, que quem quer que as observasse áquella hora, se comprazeria na illusão de as considerar gravadas no azul do firmamento. Dezenas de pyrilampos esvoaçavam em torno das plantas, exhibindo com orgulho suas lanterninhas verdes, lindamente verdes, mergulhando aqui, surgindo ali, num afogadilho de rapazes que se debandam de festivo cortejo inebriados de enthusiasmo e de vinho. Quebravam o silencio da noite o cantar insulso dos sapos, o cri-cri estridente dos grillos, o murmurinho das aguas, o ciciar das folhas agitadas pelo vento e esse zumbidozinho indefinivel, perduravel, sempre o mesmo, que ouvimos á noite, principalmente quando nos achamos cercados de vegetaes. Donde vem elle? De certo, dos milhões de animaculos que formigam pelo ar em torno de nós.

Reinaldo, entretanto, nada via nem ouvia e continuava sentado no gamellão, immovel e pensativo.

Deitado a seus pés estava o Rompe-ferro,

seu cão estimado, que parecia dormir. Subito se levanta e avança, ladrando com força.

—Aqui, Rompe-ferro! aqui!—bradou Reinaldo, soerguendo-se do seu improvisado banco e procurando ver o que assanhara o cão. Este agachou-se de novo aos pés do dono, mas de cabeça levantada, rosnando surdamente.

Na estrada avistou Reinaldo três pessoas que se aproximavam. Sentado esperou-as, contendo a bravura do seu molosso, e sem perguntar siquer a si mesmo:—Quem será?

Esta falta de curiosidade ou por outra, indifferença é commum a grande parte dos homens amadurecidos e aos velhos; não é, porém, aos moços, porque muitos destes são mais curiosos do que as mais curiosas mulheres. A falta de curiosidade de Reinaldo, naquelle momento, era devido a seu estado doentio, quasi apathico, e não á sua natureza.

Os caminhantes se apropinquaram.

Eram duas mulheres e um homem. Disse este:

—Deus lhe dê muito *boas noites*, *seu* Reinaldo...

—Deus lhe dê as mesmas, *seu* Mané Luiz—respondeu Reinaldo, levantando-se e dando-lhe a mão e ás suas companheiras, ao mesmo tempo que os convidava a se sentarem.—Querem agasalho por esta noite? a casa é pobre, mas a vontade é rica.

—Deus lhe pague, já estamos perto de casa; queremos somente descansar um bocadinho e que faça o obsequio de nos dar um gole d'agua, si não é incommodo.

—De modo nenhum, só me dão é gosto,—e entrou para buscar agua.

Manoel Luiz tinha se sentado no gamello, onde estava Reinaldo, e as duas mulheres se sentaram no chão. O rapaz voltou logo, trazendo um banco e um caneco dagua. Collocando o banco junto das mulheres, lhes disse:

—Sentem-se aqui, o chão está muito frio, póde fazer mal.

A mais velha, que era a mulher de Manoel Luiz, lhe respondeu:

—Estamos muito bem aqui, *seu* Reinaldo, gosto muito de me sentar no chão.

Reinaldo instou ainda, mas inutilmente.

Depois de saciar a sêde dos recem-vindos e de satisfazer os deveres de hospitalidade, se sentou ao lado de Manoel Luiz:

—Donde vêm, que mal pergunto?

—Pergunta muito bem; viemos da casa da defunta minha cunhada e comadre Rosalina, que hontem morreu e hoje se enterrou.

—Sinto muito da minha parte. Foi a que você me disse que estava muito doente?

—Foi ella mesma, sem mais nem menos.

—De que morreu?

—De febre malina, dizem lá, e eu estou por isso, porque a febre proveio de um banho que ella tomou ao meio dia no açude.

—Ao meio dia?

—Sim senhor, e olhe, *seu* Reinaldo, a minha comadre Rosalina tinha mais medo de banho a essa hora que de cobra; mas, quando a cousa tem de acontecer, vem o diabo e attenta.

—Quantos dias esteve doente?

—Dez dias. Quando passou dos sete ficamos muito esperançosos, porque dizem os *entendidos* que febre malina quando passa do setimo dia não tem mais risco; mas qual! logo no outro dia, foi peorando... peorando... peorando... até que deu a alma ao Creador.

—Morava muito longe?

—Distante daqui duas leguas. Saimos de lá pouco depois do sol posto.

Si eu viesse só, ha muito tempo estava em casa; mas vinha com estas mulheres... e a Rosinha, coitada, que nunca fez viagem... e, alem disso, exgotada pelos vexames e trabalhos... já vinha botando a alma pela bocca.

E apontava para a rapariguinha que estava sentada ao lado de sua mulher.

Teria ella quando muito quinze annos, e não obstante estar chorosa e quasi em desalinho, mostrava ser bonita.

Que horas são, Manézinho?—perguntou-lhe a mulher.

—Quasi dez, olha onde está a *papa-ceia*... bem alta já.

—Olharam todos para o céo. Venus estava realmente alta, mas não era tão tarde.

—E' preciso irmos chegando—tornou a mulher.

—Não descansaram ainda—disse Reinaldo.

—E' verdade; e a Rosinha está tão cansadinha!...—fez Manoel Luiz.

—Mas vou quando quizerem.

—Não ha vexame não, minha filhinha, descansa, descansa mais um bocadinho; *quem vae*

para a casa não se molha, a qualquer hora que chegarmos, chegamos bem.

--Sua filha? e você tem filhos?...

Tenho ido tantas vezes á sua casa e nunca os vi...

—Não tenho não, *seu* Reinaldo, Deus não me quiz fazer esta mercê, mas a Rosinha vae de hoje em diante ser nossa filha, porque está orphã de pai e mãe, e os parentes mais chegados que tem somos nós. E quer saber do melhor? ella devia ter sido minha filha deveras e não foi.

—Devia ter sido sua filha e não foi? como?

—Vou contar-lhe; e fique certo, *seu* Reinaldo, de que este mundo dá muitas voltas!... não foi minha filha como devia ter sido, e agora, quando eu menos esperava, lá vou servir-lhe de pai.

—E' verdade.

—Faz vinte e três annos, (eu tinha vinte e quatro nesse tempo) que ajustei casamento á primeira vez.

—Já casou duas vezes?... Eu não sabia...

—Não senhor; só me casei uma, mas fui noivo duas vezes e de ambas fui aos pés do padre.

—Não comprehendo.

—Vae comprehender. O caso é virgem, mas não tem sete cabeças. Saiba primeiro que nós eramos três irmãos: eu, o Luiz Aquilino e o Antonio Luiz.

Os dois moravam no Assú. Quando sairam daqui, o Luiz Aquilino, que era o mais velho, tinha doze annos e o Antonio Luiz, nove. Viviam lá com um nosso tio, irmão do meu pai, nego-

ciante *arranjado*, que nunca se casou porque tinha medo das mulheres.

Quando morreu deixou tudo para meus irmãos que tinham queda para o negocio e chegaram a juntar seus quatro vintens. Eu e meu pai iamos, uma ou duas vezes por anno, visita-los, e, graças a Deus, nunca voltamos de lá com as, mãos abanando. Estimei sempre muito a meus irmãos, principalmente ao Luiz Aquilino. Ora muito bem, agora vou contar-lhe o que me aconteceu. Eu tinha, como já disse, vinte e quatro annos quando pedi moça á primeira vez, e me foi concedida com grande contentamento de parte a parte.

No mesmo dia escrevi a meus irmãos dando parte e convidando ao Luiz Aquilino para ser padrinho do casamento. Elle respondeu logo dizendo que eu fazia muito bem, que approvava muito a minha escolha, embora já não conhecesse a moça, e que não faltaria ao casamento. E, de certo, não faltou. Na ante-vespera do dia marcado chegou elle muito cêdinho.

Era um rapagão bonito, barbado, muito teso e bem vestido. Eu diante delle era um *miringote*. Ao meio dia o convidei para ir conhecer minha noiva que não lhe ficava atraz. Não era muito alta, mas era corpulenta, vistosa, corada, bonitona e alegre até ali... era *sem tacha*, uma mulher de mão cheia. Fomos, e lá estivemos *tempo sem tempo* Ella, muito conversadeira, achou nelle uma perna e se entreteve a ponto de não se lembrar de olhar para mim. Quando voltamos, me disse elle que minha noiva era bonita e sympathica. A' noite me convidou para voltarmos, res-

poudi-lhe que não podia porque ia fazer uma viagem e só voltaria na manhã seguinte.

Elle foi só. No outro dia, á tarde, fomos outra vez. Chegando lá, o pai della me pediu para montar um poldro que elle tinha comprado e que estava ainda muito *brabo*; e eu, que quebrava as soltas por isso, montei no poldro e andei, andei.. dei-lhe uma boa esfrega, uma esfrega de mestre... deixei-o manso; mas quando voltei, já era tarde, não pude mais demorar-me e saimos.

O casamento devia ser na manhã seguinte, depois da missa. Não dormi á noite, de contente que estava. Levantei-me de madrugada muito cêdo, acordei os outros, nos vestimos e fomos para a casa da noiva, onde já estavam todos de pé. Ahi tivemos de esperar que se apromptassem todos, que chegassem os padrinhos da noiva e os mais convidados, de modo que saimos quando as barras já vinham quebrando. Tambem não havia pressa porque moravamos quasi nas goteiras da villa... e, quando o padre entrou na igreja, nós já eramos *velhos* lá.

Ahi eu me senti impaciente; parecia-me que o tempo estava parado, que o padre era dorminhoco, mandrião, andava atrazado nas suas obrigações e que o nosso casamento tardava tanto quanto eu estava ancioso para vê-lo realizado. Eu olhava satisfeito para minha noiva, procurando encontrar-lhe nos olhos a mesma satisfação que eu sentia. E numa dessas vezes a surprehendi olhando furtivamente para o Luiz Aquilino. Mas, diz o proverbio—quem maldade não tem, maldade não pensa—não me deu isso nenhum cuidado. As moças cochichavam umas com as ou-

tras, riam-se, olhavam para mim e até duas dellas me vieram pedir que, na occasião do casamento, eu as chamasse em voz baixa para que se casassem logo. Era difficil que eu no prazer em que estava me lembrasse disso, comtudo prometti fazê-lo. Entrou a missa, e que missa comprida! não sei si a ouvi, só sei é que me parecia que não havia de ter fim. Eu queria rezar, queria pedir a Deus que me fizesse feliz, mas qual rezar! si começava um Padre nosso, enfiava logo a Ave-Maria, o Credo, a Salve-Rainha... e fazia uma misturada, um *angú* de rezas que o resultado foi não rezar cousa nenhuma. Terminando a missa, fomos para os pés do padre. Quando elle perguntou... (lembro-me como si fosse hoje):«—Rosalina Maria de Jesus leva gosto em casar com Manoel Luiz Sirão?»—Não senhor,—respondeu ella bem desembaraçada—levo gosto em casar com o senhor Luiz Aquilino Sirão.» O que experimentei ao ouvi-la, *seu* Reinaldo, não lhe sei dizer. Senti um calor immenso, a vista completamente escura e tão grande aperto aqui —poz a mão no peito—como si me tivessem lançado dentro de uma chaminé. Mas Deus não me desamparou, depressa cobrei animo, conheci que os dois estavam combinados, lembrei-me que, depois da chegada do Luiz Aquilino, ella não fizera mais caso de mim, e antes que passasse o assombro de todos, voltei-me para o meu irmão, que estava de cabeça baixa e muito acanhado, e lhe perguntei: «— Acceita a noiva?» «— Si consentes...» disse elle tremendo e em voz quasi sumida. Como não havia eu de consentir, si a noiva me tinha engeitado? Por affirmativa lhe tomei a

vela da mão e, dirigindo-me ao padre e aos demais presentes, proferi com segurança: «—Todos vós ouvistes o que disse a noiva; pois bem, o preferido é meu irmão; só ha entre nós differença de nomes; os papeis que serviram para mim servirão para elle tambem, não ha impedimento; eu era noivo e elle vinha ser padrinho do meu casamento, trocamos os papeis-elle agora é noivo e eu sou padrinho do casamento delle... Casae-os, senhor vigario.» Os casamentos naquelle tempo eram muito faceis e não houve duvida, o padre casou-os immediatamente.

—E queria você bem deveras á sua noiva, *seu* Mané Luiz?

—Queria, queria muito, queria como se póde querer, mas primeiro que tudo eu era homem, *seu* Reinaldo!... Um anno depois me casei com esta—e apontou a mulher—que é irmã da Rosalina. Na ante-vespera do casamento eu lhe disse: «—Tenho ainda um irmão solteiro, Juliana, e elle vem ser minha testemunha: si quizeres fazer o que fez tua irmã, faze logo hoje e aqui, para que eu não vá duas vezes á igreja sendo noivo, e volte sendo convidado.

Ella olhou para mim, riu-se e disse: «—Nem todos os irmãos são gemeos.»

Porem, a falar verdade, eu não tinha receio de que ella fizesse o mesmo; porque si não espantava onça, tambem não era bonita, coitadinha.

Juliana deu um muxôxo e disse:

—*Home*, acaba com esta historia tão sem graça e vamos embora que é melhor...

—Não te agastes não, minha pomba sem fel... não é na tampa que está o doce; poto

mundo sabe que és uma santa. Mas... vamos embora, vamos.

Levantaram-se todos. Manoel Luiz continuou:

—Sete mezes depois do meu casamento morreu o meu irmão Antonio Luiz. O Luiz Aquilino ficou muito sentido com a morte delle; e, não sabendo negociar sozinho, fez sociedade com um tal Basilio, que era um caloteiro de força, e foi-se, em pouco tempo, tudo que meu irmão tinha, de agua abaixo. Este, ralado de desgosto, morreu quando esta menina acabava de nascer.

A Rosalina veio com ella para a casa do pai que morreu pouco tempo depois. Ella ficou só com esta filha, e tendo agora morrido, lá vou eu ser pai adoptivo desta que devia ter sido minha filha legitima. Quem o diria, hein?

—E' verdade.

—Mas estou certo, *seu* Reinaldo, de que tudo que nos succede vem de cima! Fique sciente disto—o casamento e a mortalha no céo se talham. Quando eu queria bem á Rosalina, pensava lá que viria a casar com esta? indicando a mulher e sorrindo: achava-a bisonha, calada, desgeitosa e... feia, feia...

—Olha elle! fez Juliana depois de novo muxôxo.

—E quando senão quando me caiu ella em graça: achei-a bonita, alegre, geitosa e num apice me casei. Faz vinte e dois annos e até hoje, graças á Providencia, ainda não me arrependi. Não tivemos filhos, porém no mais... não invejo sorte de ninguem.

—Antes assim.

—Agora dê licença para irmos chegando.

—Desculpe o incommodo e passe bem a noite.

—Não ha que desculpar; com Deus amanheçam.

Sairam e Reinaldo entrou. A conversa de Monoel Luiz fôra para elle um calmante salutar. Dormiu bem e amanheceu conformado.

XIX

Quasi um mês havia decorrido desde que Dunamira fôra por Antonio confiada aos cuidados de José Antonio, Joanna e Benedicto. Pobre Dunamira! quasi um mês de suspiros, lagrimas e afflicções soffria entre quatro paredes sem ver a luz do sol nem a plena claridade do dia, e, entretanto, não conseguia inspirar commiseração áquelles que lhe podiam dar conforto!

Já não parecia a mesma; estava triste, abatida, cadaverica e sem esperança, mas tambem opiniosa e firmemente resolvida a não casar com Antonio.

Este continuava inabalavel no seu desejo e se desfazia em esforço para vencer a renitencia de Dunamira. Joaquim da Matta ia ou mandava todos os dias saber si a filha já estava disposta a satisfazer-lhe a vontade e, obtendo resposta negativa, mais aferrado se tornava no seu propo-

sito. Muitas vezes, ao receber a denegação da filha, exclamava imperioso: «E' brava, mas ha de amansar.» Marianna e Candida faziam sempre durante a semana três ou quatro visitas á pobre prisioneira.

Luiza ia todos os dias vê-la e levar-lhe um mimozinho, uma flôr ou um conselho materno. Antonio, si bem que não tentasse falar com a sua prisioneira, pela certeza de que ella lhe voltaria as costas, não perdia occasião de olha-la de esguelha, quando a porta da prisão estava entreaberta.

Algumas vezes murmurava: «Meu Deus! como está mudada!... é capaz de morrer e não ceder!...»

Em uma dessas occasiões, Dunamira deu casualmente com os olhos nelle; teve vontade de injuria-lo ás ultimas, conteve-se, porém, e occultou o rosto chorando. O velho procurou então ser mais cauteloso nas suas olhadelas para não ser bispado pela rapariga. Passava grande parte do tempo em casa do filho e dizia de quando em quando a Benedicto:

—Não esqueças tua irmã, leva-lhe de instante a instante alguma cousa, insta-lhe com bons modos que se alimente; *papagaio não comeu, morreu*, não a deixes, pois, morrer de fome. Tenho pena della .. está tão magrinha!...

Anastacio ia tambem frequentemente visitar a irmã. A mãe somente se abstinha de lá ir. Por que? Porque era mãe, porque lhe tinha mais amor do que os outros, porque se affligia muito vendo-a em tão lastimavel estado, porque estava sciente de que não podia, por mais que o dese-

jasse, lhe dar remedio, e, portanto, evitava as occasiões em que seu desespero lhe podesse roubar a calma e fazê-la sublevar-se contra as ordens do marido. A quem lhe perguntava porque não ia ver a filha, respondia lacrimosa: Para que? *A occasião faz o ladrão,* não quero *sair fóra dos eixos* e por isso lá não vou; *o que os olhos não vêm o coração não sente.*» Seu consolo era rezar, pedir a Deus que protegesse sua filha. Sim, a rigorosidade que estava Dunamira soffrendo não podia jamais proceder de um coração de mãe.

A ambição (cubiça talvez fosse melhor) esse pomo de discordia que tanto imperio tem sobre os homens, que lhes pollue o caracter como o caruncho corróe a madeira; que despedaça os laços mais estreitos de amizade; separa corações irmanados pelo sangue; espesinha a virtude como si fôra verme repugnante; abraça o vicio porque só elle póde leva-la á meta de seus desejos; provoca inimizades, demandas, delictos; que atira, muitas vezes, uns á sepultura, outros a temporadas de prisão; occasiona a guerra, o mais terrivel flagello da humanidade, não póde assenhorear-se de um coração de mãe, quando vae de encontro aos affectos maternaes. Não póde, sim, não póde, porque o amor maternal é na esphera dos sentimentos o que o oceano é na esphera das aguas, porque a mãe, verdadeiramente mãe, prefere os maiores soffrimentos, os maiores sacrificios a trocar um filho ou uma filha por um punhado de patacões. *Sinha* Maria era mãe e mãe extremosa, não se deixava, pois, dominar pela cubiça em detrimento de seu materno amor. Sa-

bia que, si Dunamira se casasse com Antonio, mudariam as condições de sua familia, cessariam suas necessidades; mas, si a filha não o queria por meio algum, para que obriga-la? Não tinham vivido até ali arrostando a pobreza, sempre felizes, satisfeitos sempre? Que largassem de mão tal casamento, continuassem a viver da mesma fórma, lhe restituissem a filha estremecida era o que sobretudo desejava e dizia muitas vezes ao marido, que não queria attendê-la. Quantas vezes não chorava ás escondidas para não despertar a colera do esposo? Com este se dava justamente o contrario.

Estava, dizia elle, velho, cansado, alquebrado pelos trabalhos, não havia de enxotar, por causa de lagrimas de uma creança que não tinha juizo ainda, o descanso de que precisava, a fortuna que se lhe offerecia. Não, não faria tal, não havia de trabalhar a morrer para ganhar somente o pão de cada dia, tendo filhos que lhe podiam servir de encosto, desobrigado de tanta lida. Para que Deus lh'os dera senão para serem seu amparo na velhice? Que não fossem ingratos, se lembrassem de que tinham sido pequeninos, do trabalhão que tinham dado aos pais, do amor e cuidados com que estes tratavam delles... Quantas vezes elle proprio não passava noites e noites em pé no punho da rêde, balançando a um que estava doente, emquanto a mulher cuidava de outro pequenino que tambem não estava bom? E agora que lhes cabia a vez de pagarem essa divida, não queriam fazê-lo? A *sinha* Dunamira não se lembrava de nada disso, era desconhecida?... Pois bem, *amor com amor se paga*: cas-

tigava-lhe a ingratidão com o rigor. Deixar de querer casar com o compadre Antonio, homem tão bom quanto rico... e por que? Porque se queria casar com um maroto, pobretão que só possuia uma camisa nagua e no corpo! Esta só de uma mulher e mulher sem juizo.

Havia momentos em que Joaquim da Matta mal podia conter a colera que lhe causava a obstinação da filha. Ao visita-la, começava insinuando-a com brandura que não fosse tão endurecida, não lhe désse tamanho desgosto; mas a denegação da rapariga matava-lhe a paciencia, e elle terminava falando-lhe com aspereza, irritado, batendo com o pé no chão e protestando:

—Não cedes? Eu tambem não cedo! E's caprichosa? Eu tambem sou! Não sairás daqui, porque eu não quero!... Queres morrer? morre, não deitarei uma lagrima.

E saia do quarto sem dizer—até logo—e tremendo de indignação. Si numa dessas occasiões se encontrava com Antonio, este apertava-lhe a mão agradecido, mas desconsolado. Joaquim da Matta, conversando com a mulher sobre a tenacidade da filha, dizia-lhe, muitas vezes, convencido:

—Aquillo, ninguem me tira da suspeita, aquillo é *urucubaca* que o bom do Reinaldo e os delle botaram nella.

—Não diga isso, homem, é peccado fazer mau juizo dos outros...

—Não tenho medo que isso me leve ao inferno, nem quero que elle me perdôe, si não é verdade.

Grande parte do povo do logar se admirava tambem de que Dunamira engeitasse Antonio, em vez de estar orgulhosa de ser-lhe a preferida. Algumas moças diziam:

«Ah! si fosse eu!...» Diziam algumas velhas: «Ah! si eu fosse moça!...»

Para estas — casar com o velho, o ricaço, como diziam, era uma sorte grande. Antonio, ainda que não fosse tão rico, possuia bastante bens para ser considerado como tal no meio em que vivia.

Querido de todos, tendo em cada casa um afilhado e em cada compadre um amigo, exercia grande influencia sobre os moradores de suas circumvizinhanças.

Todos o acatavam cariciosos. Dunamira somente o repellia, e por isso continuava na prisão, definhando a olhos vistos. Não conversava, não se alimentava sufficientemente; apenas Benedicto conseguia que ella, de longe em longe, tomasse um caldo ou mingau, um pouquinho de leite ou de café.

Seus olhos raras vezes seccavam, como torneira mal fechada que está gotejando sempre. Dizia-lhe Benedicto:

—Si lagrimas engordassem, já não passarias nesta porta.

Mas todas as lagrimas, queixumes e soffrimentos de Dunamira, todas as observações, supplicas e lamentos de *sinha* Maria foram baldadas; não conseguiram nem abrandar a severidade e a cubiça de Joaquim nem siquer moderar a paixão desordenada de Antonio. E, comtudo, nem um nem outro eram maus; o pai era levado

pelo desejo insano de ver sua filha, aliás sua familia, levantar-se do pó em que a lançara um capricho do destino; o raptor, impellido pelos aguilhões do amor, pelo anhelo de desposar a rapariga e pela esperança de que ella cederia e não se havia de arrepender. Quem sabe? Talvez os guiasse uma boa estrella. A fortuna tem por vezes seus caprichos.

XX

Eram sete horas da manhã.

Na casa de José Antonio havia estranho movimento, um cheirozinho de algum acto solemne. Aos donos da casa se achavam reunidos Antonio, Joaquim da Matta e a familia e alguns moradores da vizinhança, todos penteados, calçados e vestidos com o melhor fato que possuiam. Os terreiros viam-se desde a vespera muito bem varridos e o interior da casa arranjado da melhor fórma, segundo as posses e as habilitações de seus donos. Na sala ou copiar como habitualmente chamavam, estavam armadas três rêdes de varanda e muito alvas. Ladeando cada uma das parêdes longitudinaes, se via um banco de mais de metro de comprimento, juntando-se-lhe a cada uma das cabeceiras uma cadeira coberta de sola e uma tripeça. Na cozinha havia grande azafama na preparação de comidas. Meia duzia de mulheres do povo, moradoras nas terras

de Antonio, ali se achavam e, sem arte, mas com asseio e pratica, preparavam a seu modo os acepipes do banquete. Uma depennava uma gallinha; outra chamuscava um perú grande e gordo, já depennado, para tirar-lhe os canhões; mais outra batia carne com uma garrafa.

Aqui pilavam café, ali lavavam os pratos, acolá ralavam milho para cangica... e tudo faziam com animação e prazer. A dona da casa ia e vinha muito açodadinha, examinando tudo, fazendo umas cousas, apresentando outras, de modo que nada lhe escapasse á vista, e sentia-se deliciada pelo ruge-ruge de seu vestido de chita vistosa e bem engommado.

—Já estão areados os talheres, Marianna? —perguntou ella a uma das cozinheiras improvisadas.

—Já, *inhora* sim.

—Olhe, eu quero que fiquem brilhando como prata...

—*Tão limpo, chega tão espeiando.*

Mas, *sinha* Joanninha, *cuié*, só tem duas.

—Ai *home!* nem me lembrei de mandar buscar as de prata do meu sogro...

—Ind'é tempo; mande seu Benedicto, *qui* é um pé lá e outro cá.

—Mesmo. E vou mandar.

E saiu quasi a correr.

—Vem cá, Hygina, vem *vê* este perú *cuma tá* gordo... vigia, *muié, qui* papo!... credo! nem *toicin*...—disse a que tratava do perú.

—E esta gallinha, meu *amô? non* fica atraz... *óia*, qu'enxundia!... enche um prato.

—*Vige!* nunca vi gallinha tão gorda, nunca...

—A *comade* Joanninha tem esta bondade—tudo della é gordo assim.

—*Eu, a carne já botei no fogo*—disse a que cuidava da carne.

—O meu perú *non* tarda, vae já *tombem*.

—Assim eu *cum* a minha gallinha.

—*Cadê* o tempêro, *comade Antonha?*

—*Tahi* no girau, *comade*, bem atraz de você... Ahi, *muié*, detraz dessa cuia, dentro dessa quenga...

—*T'aqui, jachei.*

E tirou do girau a quenga que estava com tempêro.

Dahi a um instante, todas as panellas de comestiveis estavam adubadas com alho, pimenta, vinagre, cebola e coentro. A lareira era no chão, feita de trempes de pedra, entre as quaes ardia a lenha, deitando labaredas que circulavam as panellas sobre ellas collocadas. No lado opposto ao da lareira estavam duas mulheres sentadas no chão, uma escolhendo arroz e outra sessando milho para cuscús. A' proporção que trabalhavam, conversavam animadamente.

—*Tá* mesmo, *tá* custando, mas é até bom *qui non* chegue logo, *pra conde chegá tá* tudo prompto. Mas, passando duma cousa a outra, tu já *viu* a Dunamira?

Non vi não, *comade*, tive vergonha de *pedi pra vê ella.*

—Pois si tu *vê*, *non conhece; non hai* quem diga... *non* parece aquella... *Tá* amarella, magra... é *um espirro... uma cousa é vê e outra dizê...* Já tive pena!

—E a cegueira do teu *compade* cada vez *maió*, hein?

—E *antonce!* elle *tombem* já *tá* magro...

—*Ou* cegueira *damnisca a daquelle veio!...*

—Era *mais mió qui* elle pegasse nas *conta* e fosse *rezá.*

—Fala baixo, *muié...* si a *comade* Joanninha *uvi...*

—*Qui é qui tem? non tou* mentindo nem dizendo nada de mais...

—*Non tá* não; mas todas as verdades *non se diz.*

—Bem *seio.* Mas, aqui *pra* nós, *tão* fazendo uma *judiação ca pobe* da mocinha... ella *non qué, non case...*

—Nem seio *qui li* diga, *comade...* tu bem *sabe qui*, onde *hai* vintem, tudo se tem.

—Lá isso é; mas *tão* fazendo *ca* moça mesminho *cuma* os *sinhô fazia cas escrava.*

—Si tu *visse a ella*, teus *óio s'inchia* dagua *cuma* os *meu s'incheiro.* Tão famosa *qui* era!..

—*Condo* se *casá* fica *atravez.*

—E ella se casa *cum* elle?

—Tão certo *cuma* eu e você *tamos* aqui.

—Eu acho custoso.

—Mais custoso é eu *achá* uma botija de dinheiro... *Pru falá im botija...* o Victurino tirou uma *esturdia*, tu já *soube?*

—Eu *sube*, mas entrou-me neste e saiu neste—disse apontando em acto continuo um ouvido e depois o outro.

—Pois eu tenho *pra* mim *qui* é verdade. Diz a gente *qui* elle sonhou três *vez*, cavou e achou.

—Só *seio* é *qui vi elle honte*, bem alegre.

—E *condo* é *qui elle non é?* E agora *qui tá* viuvo, querendo *casá*...

—Faz elle muito bem; *tá* moço e só tem um *fio*.

—E a *histora* da botija quem inventa é elle *pra chá* noiva mais depressa; mas a *qui* se *fiá* nisso ha de *vê*...

Foram interrompidos pela entrada da dona da casa na cozinha.

—Tome as colheres, Marianna—disse, dando-lhe as colheres embrulhadas em uma toalhinha.

—*Vige!* o *seu Bedicto* já veio?

—E nisso *hai* quem vença meu compadre? perguntou uma

—*Non hai* não, aquillo é um raio — tornou Marianna.

E continuaram tão entretidas na conversação como diligentes nos trabalhos.

Joanna não se sentava: da sala ao quarto de Dunamira, deste á cozinha e vice-versa, ia e vinha incessantemente, sem manifestar fadiga, sempre de bom humor, animando as cozinheiras, fazendo umas cousas, mandando fazer outras, apressando tudo, para que na hora estivesse tudo prompto, nada faltasse. José Antonio, enroupado numa camisa de madapolão e numas calças de brim pardo que o ferro e a gomma converteram quasi em papelão, andava tambem aligeirado em diversas arrumações: enchia os cachimbos destinados aos hospedes; espannava os moveis, mudando-os de um lugar para outro que lhe parecía mais conveniente; punha sobre uma mesinha duas bilhas dagua e dois copos de vidro que mandara, de industria, para aquelle dia, buscar em casa do

pai; dizia á mulher que estivesse com o olho aberto, queria mesa farta e tudo bom, tudo bem feito; recommendava a seus dois filhos, um de oito annos e outro de dez, que não se sujassem, que tivessem proposito, não lhe fossem fazer vergonha diante de gente; e falava com entono, torcendo o bigode e tomando ares de respeitavel pai de familia.

Quem esperavam? O padre que ia, pela segunda vez, ouvir de confissão a pobre Dunamira. Um padre, na opinião do vulgo, é um ser privilegiado, uma entidade de esphera muito superior a de seus semelhantes; na figura é homem, na dignidade quasi santo; é um habitante da terra do qual transverbera a essencia do céo; sua palavra é um evangelho, seu conselho um aviso enviado por Jesus. Que mais elevado conceito póde merecer um descendente de Adão? O padre era, portanto, esperado com anciedade até por Dunamira que tencionava pedir-lhe que a tirasse daquella situação afflictiva, conseguindo, por meio de seus conselhos paternaes e razoaveis, que Antonio e Joaquim da Matta renunciassem o proposito de casa-la á força, lhe restituissem a liberdade para que pudesse voltar ao conchego e á paz do lar.

E contava ao certo com a protecção do padre. Si da primeira vez que elle veio confessa-la, não fosse acanhada, tivesse feito aquelle pedido, estaria ha muito em sua casinha ou onde tivesse levado o coração. E pensou em Reinaldo, na ultima entrevista que tivera com elle, no tratado da fuga, sentindo-se afagada por novas esperanças, prevendo um futuro risonho, acredi-

tando já que seu pai não tardaria muito a consentir-lhe que se casasse com o rapaz.

Ai! quantas dores acalmadas, quantas lagrimas enxutas, quantos castellos erguidos pela esperança. a mais universal de todas as virtudes e a maior fonte das illusões!

Antonio e Joaquim da Matta, mettidos tambem em camisa de madapolão e calças de brim, endurecidas pela gomma e alizadas pelo ferro, estavam na alpendrada da frente da casa, sentados em um banco muito fornido e grosseiro, cachimbando, conversando e olhando a miúdo para a estrada por onde devia vir o padre. Antonio disse:

—Estão se demorando tanto!

—Estão, com effeito, se demorando muito — confirmou Joaquim da Matta.

—Si o padre não estava na villa...

—Devia estar, porque eu fui antes d'hontem, de proposito, preveni-lo.

—Mas, quem sabe? talvez tenha sido chamado para confissão...

—E' de que eu tenho medo.

—Póde ser tambem que o cavallo do Nastaço tenha cansado.

—Isso é mais custoso; o cavallo do Nastaço só podia cansar si estivesse doente.

—Com quem foi o Nastaço?

—Com o compadre Canuto que ia fazer umas compras e me prometteu ficar esperando lá para trazer o cavallo quando o padre voltasse.

—Sairam cedo?

—Muito cedo; logo á primeira *cantada* dos gallos.

—E' tempo de sobra; admiro não terem chegado ainda.

—Já é mais de oito horas.

—Já; o sol está bem alto.

—Podiam ter vindo amanhecer aqui.

—Podiam.

—Mas os padres são assim mesmo: primeiro que acordem, que rezem, que se levantem, que se vistam...

—Não senhor, aquelle faz tudo isso num abrir e fechar de olhos, não tem preguiça, e tanto acode ao pobre como ao rico. Si todos os padres fossem como elle...

—Lá isso é verdade, aquelle nasceu para ser padre, não tem falta.

—Não tem não, é um... Lá vem elle, lá vem!...—bradou Antonio levantando-se com presteza e muito satisfeito. Joaquim da Matta levantou-se tambem. Ficaram de olhos fitos na estrada, onde viam o padre e Anastacio ainda longe, mas bastante visiveis!

O padre montava um cavallo preto, muito grande, gordo e bonito, pertencente a Antonio, que lhe dera, por causa da cor, o nome de Grauna, e Anastacio cavalgava um cavallinho pifio, já velho, magro e que, apesar de Joaquim da Matta chama-lo incansavel, parecia esgotado de forças. O padre sofreava o cavallo, obrigando-o a marchar moderado para que seu companheiro o seguisse de perto, não obstante lhe ter este dito uma vez:

—*Seu* vigario olha para a figura do meu cavallo e não dá um *derreis* por elle; mas ninguem se fie nas apparencias... póde botar o *Grauna* de

de *estrada*, de *baralha*, de galope, a toda brida, para ver si o meu pererequinha não faz parelha com elle...

O padre sorrindo incredulamente e muito brando:

—E' um phenomeno! Comtudo é bom poupa-lo, a corda muito esticada se quebra.

—E' verdade, *seu* vigario, é por isso que eu não puxo muito por elle; mas... si quizer experimenta-lo...

—Não; gosto desta marchinha, não incommoda e permitte conversarmos sem esforço.

E sorria sem ter a curiosidade de ver a força *descommunal* do pobre animalzinho de seu companheiro, porque tinha certeza de vê-lo estafar-se em poucos minutos e não queria viajar sozinho.

XXI

Quando o padre e Anastacio chegaram á porta de José Antonio, ouviu-se na casa grande alvoroço: gritavam todos: «Chegou o padre!» e, largando o que estavam fazendo, corriam para vê-lo. O sacerdote, logo que tirou o pé do estribo, se viu cercado de Antonio, José Antonio e Joaquim da Matta que lhe beijaram respeitosamente a mão e lhe perguntavam todos a um tempo: si estava de saúde, si fizera bôa viagem, si saira cêdo, si não estava cansado, si o Graúna

era forte, bom e marchava bem, e mais isto, mais aquillo... a que o padre ia respondendo como podia e mui delicadamente. Convidaram-no a entrar para a sala; e nesse curtissimo trajecto viu-se o padre obrigado a parar muitas vezes, porque velhos e moças, meninos e meninas vinham, uns após outros, pedir-lhe a benção. A todos abençoava elle com affabilidade paternal, dirigindo ás mulheres palavras affectuosas e ás creanças um grecejo ameno ou dando-lhes palmadinhas nas faces, como faz o pastor que estima suas ovelhas.

E ficavam todos risonhos a contempla-lo com veneração, como si contemplassem a imagem de um santo. Que bondade, que doçura, que belleza encontravam elles no rosto desbarbado e sem gêlhas do amavel sacerdote! Era elle moço ainda, de estatura mediana, menos gordo que magro, mais bonito que feio e tinha nos labios um sorriso intermino. Cobria-lhe a cabeça um chapéu novo e lustroso, algum tanto inclinado para traz, resguardava-lhe o pescoço um lenço encarnado de quadros miudinhos, e descobria-lhe os sapatos de fivelas prateadas e as calças até quasi aos joelhos a batina arregaçada cuja fimbria estava, á direita e á esquerda, mergulhada nos proprios bolsos. Tudo isso lhe dava, aos olhos de quem o estava contemplando, um certo encanto, uns ares de sympathia, brandura e confiança, sem comtudo desmerecer o acatamento que lhe era devido. Ao entrar na sala, desceu a batina e tirou o chapéu que Joaquim da Matta recebeu como si fosse uma reliquia, e foi guarda-lo em lugar reservado. Instado por Antonio,

sentou-se o padre na rêde que estava armada no meio, que era muito alva, grande e de varanda de labyrinto.

Tomou folego, sentiu-se bem. Não ha melhor commodo para quem acaba de fazer algumas leguas de viagem, nem mais suave conchego para uns membros entorpecidos e lassos do que uma rêde que tenha simultaneamente limpeza e amplitude sufficientes. Antonio sentara-se em uma das rêdes que estavam desoccupadas e Joaquim da Matta na outra. O padre, para ficar mais a commodo, deitou-se a fio comprido, unindo as costas á rêde, soergueu os hombros, levantou a cabeça, cruzou as pernas bem estiradas, de modo que os pés ficassem de fóra; então, fincando o dedo grande e o indicador da mão direita no chão, começou a embalar-se brandamente.

—Como vae a rapariga?—perguntou a Joaquim da Matta e olhou disfarçadamente para Antonio.

—Vae mal—respondeu o pai.—Estou vendo que ou tenho de deixa-la de mão para que siga sua vontade, ou em breve estarai sem ella.

—Tem-lhe dado conselhos, procurando vencê-la por meios brandos?

—Tudo se tem feito, mas sem resultado. A mãe, coitada, já não sabe com que santos se pegue, não sabe mais o que invente.

—Já lhe fizeram ameaças para intimida-la?

—Já, sim senhor, já fiz muitas, mas é o mesmo que chover no molhado.

Antonio soltou um longo suspiro e o padre mordeu os labios para que um riso indiscreto

não deslustrasse nem de leve a seriedade que lhe competia.

Achegou-se Antonio do padre e disse-lhe quasi ao ouvido:

—E' em vossa reverendissima que ponho as minhas esperanças.

—Em mim? que posso eu fazer?

—Tudo, *seu* vigario, tudo; um padre póde tudo.

—Não senhor, não é assim como pensa. O padre é um ministro de Deus, um director das almas, um pastor que dirige um rebanho, cujas ovelhas sentem, comprehendem e querem. O dever do pastor é conduzir suas ovelhas ao aprisco, ensinar-lhes o preceito de religião e moral, ministrar-lhes os sacramentos, indicar-lhes o bom caminho, afasta-las do mal, soccorrê-las nas necessidades, consola-las nas afflições e ajuda-las a bem morrer; não tem, porém, o direito de dobrar-lhes a vontade, sobretudo quando essa vontade é guiada pela razão.

—Sim senhor, está direito; mas não é preciso obriga-la, basta dar-lhe um conselho, pois um conselho de vossa reverendissima vale mais de que todos os nossos pedidos, todos os nossos conselhos e todas as nossas ameaças—disse Antonio com ar supplicante.

—Nem todos são faceis de tomar conselhos.

—Quem deixaria de tomar um conselho de vossa reverendissima?...

—Você, talvez.

—Eu, *seu* vigario? eu?... Deus me livre! Si ue fosse pelo caminho direito e vossa

reverendissima dissesse que eu devia ir pelo torto, eu não hesitava em obedecê-lo.

—Pois bem—disse o padre diligenciando por mostrar-se serio—acho muito razoavel que você desista deste casamento, prim...

—Não! não, *seu* vigario! não!... pelo amor de Deus, não me dê tal conselho!... Farei tudo que vossa reverendissima quizer, tudo, tudo... menos isto — interrompeu Antonio, juntando as mãos, solicitante, muito corado e tremulo—Olhe, não é somente pelo desejo que tenho de me casar, acredite; mas porque estou certo que é um beneficio que vou fazer áquella menina e a todos os della.

— Ella terá tambem suas razões fortes a objectar-me, e portanto...—fez o padre sorrindo e levantando-se, porque *sinha* Maria viera dizer-lhe que Dunamira já estava preparada para a confissão.

Eis o que mais tarde contara Dunamira á mãe e ás amigas:

—Quando o padre entrou no meu quarto e me abençoou, não sei o que se passou em mim: senti um consolo, uma satisfação que não sei explicar, e não tive medo nem tremi como da outra vez. Elle estava tão bom, tão brando, que eu fiz a confissão sem hesitar, quasi de um folego. Depois falou da religião, das obrigações do christão e principalmente dos deveres dos filhos para com os pais.

Disse que Deus protegia os filhos obedientes e desamparava os que não eram doceis á vontade dos autores de seus dias; que este mundo era um mar de lagrimas, e esta vida nada

era em comparação á bemaventurança, e feliz daquelle que podia no céo cantar louvores a Deus.

—Não falou de meu *ti* Antonio nem do casamento; mas falou tanto, tão bem e tão bonito que eu chorei de arrependimento. Lembrei-me que ha quasi um mez estava desobedecendo a vontade de meu pai e até zangada com elle; que ficava mais triste ainda, quando elle entrava no meu quarto... e agora, que seria de mim? Ia para o inferno porque era filha má. E já me parecia estar vendo os caldeirões ferventes, os espetos esbrazeados, as correntes pesadas, os subditos e os maioraes com chifres na cabeça, olhos de fogo e pés de cabra, e tudo mais que ha nas profundas.

Tive um medo immenso, tremi como vara verde, senti um fogo no rosto como si o tivesse metido numa fogueira, e me arrependi sinceramente de tudo que tinha feito. Perguntei ao padre si, obedecendo eu a meu pai, satisfazendo-lhe a vontade, elle me perdoaria? E o padre respondeu que um pai está sempre disposto a perdoar seu filho. Depois se levantou, me abençoou, dizendo que Deus me havia de proteger. E já ia saindo quando eu lhe pedi que mandasse meu pai falar commigo. Logo que meu pai e minha mãe me abraçaram, chorando de contentes, senti-me leve, satisfeita como me sinto quando cessa uma grande tempestade. A confissão me tinha feito um bem enorme, o padre me dera bons conselhos, mostrando que Deus é pai misericordioso que não abandona a quem nelle confia, a quem obedece seus mandamentos, a quem segue sua doutrina, de modo que me senti feliz.

Não ha como ser padre! o que um padre escreve, Deus assigna.

O desejo de meu pai era fazer a minha felicidade, e trabalhava para me fazer feliz porque me queria muito bem, logo eu devia satisfazê-lo, e satisfiz. Ia casar-me com um velho, mas não era a primeira nem havia de ser a ultima. Elle tambem não era lá dos mais velhos, e, além disso, me queria tanto! Eu não lhe queria bem, mas não era difficil vir a querer, porque elle era bom e sabia agradar. Só uma cousa me fazia pena era o pobre do Reinaldo, era não poder casar com elle, mas Deus não me quiz dar esta sorte e, portanto, me conformei.

E conformou-se realmente. Como depressa mudara! Três cousas a levaram áquella rapida mudança: ser supersticiosa, desejar sair da prisão e amor sem extremos a Reinaldo.

O padre, ao voltar do quarto de Dunamira, trazia nos labios o mesmo sorriso que lhe era habitual. Dirigiu-se para onde estavam Antonio e Joaquim da Matta, que o esperavam anciosos. No olhar destes entendeu o padre esta pergunta:—E então? que fez por nós? Fez-se, porém, desentendido e guardou silencio, aguardando ser directamente interrogado; mas Joaquim da Matta perguntou apenas:

—Que tal achou a menina!

—Abatida, magra, differente... mas não chorosa como a encontrei outro dia. Ah! ella deseja vê-lo.

Joaquim da Matta levantou-se instantaneamente e foi ter com a filha.

Antonio curvou a cabeça com desanimo. O

padre olhava-o á sorrelfa e sorria. Joaquim da Matta não se demorou. Vinha radiante de prazer e declarou a todos que Dunamira voltava ás boas, já estava disposto a satisfazê-los. E abraçou Antonio com enthusiasmo. O padre bateu no hombro deste e disse-lhe sorridente:

--Agora está como quer, hein, meu velho?

A resposta que obteve foi um abraço estreito do sexagenario que se mostrava cheio de jubilo e gratidão. Immediatamente *sinha* Maria, suas filhas, Joanna, Benedicto, Antonio e José Antonio correram todos na maior effusão de alegria a dar á Dunamira um abraço que bem se pudera chamar de agradecimento.

A todos recebeu ella sorrindo e de braços abertos, particularmente a mãe e as irmãs, com as quaes permutou affectuosos amplexos num contentamento de quem se vê livre de grande perigo. Ao proprio Antonio abraçara sem constrangimento e até com amabilidade. Quem o diria?

O padre, depois de ter almoçado largamente, se retirou muito satisfeito, deixando todos grandemente alegres e cada vez mais seus amigos.

XXII

Antonio estava no auge do prazer.

Não tinha almoçado porque o consentimento de Dunamira o enchera até aos olhos e o tor-

nara leve como uma bola de borracha. Não occupava durante três minutos o mesmo lugar; falava a todos com amabilidade excessiva, e dava parabens a si mesmo pela batalha que acabava de vencer, batalha de que poucos sairiam victoriosos.

Promettia dar á rapariga tantas alegrias quantas lagrimas havia ella derramado por sua causa. Deus lhe dera aquella paixão, Deus o fizera perseverante, dando-lhe a convicção de que a mulher é fraca e portanto a rapariga, desta ou daquella forma, havia de ceder. Era feliz, duas vezes feliz: primeiro porque via coroados seus esforços, conseguindo aquillo que em toda sua longa vida mais havia desejado; segundo porque naquella grande luta não tinha felizmente cometido nenhuma imprudencia. Na presença do padre poude, embora a custo, conter as expansões do seu contentamento; mas, logo que lhe viu as costas, deu redeas á lingua, planejando a festa que se havia de realizar no dia do casamento.

Tinha para esse dia uma vacca muito grande e muito gorda, um cevado nas mesmas condições, dois carneiros, uma ovelha, fóra os perús e as gallinhas. Havia de mandar á villa buscar aguardente, vinho e tudo mais que fosse necessario.

Candida, que estava proxima, rindo-se muito dos projectos do velho, lembrava-lhe:

—Uma barrica de bolachas, uma porção daquelles biscoitinhos de lata que são tão bons...

—Sim, sim,—disse o velho—nada ha de faltar; nem genebra.

—E côco?

—Virá côco tambem, uma carga . . duas. . . as que forem precisas.

—Isso, meu tio! isso! . . . quero ver mãos rasgadas.

E todos applaudiam, rindo gostosamente. O velho ia e vinha, ora na sala, ora no alpendre, como a procurar uma cousa que o ajudasse a expandir-se mais no seu prazer, para que Dunamira o ouvisse. Pergunta a *sinha* Maria si a rapariga não queria sair para a sala, si não estava cansada daquelle quarto tão escuro e tão quente?

—Não quer sair já não — respondeu *sinha* Maria — Vae primeiro tomar um banho morno, pentear-se. . .

—Faz bem, faz bem,—tornou o velho, e, batendo no hombro de Candida, disse-lhe:

—Hei de dar-te um vestido de cambraia branca muito bonito para assistires o meu casamento.

—Só o vestido? Quero tambem um par de chinelas.

—Pois não? dou tambem um par de chinelas de marroquim.

—De marroquim, não; eu quero é de couro de lustro...

—Pois bem, será de couro de lustro.

—Quero tambem um frasco de macassar.

—Ih! queres muita cousa...

—Mas o frasco de macassar é baratinho.

—Vá lá, terás tambem o frasco de macassar.

E mais daria, si mais a menina pedisse.

Dando com um pandeiro que estava pendurado á parede, tirou-o e poz-se a tocar e dansar no alpendre, meneando-se com exagero e sapateando.

Os presentes o applaudiam no meio de risadas, e Candida em pé no limiar da porta o excitava dizendo:

— Cante, meu tio, cante para a Namira, lá do quarto, ouvi-lo tambem...

Antonio animou-se e começou a cantar de improviso:

Agora sim, sou feliz,
Pois a Namira cedeu,
Já se quer casar commigo
E até já me abraçou.
Namirinha, meu amor,
E's o bem de minha vida...
Viva tu e viva eu!
Viva quem nos vae casar...
Vivá! vivá! vivá!

Candida bateu palmas, gritando:
—Bonito! bonito!... mais, meu tio, mais...
O velho enthusiasmado continuou:

Muito breve nos casamos!
Que festão não haverá!
Lombos cheios de linguiças,
Muita gallinha e perú.
Namirinha, meu amor,
Tu és a luz de meus olhos...
Viva tu e viva eu,
Viva quem nos vae casar...
Vivá! vivá! vivá!

E soltava o seu *vivá* muito alto, muito dissonante e muito prolongado.

Todo o povo, que naquelle momento se achava na casa, correu para vê-lo e ouvi-lo, excepto Dunamira que não havia ainda saido do quarto, mas não deixava de prestar attenção ao que o velho cantava, achando-lhe certa graça na voz rouquenha e a que já faltavam algumas notas.

A' vista de tantos espectadores, Antonio tomou fogo: retorcia os quartos, bamboleava as pernas, requebrava-se todo e dansava enthusiasmado, indo e vindo em ziguezague e cantando:

Teremos arroz e queijo,
Bolo e doce com fartura,
Vinho bom, café com leite
E *sinhanninha* ás canadas.
Namirinha, meu amor,
E's a flor desta ribeira...
Viva tu e viva eu,
Viva quem nos vae casar...
Vivá! vivá! vivá!

Quando o velho terminava uma copla, Candida redobrava seus applausos e Marianna dava muxôxo e dizia:

—Credo! cantigas feias! tudo de pé quebrado...

O velho, sem se interromper, continuava:

As violas desta terra,
As rebecas e os pandeiros,
Côco, baião e *bagaço*...
Tudo fará *sair cinzas*...

Namirinha, meu amor,
E's a rosa de meu peito...
Viva tu e viva eu,
Viva quem nos vae casar...
Vivá ! vivá ! vivá !

Aqui ninguem faltará
Nesse dia de alegria...
Ah ! si já fosse amanhã,
Então sim, era *só côco!*...
Namirinha, meu amor,
Eu sou teu e tu és minha...
Viva tu e viva eu,
Viva quem nos vae casar...
Vivá ! vivá ! vivá !...

—Bravo ! bravo ! bonito, meu tio ! bonito ! isto é que é cantar ! o mais é historia...—tornava Candida no meio de uma chuva de palmas e soltando risadas immensas, inimitaveis, contagiosas. Luizinha e os filhos de José Antonio a secundavam nos applausos freneticos.

O velho, excitado cada vez mais pelas acclamações de todos e mormente de Candida, tomou as mãos desta, puxou-a para o alpendre e disse-lhe :

—Anda, vem dansar commigo; não acabarei bem, si não me ajudares.

—Pois não ? *Quem graça faz, graça merece...* meu tio vae me dar muita cousa e, portanto, lhe faço os gostos.

—Sabes o *bagaço?*

—Ora esta ! meu tio *quer ensina rmissa a vigario...*

—Deixa de *gabolice;* quando tu nasceste, já eu era velho no *bagaço.*

—Que tem isso? mas eu danso melhor.

—Vamos ver...—disse o velho, pondo-se bem defronte da rapariga. Com a mão esquerda segurou-lhe a mão direita e com a direita a esquerda, entesando os braços, e, assim collocados, começam a rodopiar, fazendo requebros graciosos e cantando:

No engenho novo
De pau de aroeira
Mette canna, creoula
Dengosa, faceira...
Dom, dom!

Sem desligarem as mãos, passam os braços sobre a cabeça e cantam:

Revira o bagaço,
Torna a revirar,
Mette canna, crioula
E deixa passar...
Dom, dom!

O engenho novo
Não póde tremer,
Mette canna, crioula,
E deixa moer...
Dom, dom!

Candida, de travessa, de endiabrada, para zmobetear do pobre velho, que já estava cansado

de tanto dansar, apressa o passo, instigando-o a fazer o mesmo, senão, senão,... *adeus, bagaço...*

Elle, não querendo dar parte de fraco, sə esforçava por acompanha-la.

Cantam, passando novamente os braços sobre a cabeça:

Retira o bagaço,
Torna a retirar,
Mette canna, crioula,
E deixa passar...
Dom, dom!

—Depressa, meu tio, depressa!... puxe pelo pé!... O bagaço só é bonito dansado a todo galope. Depressa!... Está cansado?...—repetia a menina accelerando o passo num giro rapido de entontecer.

—Si tu... não... cansas... quanto... mais eu...—dizia o velho titubeando, acompanhando-a em suores e mal podendo se ter, de fatigado que estava. Cantam:

O engenho novo
E' de mororó,
Mette canna, crioula,
Deixa passar nó...
Dom, dom!

Passando os braços sobre a cabeça:

Retira o bagaço,
Torna a retirar,
Mette canna, crioula...

—E eu... me... sento aqui—concluiu Antonio, largando apressadamente as mãos de Candida e sentando-se com todo o peso, num banco, junto do qual ia passando, porque a não fazer, cairia.

—Eh! eh! cansou, cansou!...—bradou Candida.

—Cansei... o que!... estou com os pés..-quen...tes... quando... esfri... arem...—fez o pobre velho, articulando sylladas, pois a fadiga o obrigava a entrecortar as palavras. Estava esbaforido; com as mangas da camisa enxugava o suor que lhe corria em bagas pelo rosto. Nas costas a camisa estava pregada no corpo, como si elle tivesse levado chuva, seguindo a direcção do vento.

Os presentes não davam por isso, de entretidos que estavam nos parabens que davam aos dansadores e nas risadas que soltavam. Só José Antonio notou o cansaço do pai. Aproximou-se delle, sentou-se a seu lado e pediu-lhe que fosse comer alguma cousa, tomar ao menos um copo de leite, pois a sua idade não lhe permittia estar em jejum até aquella hora; o sol já pendia...

—Vae-te embora, *home*... Eu posso estar três dias sem comer e meu *estambo* não dá horas—respondeu Antonio que, apesar de ter bons dentes, não sentia fome nem queria dar o braço a torcer.—Estou aqui esfriando os pés para dansar mais.

—Para que estas dansas tão fora de tempo, meu pai?

—Que é que estás dizendo, *home*? fóra de tempo?... estás doido?...

Fica sabendo que hoje é o dia mais feliz de minha vida. Nós deviamos fazer um samba...

—Mas a sua noiva está fraquinha, não póde dansar...

—Ah! sim, não me lembrava... tens razão, tens razão, não danso mais.

Candida correu ao quarto de Dunamira e perguntou-lhe:

—Ouviste o bom cantador? Está doidinho de alegria; cantou, dansou, saltou, peneirou-se, mesminho como macaco dansando ao toque de realejo. Dansei com elle o bagaço e fiz o diacho, *pintei o sete... saiu cinza!...* Não ouviste?

—Ouvi— respondeu Dunamira sorrindo.

—Mas não viste, é pena! teu velhinho ficou botando a alma pela bocca... Ah!... e então? eu não te dizia que sempre vinhas a querer? Quizeste ou não quizeste?

—Quiz a minha sorte.

—Eu sabia...— tornou Candida saindo do quarto e cantando:

—Nunca vi carrapateira
Botar cacho na raiz;
Nunca vi moça solteira
Ter palavra no que diz.

XXIII

Eram cinco horas da tarde.

Preparava-se a comitiva para acompanhar Dunamira ao lar paterno. A alacridade de todos e principalmente de Antonio e Joaquim da Matta, se transmittia aos moveis, dos moveis á casa, da casa ao solo, do solo ás plantas, das plantas á viração, da viração á natureza. Tudo ali sorria, tal é a força do contagio.

Seria simples illusão de optica ?

Não; é facto mil vezes observado.

Num quarto mortuario tudo é lugubre, tudo chora; até as chammas dos cirios parecem mescladas de veias de luto. Na camara nupcial é tudo ridente, tudo é scintillante; o tecto, as paredes, o pavimento, os moveis, os adornos, está tudo impregnado dos prazeres dos noivos. Os olhos vêm segundo o coração. Ri o coração ? cantam os labios. Que são os sentidos corporaes?

Servos fieis do coração, com o qual jamais estão em desaccordo. O que ao triste parece um mar de impertinencia e afflicções, parece ao contente um mundo de divertimentos e gozos. Aquelle que está enfermo d'alma e do corpo, vê no quadro mais pinturesco, phantasmas aterradores; sente calafrios ao ouvir o mais bello trecho de musica instrumental como si fossem dardos a ferir-lhe o peito ou o gargalhar sarcastico do destino; experimenta sensações desagradaveis quando lhe impressiona o olfacto o mais delicado aroma como si fosse cheiro nauseativo; ima-

gina encontrar, ou encontra realmente, materias urticantes que lhe martyrisam o corpo, no leito em que repousa, por mais delicioso e macio que seja; repelle a mais odorosa e delicada iguaria, porque não a póde tragar, como si fôra o mais grosseiro alimento. Succede, porém, justamente o contrario ao sadio e satisfeito: Tudo lhe agrada os sentidos, tudo lhe corre bem. E por que? Porque tudo depende do estado de padecimento ou de gozo do corpo e do espirito. Seria o mundo melhor si não fôra assim?

Responda-o quem souber.

Quando Dunamira entrou no copiar já estavam todos á sua espera. Ao vê-la disse-lhe o pai com brandura:

—Estás acabadinha, minha filha!

E disse a verdade. Dunamira estava deveras quebrantada. Os passos incertos e vagarosos, o olhar timido como si houvera despertado ha pouco, uma palidez de hectico a cobrir-lhe as faces davam-lhe aparencias de uma convalescente.

Podera! um mês de trevas, de lagrimas, de abstinencia, não podia deixar de reduzi-la áquelle estado. Seus labios, comtudo, estavam entreabertos por um sorriso dubio, sorriso que exprimia talvez um misto de alegria, allivio e resignação.

—Estou com medo que ella não bote lá, *seu* Joaquim—disse *sinha* Maria.

—Não bota não. Andar quasi meia legua neste estado!... é custoso.

—Vae a cavallo—disse Antonio.

—Queres ir a cavallo, minha filha? — perguntou Joaquim.

—E' melhor—disse *sinha* Maria.

—Como quizerem eu vou — fez Dunamira, pois se sentia sem forças para tamanha caminhada, embora, quando bôa, costumasse dizer:— Daqui lá é um salto de pulga.

Antonio tivera provavelmente a lembrança de leva-la ao hombro como a houvera trazido: não se animou, porém, a propo-lo, e disse a Benedicto que fosse sellar o cavallo de José Antonio, e accrescentou:

—O cavallo do José não presta, é assustado; mas não me lembrei de mandar buscar um dos meus...

Mas a distancia é pequena, não dá tempo a elle se assustar — observou Joaquim da Matta.

Benedicto voltou logo com o cavallo arreado para homem.

—A Namira vae nesta sella? perguntou Candida.

—Não, quem vae na sella é teu pai; a Namira está fraquinha, não póde ir só num cavallo, vae de garupa—disse *sinha* Maria.

Concordaram todos. Joanna tomou logo uma coberta, dobrou-a em quarto, e com ella cobriu a manta de couro de bode que Benedicto acabava de estender sobre as ancas do cavallo. Joaquim da Matta montou-se. *Sinha* Maria deitou na cabeça de Dunamira um chale encarnado, que lhe caiu sobre os hombros e lhe occultou quasi todo o rosto, e levou-a pela mão até a cavalgadura, onde já estava Benedicto esperando para ajuda-la a montar. A rapariga sentou o pé direito na pal-

ma da destra do rapaz, firmando-se com a mão direita no hombro delle e com a esquerda no arção trazeiro da sella. Então o rapaz a levantou, como si levantasse erecta palmeira, até que ella se sentou na garupa do cavallo.

—Arre! pesa que nem uma penna—disse Benedicto.

Dunamira sorriu e passando o braço esquerdo sob o braço esquerdo do pai, apoiou-se com a mão no peito deste.

—Estão promptos ?—perguntou Joaquim.

—Estamos, póde marchar—responderam.

O séquito partiu. Joaquim da Matta botou o cavallo a passo para que os companheiros, que iam a pé, pudessem acompanha-lo sem difficuldade.

Logo atraz do cavallo seguiam Antonio e Benedlcto, e atraz destes, Candida, Marianna, Luizinha, Joanna e *sinha* Maria. Estes levavam os calçados na mão porque no caminho havia agua aqui e ali.

O sol aproximava-se do occaso, estava, porém, maior e mais fulgurante do que nunca. E o céo ? Oh ! o céo já não era o mesmo, havia crescido e estava mais elevado, muito mais. Que belleza incomparavel! Nas contiguidades do horizonte, se via marchetado de nuvenzinhas carminadas e aureas, e no alto, coberto de lindissimos recamos de cirros avelludados; estava encantador. Quem póde contemplar o céo sem pensar no Supremo Architecto do Universo ? Dunamira não podia, pois, deixar de se lembrar do Creador ao contemplar aquella maravilha de que ella nada sabia, nada entendia, a não ser que se

chamava—céo e que talvez julgasse ser a base, o pavimetro da celeste morada de Deus, dos santos e dos anjos. Si voltava os olhos para a terra, notava tambem nesta grande mudança. No campo, na varzea, a vegetação lhe parecia mais viçosa e opulenta e coroada de flores mais lindas e perfumosas. No cantar dos passaros, no mugir das vaccas, no balir das ovelhas, achava tambem um quê de poesia que lhe era desconhecido. Mal sabia ella que a maior parte da poesia, que a deliciava naquelle instante, provinha do seu contentamento intimo. E de que provinha seu contentamento intimo ? De já ser noiva ? de sua futura riqueza ? Não, absolutamente não; provinha exclusivamente da liberdade que lhe acabavam de restituir, e do prazer de voltar ao lar paterno. Já não era a prisioneira de um quarto escuro, já podia contemplar o céo, sentir a tepidez do sol, respirar o halito odoroso daquella paizagem tão linda e voltar a seu querido berço—a casinha de seus pais. Como é doce a liberdade ! Estava livre, embora condicionalmente, mas estava livre, e nada mais desejava. Comprou a liberdade pelo compromisso de se casar com um velho, mas não estava arrependida, preferia tudo a estar encerrada entre quatro paredes de uma rigidez feroz. Fôra uma tôla em não tê-lo assentido ha mais tempo. Si soubesse...

Emquanto ella se entregava a esses pensamentos, a distancia era vencida passo a passo. Seus companheiros palravam de continuo e ella não os entendia, não os escutava de absorvida que estava na doçura da liberdade recuperada

E, todavia, o sorriso não lhe fugia dos labios e a vida parecia voltar-lhe com a sofreguidão com que ao mar voltam as ondas.

Quando avistou a casa paterna, sentiu o liquido vital percorrer-lhe o corpo, membro a membro, orgão a orgão, molecula a molecula, causando-lhe o titilar deleitoso, a sensação agradabilissima que experimenta quem se vê, depois de longa ausencia, diante de uma pessôa idolatrada. Começou a sentir o perfume peculiar e doce da casa que lhe serviu de berço, o qual só póde ser precisamente avaliado pelo filho extremoso que regressa ao lar depois de dilatada separação. Havia um mês que não via a sua casinha, que estava privada do seu conforto, e entretanto lhe parecia que fazia um anno, dois ou mais ainda. Como lhe aprazia a vista aquella choupana já velha e deteriorada pelo tempo! O mais rico e esquisito palacio não lhe agradaria tanto. Faltariam uns três hectometros para chegarem á casa, quando um leitão, que fossava á orla do caminho, fez o cavallo assustar-se e recuar tufando as ventas.

Joaquim apertou fortemente com as pernas a barriga do cavallo e disse á filha.

—Não caia...

—Já caí, meu pai,—respondeu Dunamira caindo sentada.

Correram todos para ella. *Sinha* Maria tremia de susto, vendo sua filha, tão fraquinha, tão magrinha, cair assim; mas a rapariga socegou-a logo, dizendo nada ter soffrido.

—Eu bem digo todos os dias ao José que este cavallo é um sendeiro—exclamou Antonio.

—Mas este diabo ha de conhecer mão de mestre!...—bradou Joaquim da Matta com arrogancia.

E procurava domar o cavallo, esporeando-o desapiedadamente e açoitando-o com um látego de sola entrançada. O cavallo, porém, tanto mais castigado se via quanto mais acuado ficava; endurecia o pescoço, arqueava o corpo, firmava as patas no chão, como si dissesse:—vamos ver quem vence.

—Desmonte-se, que é melhor, *seu* Joaquim...

Não tem medo de cair?—dizia *sinha* Maria.

—Cair o que, mulher! Não me desmonto... hei de fazer este sendeiro conhecer força de homem!...

E lategadas enormes estalaram nas ancas do animal, ao tempo que esporadas terriveis lhe faziam espirrar sangue da barriga.

O cavallo enfureceu-se, soprou com força e deu tão formidavel upa, que *seu* Joaquim lhe voou sobre as orelhas e se estendeu de ventas no chão, lá adiante, caindo-lhe o chapéu da cabeça.

—Está em que deu a valentia!... eu estava vendo isso mesmo!...—dizia *sinha* Maria, correndo para o marido e perguntando:

—Maguou-se? feriu-se?

—Não, mulher; sae daqui, sae daqui!... gritava Joaquim da Matta, levantando-se com presteza, sacudindo a areia do rosto e do fato, apanhando o chapéu e berrando:—Aquelle brutão, aquelle sendeiro, me ha de pagar bem pago; hei de tirar-lhe o couro do corpo!...

—Então, mãos á obra, compadre;—disse Antonio—basta de falar, *cão que ladra não morde.* Monte logo, vá dar-lhe uma esfrega bôa, correr esta vargem de alto a baixo, deixa-lo cansado, pingando suor...

Joaquim da Matta, muito enleado, com os olhos baixos, abotoando o botão superior da calça que se desabotoara na queda e dizendo comsigo:—Diabos me levem, si eu cair noutra—respondeu abanando a cabeça:

—Hoje, não, de outra vez.

—Ah! é de outra vez!... Faz bem, *prudente morreu de velho.*

—Faz bem mesmo — acudiu *sinha* Maria—*quem de uma escapa cem annos vive.*

Benedicto montou-se no cavallo e voltou para a casa de José Antonio.

Os outros seguiram para casa de Joaquim da Matta, da qual já estavam perto e onde chegaram em poucos minutos. Emquanto Marianna tratava de fazer café para todos, Dunamira, apesar de fraquinha, ia, de quarto em quarto, bemdizendo seu regresso. Antonio, Joaquim da Matta, *sinha* Maria e Joanna falavam do casamento que devia ser realizado logo. A noiva, pelo seu estado de magreza e abatimento, precisava ser bem alimentada, e para isso Antonio mandaria duas das suas melhores vaccas de leite, e mais uma ovelha, três gallinhas e alguns ovos; e accrescentava:

—Muito cuidado com ella, comadre, muito cuidado; si for bem tratada, em poucos dias voltará ao que era.

Todas as despesas correriam por sua conta. No dia seguinte mandaria Benedicto á villa comprar o que fosse necessario para o enxoval de sua noiva.

Joanna prometteu encarregar-se de algumas compras e Antonio concluiu :

—Olhe, comadre, não quero que a Namira trabalhe agora, está fraquinha, mande coser fróa o que for indispensavel, que o mais ficará para depois: *quem vae para casa não se molha.*

Depois de tudo tratado e combinado convenientemente, se retiraram Joanna e Antonio. Este saltava de contente, julgando-se o homem mais feliz do mundo.

XXIV

Dunamira, a custo de muito leite e do appetite com que se alimentava depois daquelles longos e terriveis dias de abstinencia, voltara depressa ao que era antes do rapto. Si não estava ainda bastante gorda, tambem não estava magra nem menos bonita. Vinte e tantos dias fazia que ella voltara ao lar paterno, quando numa bella manhã se realizara seu casamento com Antonio na casa deste, por ser a mais condigna do acto

A casa era de taipa, coberta de telha, mui-

to grande, cercada de alpendres e bem arejada. Estava reparada e caiada de novo, e o alpendre da frente ladrilhado e preparado para as dansas.

Não contava, de certo, menos idade do que seu dono, dir-se-ia, comtudo, recentemente construida. Diante das dezenas de casebres que se viam nas suas vizinhanças, apresentava a desproporção que ha entre uma grande arvore e os arbustos que a rodeiam, e fazia o bello effeíto que á nossa vista faz a lua entre as estrellas; notando-se, porém, que estas assim nos parecem por se acharem as estrellas infinitamente mais distantes de nós do que a lua, e aquellas, ao contrario, quanto mais de perto fossem olhadas, tanto maior differença mostrariam. «E' uma *babilonha!*» dizia o povo admirando a casa. E aquelles que diziam frequentemente: «aqui cheira a dinheiro...» mais persuadidos disso ficaram no dia das segundas nupcias do jactancioso velho.

O casamento realisou-se ás oito horas da manhã e foi celebrado pelo mesmo padre que tanto para elle concorrera, já conseguindo o consentimento da noiva, já encarregando-se, não gratuitamente, mas com inteira satisfação, de todas as formalidades exigidas pela Igreja.

Assistiram a elle todos os parentes e amigos dos nubentes e todos os moradores do lugar, excepto Reinaldo e os seus. O proprio Manezinho, tão amigo de Reinaldo, não faltou nem deixou de dar vehementes vivas aos noivos e tão pouco de regalar-se da festa. Após a ceremonia, seguiram-se os abraços de congratulações, este cilicio imposto pelo uso e que todos rocebem sorrindo e resignados. O noivo reprimia o excesso

de seu prazer com a moderação que lhe impunha o momento, não deixava, porém, de sorrir, quer estivesse falando, quer silencioso. Dunamira sentia-se tambem contente e venturosa. Sentada ao lado de seu maridinho sexagenario, mostrava-se desvanecida e provavelmente não se lembrou uma vez siquer de que estaria mais contente, si estivesse casada com Reinaldo.

O trajo de noiva lhe condizia bem. Podera não? O trajo de noiva encobre as deformidades das feias e dobra os encantos das bonitas. Quantas jovens não são impulsionadas ao casamento principalmente pelo desejo de se verem vestidas de noiva? Não admira, portanto, que Dunamira se mostrasse ufana e graciosa no seu vestido de setineta branca, de grandes ramagens, enfeitado de fitas e renda, sem cauda mas bem acabado, sobre o qual se estendia o véo niveo e transparente que lhe cobria a cabeça, que se via coroada de linda grinalda, cujas flores artificiaes simulavam as de laranjeiras. Sentia-se orgulhosa vendo as centenas de olhares que lhe dirigiam e ouvindo a cada momento:—A noiva está linda! Está bonita a noiva!

Logo que se sentaram os noivos, Benedicto e José Antonio se apresentaram de copo e garrafa na mão, offerecendo bebida aos convidados. A' medida que augmentava o prazer das moças e dos rapazes, crescia-lhes o anceio pelas dansas que não davam começo, receando a presença do padre. Este, como si lhes lêsse no pensamento, animou-os:

—Dansem! dansem! A occasião é propria·

Em signal de agradecimento, atroou em toda a casa o grito unisono:

—Viva o nosso vigario! viva! viva! viva!

Immediatamente os tocadores tangeram os instrumentos e um improvisador cantava:

No padre eu vejo a imagem
De nosso Pai das alturas
Que o formou para guiar
Neste mundo as creaturas.

Quando eu vejo a santa c'rôa
Do padre, tiro o chapéo,
Cuido ver a lua cheia
A brilhar no azul do céo.

Seguiram-se outras. O padre sorria com a sua amabilidade habitual.

Começaram as dansas. Cinco violas, acompanhadas de outros tantos pandeiros e mais três rabecas, marcavam o compasso ás dansas populares em que os rapazes, as moças, homens e mulheres de meia idade, casados, solteiros e viuvos e até os mais divertidos velhos se moviam animadamente, uns na sala em que se achavam os noivos e outros no alpendre. O baião, o *côco*, o *bagaço* e outras dansas populares eram executados por uns com perfeição e graça, por outros com impericia e desaires muitas vezes visiveis.

Seis ou oito cantores de *pé de viola*, verdadeiros poetas inspirados e talentosos, como ha innumeros entre o nosso povo, os quaes, não obs-

tante não terem cultura alguma, improvisavam com a mesma facilidade com que o faziam Bocage e Moniz Barreto, cantavam louvores ao padre, aos noivos, aos donos da casa, aos convidados mais notaveis... e eram applaudidos calorosamente. A's onze horas mais ou menos, foram os divertimentos interrompidos pelo lauto e saboroso almoço, talvez ha muito esperado e appetecido pelos estomagos vasios e excitados pelo aroma das iguarias. A' primeira mesa sentaram-se: o padre, que nesse dia subira, na opinião daquella boa gente, ao ponto culminante da dignidade, os noivos e os padrinhos, o pai e as irmãs da noiva e os convivas mais respeitaveis. Benedicto e José Antonio eram os mais diligentes servidores da mesa. Todos comiam e bebiam a contento, rindo, conversando, fazendo saudes, mas tudo moderadamente, pelo respeito devido á presença do padre. Somente a noiva não comia, a não ser um ou outro bocadinho, a instancias da madrinha que lh'os levava á bocca, pois era este o costume dali naquelle tempo, talvez para advertir á noiva que assim devia ella alimentar os filhinhos. Terminada a primeira mesa, seguiram-se muitas outras, de modo que todos almoçaram regaladamente. Á uma hora da tarde, o padre, depois de abençoar a todos e particularmente aos noivos, a quem expressou o desejo de que fruissem uma feiicidade intermina, se retirou muito satisfeito e capacitado de que os noivos lhe ficariam bastante agradecidos. Com a saida do padre tomou a festa maior vulto. Moviam-se todos com maior liberdade. Os proprios noivos dansavam com mais satisfação. Os cantadores, ajudados pela alegria

que lhes davam as bebidas alcoolicas, sentiam-se mais inspirados e cantavam desembaraçadamente, dirigindo improvisos aos noivos e mais dansadores, fazendo realçar os donaires de uns e os desaires de outros. Um delles, dirigindo-se ao noivo:

As nossas plantas na secca
Se desfolham, murchas ficam;
Vem a chuva e as renova,
Reverdecem, fructificam.
Assim ao velho o amor
Torna moço e dá vigor.

Outro, á Candida, que dansava com pericia:

Quando tu passas dansando,
Sem quasi pisar no chão,
Supponho ver uma penna
Nas asas da viração.

Mais outro, vendo passar uma rapariguinha, que, embora dansasse bem, claudicava ligeiramente de uma das pernas:

Ter uma perna mais curta
Que a outra não é defeito,
Faz dansar com faceirice,
E pisar com certo geito.

Ao passar outra de cintura muito grossa:

Ser eu quizera uma fita
De três dedos de largura
E um palmo de comprimento
Para cingir-te a cintura!

Disparavam os ouvintes gostosas risadas e a chasqueada respondia, fazendo carantonhas e dando muxôxo. Nesta animação continuaram até que *sinha* Maria e Joanna pediram que fizessem treguas ás dansas, afim de descerem para o jantar. Este foi servido ás quatro horas. Não houve nelle a ordem, serenidade e consideração observadas no almoço.

A ledice dos convivas, a profusão de saudes aos noivos e mais presentes, o ruido dos pratos, talheres e copos de mistura com as risadas de uns e os gracejos de outros, faziam um alvoroço indescriptivel. Os pratos vasios eram substituidos pelos cheios, as garrafas seccas voltaram ao deposito do vinho ou da *branquinha,* donde vinham repletas. Aqui entornava-se um copo, cujo liquido se espalhava sobre a toalha e corria em fios sobre o vestido de uma moça, que saia da mesa enfadada, ou sobre a calça de um rapaz, que se levantava limpando a roupa e praguejando; ali vacillava uma chicara no pires, salpicando de café o fato dos vizinhos e zás caia no chão, ficando em pedaços. E tudo isso augmentava a galhofa. Levantavam-se uns, sentavam-se outros, e assim continuou até ficarem todos satisfeitos. Eram mais de seis horas, quando terminou o jantar. Imme-

diatamente as salas e o alpendre foram illuminados com velas de cera de carnaúba em lampiões, que se viam suspensos, dois ou três em cada parede. Recomeçaram as dansas nas salas, nos alpendres e até nos terreiros. Novos louvores aos noivos, ás moças, aos donos da casa, a todos e a tudo. Emquanto Dunamira ia e vinha, de braços abertos, dando castanhetas, nos volteios do baião, cantava um:

Com uma noiva como esta,
Não se me dera casar
Duas vezes por semana,
Só para vê-la dansar.

Como brilha a papa-ceia,
Em noite de escuridão,
Assim sobresae a noiva
No meio desta funcção.

Outro cantava ao noivo:

Com ardor e faceirice
De que só elle é capaz,
Dansa o noivo, e se requebra,
Como si fôra rapaz.

Responde outro:

E' velho, porém mais velho
E' o sol que nos alumia
E nem por isso esmorece,
Nem se apaga e nem se esfria

Ali, mais outro canta, interrompendo os applausos:

Não é velho quem possue
Centenas de patacões,
Que o dinheiro dá saúde,
Mocidade e seducções.

Viva o noivo, viva a noiva!
Neste palacio de fada,
Deus lhes dê muita ventura,
Muito goso e filharada.

Antonio, inchado de contente, olhou instinctivamente para a noiva, e ambos sorriram. Um chuveiro de palmas e de vivas troou nos ares ensurdecendo tudo. Os effeitos da *canna* já eram bastante visiveis nos tocadores, cantadores e em muitos dansadores. O noivo tambem estava ébrio, mas ébrio do contentamento causado pela sua felicidade e pelos louvores que recebia. Seria conscio de seu merecimento? Não, nem fazia neste ponto excepção de regra.

Candida, muito faceira, com o vestido de cambraia branca e as chinelas de polimento que lhe dera Antonio, sentou-se entre duas amigas e lhes disse:

—Arre! já estou molle de dansar!...

—Si não te sentas...

—E' o geito, sou irmã da noiva...

—A Marianna tambem é, e não tem dansado como tu.

—Ora, a Marianna! aquella quer fazer-se velha antes de tempo, só dansa obrigada.

—Uma cousa, Caindinha: pediste á noiva que te chamasse, quando estivesse nos pés do padre?

—Eu, não! preciso lá dessas mandingas!... O meu já está bem seguro, é só um, porque não póde ser mais.

—Pois eu, meu bem, como não tenho nenhum de olho, pedi; e pedi que ella me chamasse três vezes, dizendo—vem logo, Mathiasina.

—E eu tambem, mas pedi ao noivo, porque dizem que não falha nem custa.

—Eu duvido é que o noivo tenha feito teu pedido.

—Por que?

—Porque está doido de alegre e só se lembrava de estar casando.

Nesse momento *atiraram* em Candida e numa das amigas, as quaes se viram obrigadas a entrar de novo na dansa.

Os dansarás continuaram até a madrugada do dia seguinte. Já o noivo se manifestava enfadado, somnolento, bocejava repetidas vezes, como pedindo aos convidados:—Terminemos isto!—Muitos outros se mostravam igualmente fatigados, alem dos que dormiam ha muito, junto ás paredes, em cima dos bancos ou em lugar onde não podessem ser pisados pelos dansadores. Mas, quando terminou a folia, já o crepusculo matutino espalhava seus primeiros clarões. Na occasião das despedidas, tiveram os noivos de receber mil agradecimentos, novas felicitações, novos abraços, novos protestos de amizade e novas declarações

dos votos que faziam para que a felicidade de ambos fosse completa, duradoura e abençoada por Deus.

Antonio agradecia a todos com poucas e delicadas palavras e mui jubilosamente. Dunamira apenas abaixava os olhos e sorria.

Na saida, que atrapalhação, que balburdia!

Uns faziam suas trouxas, outros preparavam suas cavalgaduras. Estes buscavam o chapéu, as esporas, o chicote; aquelles o chapéu, as alpercatas, o cacete... E as mulheres? Jesus! entre estas era maior a confusão: uma gritava pelas filhas, outra não sabia dos filhos; a estas faltavam as chinelas ou tamancos, a saia de baixo, o lençol de cabeça, lenço; aquelles procuravam o pente, vestidinho de uma filha ou chapéuzinho de um filho. Aqui uma mãe acordava uma creança que se levantava estremunhando, esfregando os olhos e chorando; ali uma mulher deitava nos braços do marido uma creancinha adormecida; acolá estava outra chamando o marido que, devido á carraspana, dormia de bruços em um banco na alpendrada, o qual mesmo dormindo lhe respondia, repetindo as ultimas syllabas gutturalmente.

—*Pollonho! Pollonho!*... dizia ella puxando-o brandamente pelo braço.

—*An!*...

—*Vão bora, home*... o sol *tá* saindo...

—In...do...

—Anda, *Pollonho!*... tu *qué ficá*...--e puxava-o com mais força.

I...cá...i...cá—repetia o ébrio a dormir.

—Tu *non* acorda, *pru* que *tá* é *bêbo*...

—Bê..bêbo...

—*Vão bora, muié*, deixa teu marido, *condelle acordá*, vae...—disse-lhe uma vizinha aproximando-se.

—Eu vou, mas tu *hai* de *vê* o *baruio qui* elle faz *condo chegá*.

—Faz lá nada!... *O'ia* o meu... *tá li esparrado* no chão junto da parede; ali mesmo fica.

Sairam. Mais alem, gritavam outras:

—*Comadre Antonha, péra pur* mim *qui* eu *tombem* vou...

—Josepha! Ignez! vocês *non* se *fartaro* ainda, meninas? *Quere ficá?* Ora, qu'estas *moça non* se cansa!... *Vão bora...* teu pai já se largou adiante.

—*Marcha, muiérona!*—dizia uma mãe a uma filha pequena, que marchava somnolenta e vagarosa.—Si *non póde andá pra que vinheste?*

—Mamãe, o *Inaço tá* mettendo o dedo na minha *chica* de arroz *qui sinha Joanninha* me deu... gritava uma menina.

—*Mintira*, mamãe, é ella *qui* tirou uma dentada do meu pedaço de queijo...

E nessa algazarra indescriptivel iam saindo: ora três ou quatro cavalleiras acompanhadas de meia duzia de cavalleiros; ora outros tantos cavalleiros, levando, cada um, uma mulher na garupa do cavallo e uma creança no arção dianteiro da sella; ora dois ou três burros com carga de *cassuás*, vendo-se em cada um destes uma ou duas creanças, e um menino no meio da carga; ora um rancho de homens, mulheres e creanças... marchando a pé, e todos fartos e satisfeitos a

apregoarem: – Festão! festão! como não houve outra nesta terra, nem haverá mais.

Cada mulher levava num prato, num lenço, numa tigela ou numa cuia, migalhas da festa, a titulo de–um engano para os meninos. Já despontava a manhã, quando se retiraram os ultimos convidados. Fosse grande embora o numero dos ébrios, não houve disturbios nem rixas a lamentar, porque Joaquim, Benedicto, José Antonio e outros envidaram todos os esforços para evita-los. Logo que se retiraram todos, recolheram-se os noivos e os mais de casa para repousar. Era o ponto final da ruidosa festa.

XXV

Quem voltasse ali dois annos depois das segundas nupcias de Antonio, notaria grande mudança.

Dunamira estava muito mais gorda e jovial do que era em solteira e sentia-se grandemente venturosa. Queria tanto ao esposo que lhe dizia muitas vezes, falando do seu original casamento:

—Ha mais tempo devias ter feito isso. Vivo hoje tão alegre! sou tão feliz!...

E, então, recordavam entre risos e caricias tudo que Antonio fizera para desposa-la. Davam-se es-

ses colloquios sempre que Dunamira, sentada em um banquinho ou em uma cadeirinha de sola muito baixa, corria os dedos nas desbastadas cans do marido, que estava sentado aos seus pés; e elle ou lhe cingia a cintura com um braço ou lhe titillava as axillas e os joelhos delicadamente.

—Está bom, si continúas a fazer-me cocegas, me levanto—dizia ella, rindo, contraindo-se e tentando mostrar enfado.

—Hum! estás muito ardega!

E riam gostosamente.

—Cata, cata, não faço mais—dizia o velho.

Assim proseguiam até que alguem ou os seus trabalhos os obrigavam a se levantarem. Casados ha dois annos, dir-se-iam casados ha três ou quatro dias e estarem ainda na lua de mel, tal a afabilidade com que se tratavam. Uma bem nutrida e mimosa filhinha concorria para as delicias do feliz casal. Antonio, não obstante grande numero de annos, estava ainda esperto e bem conservado. Dunamira levantava, de vez em vez, os olhos ao céo e dava graças a Deus pelo bom senso e poder de vontade que dera a seu pai, porque, si não fôra isso, não teria casado com Antonio nem seria tão feliz.

Joaquim da Matta e *sinha* Maria viviam tambem muito satisfeitos. Marianna e Candida estavam ainda solteiras. Esta continuava como sempre—boa, sympathica e muito alegre, esperando casar-se com um dos primos, o mesmo que ha dois annos estava seguro, conforme dissera ella ás amigas.

Esperava-o com paciencia, como elle esperava que lhe viesse a resolução de se tornar pai de familia. Marianna continuava sempre a mesma, sem se arredar uma linha de seus antigos habitos—boa, delicada e sisuda como uma freira. A graciosa Luizinha, que havia nos dois annos ganhado umas dez pollegadas na altura e a frescura e lindeza de um botão de rosa prestes a desabrochar, ia attingindo a phase delicada em que a menina e a moça se confundem de tal modo, que uma é tomada pela outra.

Benedicto perseverava na sua vidinha de rapaz solteiro e requestado. Si alguem lhe lembrava a necessidade de uma companheira, respondia jovialmente:

—E' cedo, é cedo; estou muito moço e quero gosar mais algum tempo minha liberdade.

Anastacio não pensara da mesma forma, pouco tempo depois do casamento de Dunamira se casara com uma parenta em quarto ou quinto grau, a quem amava sinceramente e com quem vivia em doce harmonia e despreoccupado, como vivem todos os que se conformam com a sorte. Possuia ainda o seu *famoso* quartau que, dizia elle, daria a Lazaro, seu primogenito, quando este completasse sete annos, e a creancinha tinha apenas três mêses.

Reinaldo, que dizia não poder jamais esquecer Dunamira, em menos de um anno cantava a palinódia; mas a culpada disso foi Rosa, a sobrinha de Manoel Luiz. A primeira vez que elle a viu foi no dia em que se dissiparam seus primeiros sonhos de moço, suas esperanças mais gratas, seus desejos mais ardentes. Viu-a, portan-

to, com a indifferença com que olhava para a lua. Começou depois a notar que ella era amavel, bemfeitinha, bonitinha, de faces rosadas e olhos grandes e vivos. Apesar de tudo, seu coração não se abria, isto é, não queria abrir-se, não queria que se lhe gravasse no amago a imagem da gentil rapariga. Uma tarde, porém, e que bella tarde! o acaso (talvez a sorte) o levara á casa de Manoel Luiz. Era quasi ao pôr do sol. Rosinha estava só. Achava-se, nesse momento, de mangas arregaçadas até acima do cotovello, mostrando os braços bem torneados e subtilmente peluginosos, de pescoço desnudado até á raiz pela golla do casaquinho já velho e a que faltava o primeiro botão, e acocorada no terreiro diante de um alguidar em que se viam alguns pratos que ella ia esfregando, um a um, com cinza e folhas verdes. Reinaldo aproximou-se vagarosamente e, vendo que ella não tinha dado pela sua chegada, disse-lhe sorridente:

—Está muito entretida, Rosinha! Como vae?

—Oh! oh!...—tartamudeou a moça dirigindo-lhe um olhar rapido, mas ardente, baixando logo a vista, enrubecendo e visivelmente enleada. E' que ella, desde a primeira vez que o vira, não mais deixou de vê-lo no pensamento. Amava-o inconscientemente, mas amava-o com sinceridade.

—*Seu* Mané Luiz não está em casa?

—Não, mas volta logo. Sente-se nesse banco...

Indicou-lhe um banquinho junto á parede. Reinaldo sentou-se defronte della e fitou-a de-

moradamente, sentindo nisso prazer immenso e fazendo votos para que os velhos tardassem muito. Rosinha não o olhava senão a espaços e timidamente; sentia, porém, o olhar delle envolvê-la como um lençol de luz, pesado, oppressivo, mas de calor suave, iudefinivel, a causar-lhe sensações deliciosas.

Desejava levantar-se, mas não ousava fazê-lo, porque as pernas lhe tremiam e pareciam dormentes.

A lavagem dos pratos se difficultara, como si estivessem embaraçados uns com os outros; e ella não deixava de mexê-los. Sentia-se perturbada, engulindo... nada, pois lhe seccara a saliva; e, comtudo, si lhe perguntassem, em segredo :—Queres que Reinaldo se retire ? responderia três vezes, não.

—Como vae sua tia ?—perguntou o rapaz.

—Bem, Deus louvado.

—Está em casa ?

—Não, senhor; foi apanhar algodão.

—Tiveram muito algodão este anno ?

—Um bocado bom, mas quasi todo do tal quebradinho.

—Não gosta do quebradinho ?

—Eu, não; é muito trabalhoso.

—Minha mãe diz outro tanto, mas eu prefiro plantar delle porque dá mais.

—O mesmo diz o *ti* Mané Luiz, mas é porque não vae descaroça-lo...

—Não é por isso não; é porque um pé do

quebradinho dá mais do que três do *crioulo* ou do *macaco*.

—Lá vem a tia Juliana—disse Rosinha.

A vista da tia lhe dera coragem. Deitou fóra a agua do alguidar, substituiu-a por outra e depressa enxaguou os pratos. Chegou Juliana com uma trouxinha na cabeça e um cesto de algodão debaixo do braço. Ao ver Reinaldo, saudou-o com affecto:

—Por aqui, *seu* Reinaldo? que novidade o traz por este seu rancho?

—Nenhuma, *sinha* Juliana;—disse Reinaldo se levantando, vim somente vê-los. Como tem passado? — Apertou-lhe a mão e sentou-se de novo.

—Assim, assim, como Deus é servido. E a sua obrigação?

Minha mãe vae indo naquella vida della, e meu pai cada vez mais cheio de rheumatismo.

—Já fizeram o remedio do limão?

—Eu nem sei dizer; tem-se feito tanto remedio...

—Pois o limão é santo remedio, é sem igual —dizia Juliana botando a trouxa e o cesto no chão e sentando-se ao pé delle.

—Mas é tão difficil!...

—Na villa se encontra, sem trabalho. Quer ver um milagre do limão? No anno da epidemia das bexigas brancas, *seu* Mané Luiz apanhou um rheumatismo, que quasi não conta da historia; foi aqui nas cruzes, lá nelle—levou a mão aos quadris acredite, *seu* Reinaldo, que o homem passa-

va uma noite inteira, de fio a pavio, gritando num corte só. Eu (só Deus sabe como eu vivia) chorava... me pegava com as almas... não mettia um bocado na bocca e não pregava olho nem de noite nem de dia. Já fazia seis dias que elle estava neste gosto, quando appareceu aqui, já de noite, um velhinho mandado por Deus, e pediu agasalho. Elle ouviu *seu* Mané Luiz gemer e me perguntou quem gemia tanto e de que gemia. Eu disse que era meu marido e chamei-o para vê-lo. Elle foi, examinou-o bem e assegurou que em três dias o *seu* Mané Luiz estaria bom. Tirou uns seis limões duma mochila que levava, mandou assa-los e depois os espremeu num prato e ahi ensopou uma pasta de algodão que botou nas cruzes do doente. Os gemidos foram cessando, cessando, cessando... e dahi a um nadinha, estava *seu* Mané Luiz dormindo, e dormindo a somno solto. O velhinho deu-me outros limões.

A' noite fiz novamente o remedio e, no outro dia, o homem, *seu* Reinaldo, amanheceu de pé. Com três dias ficou bom, e até hoje.

Emquanto elles conversavam, Rosinha, aproveitando o ensejo, emborcou os pratos e o alguiguidar sobre um girau que ficava no terreiro unido á parede da casa, e entrou, mudou o vestido e voltou de novo, ao tempo que Mané Luiz chegava tambem. Reinaldo se demorou bastante, e, ao regressar á casa, levava a imagem de Rosa no pensamento, confrontava-a com Dunamira, mirando-lhes a côr, o porte, as feições... e o resultado da comparação foi o seguinte: Rosinha era mais alva, mais delgada e talvez mais alta; não

tinha menos suavidade no olhar, nem a voz menos doce; os braços, si não eram mais grossos, eram mais bem feitos; e o pescoço? oh! o pescoço era incomparavelmente mais bonito. Dir-se-ia que Dunamira quasi não tinha pescoço, de curto e furnido que era o della; Rosinha, pelo contrario, tinha os hombros descidos e o pescoço alto, galante e digno de um collar de pedras finas.

E tanto maís se estampava na sua imaginação o retrato de Rosinha, quanto mais se perdia na sombra do seu esquecimento a imagem de Dunamira. Três dias depois, já não havia desta senão ligeiros vestigios; e aquella se lhe tinha gravado na alma, nos olhos, lhe dominava o pensamento e era a visão encantadora de seus sonhos. Tambem já era tempo: seis mêses haviam decorrido desde que lhe roubaram seu primeiro amor, podia, portanto, esquecê-lo. Seus passeios foram mais frequentes á casa de Mané Luiz, se amiudaram de mais a mais, até se tornarem quotidianos. Os tios de Rosinha o acolhiam com muito affecto. Haviam comprehendido as intenções do rapaz e ficaram contentissimos. Rosinha ia fazer bom casamento e precisava, coitada.

A nova paixão de Reinaldo não passava despercebida a seus pais, que sentiam intima satisfação vendo-o voltar á sua actividade, já no trabalho quotidiano, já no gosto pela vida.

Nicolau aguarda paciente a confidencia do filho, prevendo que não tardaria muito. Tinha razão. Uma noite, ao terminar a ceia, emquanto Luzia lavava os pratos e Nicolau se deliciava

com as baforadas do seu cachimbo, Reinaldo ia e vinha cantarolando; depois tornou-se sisudo e disse a seus progenitores:

—Estou velho, preciso casar-me.

—Casa-te. Quem diz que não ?—fez Nicolau sorrindo.

—Já escolheste a moça? perguntou Luiza.

—Já; e creio que meu pai e minha mãe não levarão a mal.

—Quem é ella ?

—A sobrinha de *seu* Mané Luiz.

—Muito bem, é uma moça de mão cheia—disse Nicolau — Lastimo somente é não poderes estima-la tanto quanto ella o merece—e sorria á socapa.

—Por que?

—Porque não és homem que ame duas vezes, e, portanto, não poderás esquecer-te de Dunamira.

—Quem? eu?... já não me lembro si tal creatura existe—affirmou Reinaldo.

—Assim?... mais depressa do que eu esperava...

—Rosinha deitou-a fóra do meu pensamento como o vento sacode no chão as folhas seccas das arvores.

—Fizeste bem, meu filho—disse Luiza—rei morto, rei posto.

—E então? que te dizia eu?—continuou Nicolau—Amor? amor é como o fogo que só brilha emquanto ha lenha para alimenta-lo.

Algum tempo depois, eram Reinaldo e Rosinha duas metades de um todo: estavam casa-

dos e viviam em companhia de Nicolau e Luiza na mais perfeita união.

Nicolau dizia que a nora era uma rosa sem espinhos, e o dizia com razão, pois ella tratava ao sogro e á sogra com dedicação filial.

Reinaldo reatara amizade com o padrinho; estimava-o sem resentimento, visitava-o de quando em quando e passava dias em sua casa. Tratrava a Dunamira com amizade fraternal e muitas vezes a chamava, gracejando—minha madrinha.

—Que não muda com o tempo? Este é o panno de bocca do immenso theatro chamado—mundo; cada dia que o sol se levanta uma scena nova nos offerece á vista.